

UNIVERSIDADE FEDERAL DE JUIZ DE FORA
FACULDADE DE LETRAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LINGUÍSTICA

Tatiane Silva Tavares

**CONSTRUÇÃO BINOMINAL DE QUANTIFICAÇÃO INDEFINIDA DO
PORTUGUÊS – UMA ABORDAGEM CONSTRUCIONISTA**

Juiz de Fora
2014

UNIVERSIDADE FEDERAL DE JUIZ DE FORA
FACULDADE DE LETRAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LINGUÍSTICA

**CONSTRUÇÃO BINOMINAL DE QUANTIFICAÇÃO INDEFINIDA DO
PORTUGUÊS – UMA ABORDAGEM CONSTRUCIONISTA**

Tatiane Silva Tavares

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós Graduação em Linguística da Universidade Federal de Juiz de Fora, como requisito parcial à obtenção do Título de Mestre em Linguística.

Orientadora: Prof^a. Dr^a Thais Fernandes Sampaio

Juiz de Fora
2014

Tavares, Tatiane Silva.

Construção Binominal de Quantificação Indefinida : Uma abordagem construcionista / Tatiane Silva Tavares. -- 2014. 113 p. : il.

Orientadora: Thais Fernandes Sampaio
Dissertação (mestrado acadêmico) - Universidade Federal de Juiz de Fora, Faculdade de Letras. Programa de Pós-Graduação em Linguística, 2014.

1. Quantificação Indefinida. 2. Gramática das Construções. 3. Esquemas Imagéticos. 4. Constructicon. I. Sampaio, Thais Fernandes, orient. II. Título.

CONSTRUÇÃO BINOMINAL DE QUANTIFICAÇÃO INDEFINIDA DO PORTUGUÊS – UMA ABORDAGEM CONSTRUCIONISTA

Tatiane Silva Tavares

Orientadora: Prof^a Dr^a Thais Fernandes Sampaio

Dissertação de Mestrado submetida ao Programa de Pós Graduação em Linguística da Universidade Federal de Juiz de Fora, como requisito à obtenção do Título de Mestre em Linguística e aprovada pela seguinte banca:

Prof^a. Dr^a. Thais Fernandes Sampaio – Orientadora – Universidade Federal de Juiz de Fora

Prof^a. Dr^a. Luciana Teixeira – Universidade Federal de Juiz de Fora

Prof. Dr. Tiago Timponi Torrent – Universidade Federal de Juiz de Fora

Prof^a. Dr^a. Angélica Terezinha Carmo Rodrigues – Universidade Estadual Paulista

Juiz de Fora
2014

À Sofia, motivação maior de todo e qualquer esforço empreendido.

AGRADECIMENTOS

À minha família. À Sofia por me trazer tantos momentos de alegria e por me lembrar a todo instante que vale a pena lutar. Aos meus irmãos Andréa, Adriana e Júnior, pelo incentivo. À tia Betinha, que, com toda sua dedicação e carinho contribui, e muito, para tornar esse momento possível.

Aos meus amigos, por serem tão queridos e por me ajudarem a ficar firme nos momentos difíceis.

À minha orientadora, a Prof^a Thais Sampaio, por toda a compreensão, paciência e orientação atenciosa. Mesmo numa jornada de “trabalho de dedicação exclusiva” (na função de mamãe do Matheus!).

Ao Professor Tiago Timponi Torrent, por estar sempre disposto a ajudar e por trazer reflexões importantíssimas para este estudo.

À professora Neusa Salim Miranda, pelas aulas de Linguística 1, que me fizeram ter certeza de que eu estava no lugar certo, mesmo com todas as inseguranças do início da faculdade. E por permitir minha participação no GP por ela coordenado. Sem dúvida este contato inicial com o “fazer científico” influenciou todas as minhas escolhas daí em diante.

À Professora Luciana Teixeira, por se dispor, prontamente, a compor a banca de avaliação na condição de presidente.

Aos demais professores do Programa de Pós Graduação em Linguística, pelo ensino de extrema qualidade.

Aos bolsistas de Iniciação Científica, especialmente ao Davidson, Élide e Fátima que, antes mesmo do meu ingresso no grupo de pesquisa, participavam ativamente das atividades relacionadas com o projeto. Realmente, vocês trouxeram para este trabalho uma *galáxia de contribuições*.

À CAPES, pelo apoio financeiro.

RESUMO

O presente trabalho tem por objetivo descrever e analisar a Construção Binominal de Quantificação Indefinida (CBQI), instanciada por expressões como: (i) *enxurrada de críticas*; (ii) *oceano de assalariados*; (iii) *poço de angústia*; (iv) *ponta de ironia*. Tem-se, ainda, como proposta, oferecer a anotação da CBQI dentro dos parâmetros do Constructicon brasileiro, o qual busca constituir um repertório de construções do PB. A pesquisa se baseia nos pressupostos teóricos da Linguística Cognitiva (LAKOFF & JOHNSON, 1980; LAKOFF, 1987; JOHNSON, 1987); da Gramática das Construções (GOLDBERG, 1995, 2006); e da Semântica de *Frames* (FILLMORE, 1982; 2008; PETRUCK, 1996). A escolha metodológica recai sobre a *Linguística de Corpus* (SARDINHA, 2004), acompanhando o forte compromisso da Linguística Cognitiva com a empiria. Dentro dessa abordagem, constituiu-se um banco de dados específico, baseado em dados reais do uso linguístico, no qual se encontram 36 tipos e 756 ocorrências da CBQI. A construção, entendida como um pareamento forma-sentido, resulta da associação entre a estrutura N1 de N2 e o frame de Quantidade Indefinida. Neste esquema, N1 representa o Quantificador da construção, enquanto N2, a Entidade quantificada. Tal construção é motivada cognitivamente por domínios elementares da experiência, como os esquemas imagéticos, que envolvem a conceptualização da quantificação indefinida. Observa-se, ainda, que tais esquemas imagéticos, assim como outras propriedades de N1 provenientes de seu frame básico, são preservados na construção, de modo a impor algum tipo de conceptualização específica sobre N2. Como consequência disso, temos uma construção bastante expressiva de quantificação indefinida no PB.

ABSTRACT

The present work has as its objective to describe and to analyse the Binominal Construction of Indefinite Quantification (BCIQ), instantiated by expressions such as: (i) *enxurrada de críticas*; (ii) *oceano de assalariados*; (iii) *poço de angústia*; (iv) *ponta de ironia*. It also has as an objective to propose the BCIQ annotation according to the Brazilian Construction parameters, which seek to constitute a repertoire of Portuguese constructions. The research is based on the theoretical assumptions of Cognitive Linguistics (LAKOFF & JOHNSON, 1980; LAKOFF, 1987; JOHNSON, 1987); Construction Grammar (GOLDBERG, 1995, 2006); and Frame Semantics (FILLMORE, 1982; 2008; PETRUCK, 1996). The methodological choice concerns the Corpus Linguistics (SARDINHA, 2004), following the engagement of Cognitive Linguistics to empiricism. In this approach a specific database has been built, based on real data of linguistic use, in which 36 types and 756 tokens of the BCIQ were identified. The construction is understood as a form-meaning pairing which results from the association between the N1 of N2 structure and the Indefinite Quantity *frame*. At this scheme N1 represents the construction quantifier while N2 represents the quantified entity. This construction is cognitively motivated by elementary experience domains, such as image schemas, which involve the indefinite quantity conceptualization. It is also possible to perceive that these image schemas, as well as other N1 properties which comes from its basic frame, are preserved in the construction, so that it imposes some kind of conceptualization on N2. Therefore, we have a very expressive construction of indefinite quantification on BP.

SUMÁRIO

LISTA DE FIGURAS.....	11
LISTA DE TABELAS.....	12
1 INTRODUÇÃO	13
2 REVISÃO DA LITERATURA ESPECÍFICA	17
2.1 <i>Monte de e Chuva de</i> : um estudo sobre dois.....	17
subtipos da construção	
2.2 Construções Binominais Quantitativas do PB:.....	22
gramaticalização e os processos de <i>multiplexização</i> e <i>extração</i>	
de <i>unidade</i>	
2.3 A Construção de Quantificação Binominal.....	25
no Espanhol	
2.3.1 As funções assumidas por N1	26
2.3.2 A Persistência da Imagem Conceptual.....	30
dos Nomes Quantificadores	
3 APORTE TEÓRICO.....	34
3.1 Esquemas Imagéticos.....	34
3.2 A Gramática das Construções.....	38
3.2.1 A analogia e a geração de.....	42
novas construções	
3.2.2 Frequência de tipo e produtividade das construções.....	44
3.3 A Semântica de <i>Frames</i>	46
3.3.1 O projeto <i>FrameNet</i>	47
3.3.2 O <i>Constructicon</i>	50
4 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS.....	54
4.1 Constituição do banco de dados.....	57
5 A CONSTRUÇÃO BINOMINAL DE.....	65

QUANTIFICAÇÃO INDEFINIDA

5.1 Diferenciando a CBQI de ocorrências com	66
o mesmo padrão sintático	
5.2 Os Nomes quantificadores licenciados pela CBQI	69
5.2.1 A CBQI e o esquema de VERTICALIDADE	78
5.2.2 A CBQI e o esquema de MOVIMENTO	81
5.2.3 A CBQI e o esquema de CONTÊINER	86
5.2.4 A CBQI e o esquema de EXTENSÃO	89
5.2.5 A CBQI e o esquema de COLEÇÃO	90
5.2.6 A CBQI e o esquema de IMPACTO	96
5.2.7 A CBQI e o esquema de PARTE-TODO	98
5.3 Produtividade e Convencionalização da CBQI	100
5.4 Anotação da CQBI no Constructicon	107
6 CONCLUSÃO	118
REFEÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	121

LISTA DE FIGURAS

Figura 1: Construção esquemática entrincheirada <i>versus</i> ocorrência entrincheirada	44
Figura 2: Frame Semântico de Quantidade	49
Figura 3: Anotação da construção Modal_epistêmica_dar no Constructicon	52
Figura 4: Busca pela modalidade Concordance	60
Figura 5: Resultado da busca realizada pelo Concordance	61
Figura 6: Distribuição dos quantificadores na escala quantitativa	73
Figura 7: Lexical Entry Report da UL <i>flood</i>	111
Figura 8: Proposta de definição da Construção de Quantificação Binominal Indefinida no Constructicon	113
Figura 9: Descrição do frame Quantified_mass na FrameNet americana	114
Figura 10: Proposta de criação do frame de Quantidade Indefinida	116

LISTA DE TABELAS

Tabela 1: Comparação entre as anotações da FrameNet e do Constructicon	51
Tabela 2: Exemplos de instanciações da CBQI	59
Tabela 3: Frequência de ocorrência dos tipos licenciados pela CBQI	63
Tabela 4: Listagem dos Nomes Quantificadores investigados	70
Tabela 5: Frequência de ocorrência dos Nomes Quantificadores	105

1 Introdução

O fenômeno da Quantificação Nominal parece ser um tema bastante recorrente nas gramáticas do Português, embora comumente sejam atreladas a este fenômeno apenas aquelas expressões tidas como "regulares" na língua. Quando se trata de quantificação indefinida, por exemplo, muitas são as expressões de quantificação, tais como as que abordaremos neste estudo, que não recebem o devido reconhecimento de sua expressão na Língua Portuguesa.

Este não reconhecimento torna-se ainda mais questionável diante de uma constatação proveniente do uso linguístico: algumas construções, além de muito recorrentes, podem ser extremamente produtivas. Ocorre que, por uma espécie de necessidade comunicativa, o falante amplia o uso destas construções, criando novos instrumentos para a linguagem. Estes novos usos podem funcionar no sistema linguístico como as formas já estabelecidas funcionam ou, até mesmo, serem mais eficientes do que estas.

É nesse sentido que a presente dissertação tem por objetivo analisar e descrever a Construção Binominal de Quantificação Indefinida, a qual, segundo nossa hipótese inicial, configura uma construção muito frequente e produtiva do PB. Os exemplos abaixo ilustram nosso objeto:

- (1) *Eu acho que a responsabilidade que os votos, esse **caminhão de votos** está dando ao senhor nesse sentido é muito grande.*
- (2) *A ingestão diária de um **montão de pílulas** que mais parecem paralelepípedos*
- (3) *Um verdadeiro dilúvio, uma **enchente de cartas** inunda a redação.*
- (4) *É um mundo de mutantes superpoderosos, mas com uma **pitada de realismo**.*
- (5) *Só mesmo os mais surdamente saudosistas podem ter saído com uma **ponta de frustração**.*

- (6) *Apesar da idade (faz 69 anos em setembro), não perdeu um **fiapo de sua voz aveludada**, talvez a mais aconchegante que o jazz já conheceu.*

Nossa proposta de análise baseia-se no princípio goldbergiano de que construções são pareamento forma-sentido (GOLDBERG, 1995, 2006) e, por isso, nossa tarefa analítica principal consiste em descrever as propriedades específicas do padrão sintático da construção (N1 de N2), bem como as dimensões semântico-pragmáticas que a envolvem.

Outro ponto chave para a discussão que realizamos é a constatação de que os subtipos da CBQI muito se diferenciam de quantificadores monolexêmicos como *muito*, *pouco*, *bastante*, etc, tanto em termos sintagmáticos quanto conceptuais. Isso, porque, muitas das vezes, aqueles adicionam informações extras à quantificação, como vemos nos exemplos:

- (7) ***Onda de assaltos a carro-forte** chega a PE.*
- (8) *Para “proteger” alguém do vício, um **bando de estúpidos** defende que ele seja preso na prisão.*

Se substituíssemos as expressões de quantificação de (7) e (8) por um quantificador equivalente, como *muito*, certamente perderíamos informações relevantes trazidas pelos nomes *onda* e *bando*, tais como duração do evento (e talvez a noção de que este seja atual) e julgamento do falante a respeito da entidade quantificada.

A abordagem dos esquemas imagéticos, nesse sentido, será extremamente relevante, auxiliando-nos no desvelamento do processo cognitivo subjacente à CBQI.

Já as considerações acerca da dimensão discursiva da construção levarão em conta algumas hipóteses a respeito da relação entre os domínios da quantidade e da intensidade (SILVA, 2010), de modo que se possa justificar tamanha expressividade desta estrutura no sistema de quantificação do PB.

Será necessário evidenciar, inclusive, em que medida as necessidades comunicativas do uso linguístico motivam a expansão da CBQI no Português.

Além desta tarefa analítica, temos por objetivo ampliar a base de dados da FrameNet Brasil, por meio da anotação da CBQI no âmbito Constructicon - ferramenta computacional empregada em tarefas de Processamento de Linguagem Natural (PLN), através da qual se busca constituir um repertório de construções do PB.

A pesquisa se baseia nos pressupostos teóricos da Linguística Cognitiva (LAKOFF, 1987, 2005; JOHNSON, 1987; GRADY, 2005; SALOMÃO, 2009a), a partir dos quais se discute a participação de instrumentos de organização, processamento e construção de sentido, provenientes de nossa experiência sensorial com mundo, e a motivação conceptual da CBQI. E, mais especificamente, a Gramática das Construções (GOLDBERG, 1995, 2006), juntamente com a Semântica de Frames (FILLMORE, 1982; 2008; PETRUCK, 1996), oferece-nos o instrumental teórico central para a análise e descrição de nosso objeto investigativo.

A escolha metodológica recai sobre a *Linguística de Corpus* (SARDINHA, 2004), acompanhando o forte compromisso da Linguística Cognitiva com a empiria. E, nesse sentido, a adoção de métodos de Linguística de *Corpus* oferece a vantagem da pesquisa em *corpora* eletrônicos, possibilitando a verificação do uso da língua em contextos reais de uso. Realiza-se, portanto, uma abordagem mista, na qual se faz uso tanto de métodos quantitativos, como qualitativos. A partir desta metodologia, constituiu-se uma base de dados – através da ferramenta de busca Sketch Engine - com 36 tipos e 756 ocorrências da CBQI. Tais dados foram extraídos do *corpus* Cetenfolha que, por sua vez, utiliza como fonte textos do Jornal *Folha de São Paulo*.

Tendo definido nosso objeto, a proposta de análise e descrição da CBQI e o aporte teórico-metodológico, segue-se uma breve descrição sobre a organização do presente estudo:

O segundo capítulo apresenta a fundamentação teórica, já anunciada anteriormente, que serve de escopo às análises aqui propostas. O capítulo 3 refere-se à revisão da bibliografia específica sobre o fenômeno que

investigamos, a partir da qual abordaremos três estudos desenvolvidos também por uma perspectiva construcionista. O capítulo 4 aborda nossas escolhas metodológicas, que reafirmam o compromisso cognitivista com a empiria, através da adoção de alguns dos parâmetros da Linguística de *Corpus* (SARDINHA, 2004). O capítulo 5 corresponde à análise da Construção Binominal de Quantificação Indefinida (CBQI), abordando questões como a motivação conceptual da construção, o processo de analogia envolvido na geração de novas expressões de quantificação, a questão da produtividade e convencionalização e a formalização da construção no âmbito do Constructicon. Finalmente, o capítulo 6 traz a conclusão desta dissertação, resumindo os principais ganhos teóricos e analíticos da pesquisa.

2 Revisão da Literatura Específica

Como mencionamos na introdução deste trabalho a tradição gramatical aborda o fenômeno da quantificação indefinida no português do Brasil por meio de quantificadores canônicos, como *muito*, *pouco*, *vários* (cf. BECHARA, 2001, p. 411). Contudo, tal abordagem é insuficiente diante da existência de uma variedade enorme de expressões de quantificação que já atuam de modo corriqueiro no PB. Tendo isso em vista, algumas gramáticas descritivas já reconhecem o padrão polilexêmico que investigamos. Castilho (2010), por exemplo, apresenta uma lista que inclui *um montão de*, *a maior parte de*, *uma porrada de*, etc., sob o rótulo de “sintagmas preposicionais indeterminados” (p. 507). Há, ainda, alguns estudos que tratam deste mesmo fenômeno por uma perspectiva construcionista, os quais serão apresentados ao longo deste capítulo.

Neste capítulo serão apresentados, portanto, alguns estudos que tratam do fenômeno que investigamos, também por uma perspectiva construcionista, os quais trazem grandes contribuições para nossa análise. Inicialmente, apresentaremos o estudo de Brodbeck (2010), o qual motivou a escolha de nosso objeto investigativo (seção 2.1). Em seguida, será exposta a investigação de Alonso (2010) sobre as construções binominais quantitativas do PB, que busca descrever quatro padrões sintáticos distintos associados à noção de quantificação (seção 2.2). Finalmente, a última seção traz a discussão sobre a construção binominal quantitativa do espanhol (VERVECKKEN, 2012), um estudo que muitas vezes nos serviu de orientação para a análise dos dados (seção 2.3).

2.1 *Monte de e Chuva de*: um estudo sobre dois subtipos da construção

O estudo que deu origem a nossa pesquisa, realizado por Brodbeck (2010), teve por objeto de análise duas construções de quantificação nominal

do PB, quais sejam: *um monte de* e *uma chuva de*¹. Nesta proposta, a autora identifica que a construção emerge do uso para o sistema de quantificação do português, instanciando o fenômeno do desencontro sintático-semântico.

Brodbeck reconhece a profusão de formas da construção que investiga (*mar, rio, caminhão, porrada, etc.*) e assume que a motivação por trás do surgimento destas seja uma demanda pragmática (BRODBECK, 2010, p.84). Ou seja, o falante, ao expressar a quantificação de uma entidade, pode utilizar um quantificador convencional da língua, como *monte de*, ou optar por outros subtipos, menos convencionalizados, que atuem na construção binominal de maneira mais expressiva. Além disso, existe um tipo de gradação entre alguns destes quantificadores, ou seja, uma dimensão escalar da quantidade, como podemos observar na relação entre *montinho de N*, *monte de N* e *montão de N* e, de maneira menos explícita, entre *pingo de N*, *chuva de N* e *tempestade de N*. Assim, a escolha por um destes quantificadores será definida pela necessidade comunicativa do falante. Vale reiterar aqui, portanto, o caráter crucial do uso na análise destas construções.

Em relação ao sistema geral de quantificação no PB, Brodbeck (2010) sugere que este pode ser compreendido como uma macroconstrução Genérica, que, por sua vez, engloba as construções de quantificação Universal e Existencial. Exemplos destas construções são:

(9) ***Todos os alunos*** resolveram os exercícios

(10) ***Muita cachaça*** me dá dor de cabeça

A diferença entre estas construções, nas palavras de Brodbeck, é que na primeira “o domínio do Quantificador abarca ou a totalidade de um Conjunto de Entidades ou uma só Entidade”, enquanto na segunda, “ao pressupormos a existência de uma, ou mais de uma Entidade, tratamos de estabelecer seu Número, sua Quantidade, a sua Configuração e o tipo de Enumeração

¹ A partir deste estudo, que analisou estes dois subtipos, e diante da produtividade da construção, analisamos os outros subtipos de modo a ampliar a pesquisa sobre a quantificação binominal no PB.

(*Definida ou Indefinida*) de sua Quantidade” (BRODBECK, 2010, p. 93). Desse modo, as expressões *monte de* e *chuva de* pertenceriam à classe dos quantificadores existenciais.

A autora também se propôs a analisar tais subtipos pelo ponto de vista de sua motivação metafórica, enriquecendo ainda mais as discussões acerca do polo conceptual da construção. Além disso, seu estudo diacrônico revelou questões pertinentes para a investigação da emergência metafórica das expressões de quantificação. Com relação a *monte de*, a autora descobriu ser este um quantificador altamente frequente na língua e em um estágio avançado de gramaticalização. Os primeiros usos de *monte* associados a um complemento (*Monte de terra, Monte de pedras*) surgem no século XIV, e a partir destes usos é que se originam os usos de *monte* como quantificador, no século XV.

Na análise de Brodbeck:

o que ocorre é a reorganização semântica da expressão motivada pela metáfora (primária) MAIS É PRA CIMA, que recruta um esquema imagético piramidal, evocado pela estrutura físico-visual de monte: orientação vertical PARA CIMA a partir de uma base alargada (de empilhamento de entidades físicas) (BRODBECK, 2010, p.105).

A partir desta reorganização, concebe-se Quantidade em termos de Verticalidade e então expressões como *monte de terra* e *monte de artistas* passam a ser interpretadas como *muita terra* e *muitos artistas*, a partir da interpretação literal de *monte*. Este estudo revelou ainda que a convencionalização de *monte* como quantificador permite que ele se combine com todo tipo de nome, seja singular ou plural, massivo ou contável, embora ainda seja possível notar certo grau de atração ou rejeição entre um potencial N2 e este quantificador.

A emergência de *chuva de* como expressão quantificadora já se dá a partir do século XVI, contudo é no século XIX que seu uso se torna mais frequente, de modo que a expressão se torna uma alternativa para a quantificação no PB (BRODBECK, 2010, p. 110). A pesquisadora identifica que a metáfora subjacente à quantificação expressa por *chuva de* deriva do

mapeamento do domínio de Movimento Massivo de Fluidos no domínio da Quantidade. Tal mapeamento estaria presente também em expressões como *enxurrada de* e *onda de*², embora a base sensório-motora destas seja diferente, ou seja, o frame evocado por estas expressões envolveria movimento massivo horizontal, enquanto *chuva* evocaria movimento massivo vertical. Conforme observou Brodbeck (2010, p.112), o perfil sensório-motor em *chuva de pedras* motivará a emergência de expressões como *chuva de perguntas*.

A motivação metafórica de *chuva de* também pôde ser evidenciada pelas preferências de combinação da expressão com N2. Foi identificado que *chuva de* quantifica, preferencialmente, nomes que evocam alguma noção de Movimento e/ou Trajetória, enquanto a preferência por Humanos e Objetos é menor (BRODBECK, 2010, p. 116).

Outro tópico devidamente tratado no referido estudo, e que para nossa investigação também se mostra relevante, é a questão da **coerção** dos elementos constituintes da construção. Contudo, antes mesmo de tratarmos deste assunto, faz-se necessário mencionar o fenômeno do **desencontro/mismatch** linguístico, uma vez que é neste fenômeno que a coerção atua. O *mismatch* é entendido como um conflito entre forma e significado, por isso é traduzido como desencontro sintático-semântico, de modo que as expressões nas quais se observam este conflito são “incongruentes em relação aos padrões mais gerais de correspondência na linguagem” (FRANCIS & MICHAELIS, 2003, p. 2).

Segundo Brodbeck (2010), nas expressões de quantificação, o Atributo de Quantificação (definido ou indefinido) harmoniza-se com o Atributo de Perfilamento do Nome (contável ou massivo), como em *Ele tomou muito café* (Incontável Indefinida) e *Comprei dois livros* (Contável Definida) (BRODBECK, 2010, p.85). Entretanto, é comum nos depararmos com sentenças como: *Me vê dois cafés e três leites; Compra duas águas pra gente*; tais expressões constituem *mismatches*, pois não ocorre nelas a harmonização esperada entre seus atributos. De acordo com a autora:

² Assim também como em outras expressões investigadas nesta dissertação: *enchente, avalanche, vendaval, tempestade, dilúvio e inundação*, as quais serão tratadas nas próximas sessões.

Estas expressões, independentemente de suas variações, sugerem que o **processo de quantificação se estabelece na Construção de Quantificação Nominal e decorre da coerção do Determinante sobre o Nome** (BRODBECK, 2010, p.85). [grifo original]

Assim, tomando o exemplo de *dois cafés*, o perfilamento do Nome *café* (como Massivo ou Contável) passa a ser determinado a partir das dimensões enumerativas do Determinante (se definido ou indefinido). Desse modo, por **coerção**, *café* é interpretado como uma entidade Contável e, apesar do desencontro, tal expressão é perfeitamente gramatical e compreensível.

Já nas expressões investigadas pela autora, o processo de coerção se dá de maneira distinta. Observem-se as seguintes construções:

(11) *Chuva de granizo*

(12) *Chuva de protestos*

A primeira construção apresenta uma combinação harmônica entre o núcleo *chuva* e seu elemento constituinte *de granizo*. Já a segunda, constitui um desencontro sintático-semântico, visto que não podemos conceber uma chuva literal de protestos. Para que possamos interpretar tal expressão como uma construção de quantificação é necessário que ocorra uma **reanálise morfossintática**, em que *chuva* passe de Núcleo do sintagma a Modificador, ou seja, *chuva* deixaria de ser o elemento modificado para tornar-se o elemento quantificador / modificador da construção. Neste caso, a coerção é feita pelo complemento (de protestos) sobre o núcleo (chuva).

Este estudo, brevemente apresentado, não só motivou a escolha de nosso objeto de pesquisa, como também nos ofereceu as bases analíticas para uma adequada descrição dos dados. Muitas questões aqui dispostas serão confirmadas e ampliadas pelo trabalho que empreendemos.

2.2 Construções Binominais Quantitativas do PB: gramaticalização e os processos de *multiplexização e extração de unidade*

Este segundo estudo teve como escopo uma investigação mais abrangente sobre a quantificação do PB, a partir da estrutura **um N1 de N2**. Alonso (2010), ao observar as construções binominais do português, identificou que uma sentença como: *Chegou uma dúzia de crianças*, pode acionar duas leituras possíveis: a de que chegaram, de fato, doze crianças e a de que chegou um número relativamente grande e indeterminado de crianças. E um dos seus principais questionamentos era se tal diferença de sentido também implicaria na distinção destas construções em termos formais.

A partir da estrutura sintagmática *um N1 de N2*, a autora buscou identificar quais seriam os outros padrões sintáticos mais específicos que emergiriam desta estrutura mais básica e que licenciariam a leitura de quantidade. Foram quatro os padrões encontrados:

- a) Num N1 de Nsing2 - *um quilo de feijão*
- b) Num N1 de Npl2 - *um grupo de pessoas*
- c) Art Indef N1 de Nsing2 - *um pouco de manteiga*
- d) Art Indef N1 de Npl2 - *um monte de crianças*

Assim, dentre as propriedades descritas por Alonso, responsáveis por definir cada subtipo, estão:

- i) **um** pode veicular quantidade determinada (um litro de leite) ou indeterminada (um bocado de leite) e se comportar, respectivamente, como numeral ou artigo indefinido;
- ii) **N1** pode apresentar referência determinada (um **quilo** de farinha; um **grupo** de pessoas), vinculando-se comumente às construções com numeral, ou não determinada (um **pouco** de leite; um **monte** de

canetas), propriedade comum das construções com artigo indefinido, as quais também se associam a uma avaliação subjetiva por parte do falante a respeito da quantidade expressa. Além disso, **N1** pode compreender o processo de extração de unidade de porção (um **litro** de leite) ou a operação inversa de multiplexização (uma **dezena** de crianças), na qual se multiplica o referente expresso por N2, organizando-o em um todo delimitado;

iii) **N2** pode ser instanciado por entidades contínuas (incontáveis) ou discretas (contáveis) e, segundo Alonso, referentes contínuos são preferencialmente realizados nas construções com **N2 singular**, nas quais parece predominar a noção de extração de unidade de porção, enquanto entidades discretas tendem a ser instanciadas pelas construções com **N2 plural**, as quais envolvem o processo de multiplexização (ALONSO, 2010, p. 13).

Em relação à noção de extração de porção, este parece ser um mecanismo cognitivo básico, a partir do qual são utilizadas unidades convencionais (quilo, litro, xícara, colher, etc.) para quantificar entidades, *a priori*, não quantificáveis, como os nomes contínuos (leite, farinha, café, etc.) (ALONSO, 2010, p. 63). A primeira construção com numeral apresentada (Num N1 de Nsing2) demonstra mais explicitamente tal mecanismo, com isso nomes massivos preencheriam mais facilmente a posição de N2 e, preferencialmente, na forma singular (característica típica de nomes contínuos).

Já na segunda construção com numeral (Num N1 de Npl2) se daria o processo de multiplexização, no qual se multiplica um mesmo referente (um conjunto de **crianças**), perfilando, assim, o todo. Dessa forma, nomes discretos seriam os mais adequados para ocupar a posição de N2, diante da possibilidade de serem multiplicados, agrupados (de acordo com a configuração de N1) e expressos no plural.

A expressão *um conjunto de crianças*, citada logo acima, não parece deixar tão claro que a quantidade de crianças seja determinada e que *um* seja, necessariamente, um numeral, como foi exposto por Alonso. Quanto a isso, a

autora explica que “expressões como *conjunto*, além de multiplicarem o referente expresso por N2, o organizam em um grupo, um todo delimitado – a delimitação do todo (por exemplo, em *um conjunto de crianças*) está vinculada ao fato de ser uma construção com numeral”. Concordamos com a autora quando ela diz que palavras como *conjunto* e *grupo* podem possuir referência determinada e podem acionar a leitura de *um* como numeral, no entanto, é preciso esclarecer que tais palavras também podem gerar uma interpretação indeterminada do N2, assim como fazem as palavras *montão* e *bocado*, quando inseridas na CBQI.

As construções com artigo indefinido, à mesma maneira das construções com numeral, assumiriam os mecanismos de extração de porção (Art N1 de Nsing2) e de multiplexização (Art N1 de Npl2). Assim, quantificariam nomes massivos, quando se referissem ao mecanismo de extração de porção, e nomes contáveis, quando focalizassem o todo a partir da multiplexização de N2. Contudo, um aspecto semântico seria responsável por diferenciar estas das construções com numeral, que seria o caráter subjetivo da quantificação expressa. Desse modo, numa sentença como *João comeu um pouco de queijo* (Art N1 de Nsing2), percebe-se que a construção, além de indicar uma porção indeterminada extraída do todo, revela também o julgamento do falante acerca da quantidade mencionada. O padrão Art N1 de Npl2, da mesma forma, além de multiplicar o referente, apresenta uma dimensão avaliativa do falante a respeito da quantidade (*um monte de crianças*).

No que diz respeito à predominância de ocorrência de N2 nas formas singular ou plural, dependendo do padrão em questão, Alonso reconhece que, na verdade, cada padrão privilegia a ocorrência do nome singular ou plural (que geralmente corresponde à distinção massivo e contável), mas não exclui totalmente os casos contrários. É isto o que ocorre com nossos dados, pois quantificadores como *montão*, *montanha*, *bocado*, etc., apesar de demonstrarem alguma preferência por nomes na forma plural (como será descrito em detalhes no capítulo de análise), combinam-se harmoniosamente com nomes no singular.

Outro fator relevante no estudo de Alonso (2010) é a possibilidade das construções com artigo indefinido colocarem a quantidade expressa por N1 em

uma escala. Esta propriedade escalar do padrão *Art N1 de N2* seria um argumento a favor da noção de subjetividade atrelada a construções com artigo indefinido. Considerem-se os seguintes exemplos da pesquisadora:

- (13) Tem **uma dezena de** processos pra revisar, aqui nessa mesa.
- (14) Tem **uma centena de** processos pra revisar, aqui nessa mesa.
- (15) Tem **um milhão de** processos pra revisar, aqui nessa mesa.

Embora tais expressões sejam instâncias de uma mesma construção (neste caso, trata-se do padrão *Art N1 de Npl2*), representando uma grande quantidade indeterminada de processos, Alonso (2010) afirma que é possível perceber distinções em termos de gradação entre os N1s. A escolha por um destes quantificadores é feita, dentre outros motivos, a partir da avaliação subjetiva do falante a respeito da quantidade que deseja expressar.

Além de descrever tais construções binominais, a autora também apresenta uma proposta de organização daquelas dentro de uma rede, seguindo os princípios goldbergianos, e identifica de que maneira tais estruturas se relacionam. A discussão desta proposta, entretanto, não será aqui apresentada, pois nosso estudo não contempla o conjunto de construções analisadas pela autora.

Algumas discussões feitas por Alonso serão retomadas no capítulo de análise, uma vez que foram identificadas em nossos dados os mecanismos de extração de porção e multiplexização, bem como a predominância da quantificação de N2 singular/massivo pelos nomes que expressam pequena quantidade e de N2 plural/contável por quantificadores de grande quantidade.

2.3 A Construção de Quantificação Binominal no Espanhol

Outro trabalho relevante sobre construções binominais que oferece grandes contribuições à nossa pesquisa é o estudo realizado por Katrien Verveckken (2012), acerca das Construções Binominais de Quantificação no espanhol. A autora, orientada pelos estudos em gramaticalização, apresenta uma pesquisa detalhada sobre estes quantificadores, baseando suas análises

em pesquisas tanto diacrônicas quanto sincrônicas. Assumindo ainda a abordagem baseada no uso para explicar a mudança linguística, a autora procura identificar os níveis de mudança e as razões para a alta ou baixa frequência de ocorrência de algumas construções, a partir do padrão **N1 de N2**.

Segundo Verveckken, as categorias semânticas a que pertencem tipicamente os nomes quantificadores (NQs) são os contêineres (barril, tonel), as configurações de massa (monte, pilha) e os coletivos (bando, multidão), quando assumem a função de núcleo. Já quando temos associado a este NQ um sintagma preposicional (de +N2), a quantificação passa a ser expressa pela construção binominal e às categorias clássicas são adicionados os fenômenos naturais (enchente, oceano, etc.) e as nominalizações denotando agrupamento ou extensão (amontoamento). Nessa construção binominal, um NQ sempre ocupa a primeira posição do padrão N1 de N2 e tem implicaturas escalares em adição ao seu significado lexical (BREMS, 2007 apud VERVECKKEN, 2012). Na análise apresentada, considera-se que a construção seja parcialmente preenchida, uma vez que possui um argumento aberto (N2).

Ainda segundo a autora, apenas NQs que habilitam uma leitura escalar podem instanciar a construção. São estes os nove Nomes Quantificadores com os quais Verveckken trabalha: *montón* (montão), *hatajo* (bando), *pila* (pilha), *racimo* (cacho), *tropel* (multidão), *letanía* (ladainha), *alud* (avalanche), *aluvión* (enchente) e *barbaridad* (barbaridade). Noções abstratas de quantidade – quilo, quantidade, número, parte, maioria – além de não possuírem implicaturas escalares, já possuem a noção de quantidade em sua natureza, não sendo, portanto, incluídas neste estudo. Do mesmo modo, também optamos pela exclusão deste segundo grupo de quantificadores, tendo em vista que estes evocam, sozinhos, o frame de Quantificação, enquanto os nomes que analisamos só o fazem quando inseridos na CBQI.

2.3.1 As funções assumidas por N1

Os NQs analisados por Verveckken (2012), no estágio de pré-gramaticalização, teriam a função de núcleo e o sintagma preposicional, de modificador:

- (16) *Se sentaron a reposar sobre um **montón de** piedras*
 (Se sentaram a repousar sobre um *montão de* pedras)
- (17) *Silvia y François se habían conocido em um café de Paris hacía um **montón de** años.*
 (Silvia e François haviam se conhecido em um café de Paris fazia um *montão de* anos)

No exemplo (16), o N2 (pedras) atua como modificador do núcleo N1 (montão), indicando as entidades constituintes de N1. Enquanto isso, no segundo exemplo, não se interpreta *anos* como as entidades constituintes de *montão*, mas considera-se que *montão* passa a modificar *anos*, ou seja, N1 deixa de ser núcleo e passa a modificador (quantificador) de N2. Tal mudança corresponde aos usos gramaticalizados da construção de quantificação e, como observou Brodbeck (2010), tais usos também se verificam no PB:

- (18) **Chuva de** verão
 (19) **Chuva de** críticas

Chuva é o núcleo sintático de (18), sendo modificado por *de verão*, enquanto em (19), *chuva* é que funciona como modificador de *críticas*. Sobre as propriedades que envolvem a gramaticalização da construção, Verveckken afirma que:

A mudança de status de núcleo de N1 para quantificador (pré-modificador) de N2 envolve uma reanálise morfossintática em termos da estrutura interna do sintagma binominal: de [Det + NQnúcleo + [de + N2] para [[Det + NQ + de] +N2núcleo] (VERVECKKEN, 2012, p. 436, tradução nossa)³.

A função de núcleo, que, na visão de Verveckken, corresponde ao significado literal da expressão, permite: (20a) a substituição do NQ por sinônimos

³ “The shift from head-status of N1 to quantifying(/premodifying) N2 involves a morpho-syntactic reanalysis in terms of the internal structure of the binominal syntagm: from [Det. + QNhead + [de + N2]] into [[Det. + QN + de] + N2head]”.

próximos, sem alterações consideráveis no enunciado; (20b) a referência anafórica fora da construção binominal; (20c) a especificação de características do NQ; e (20d) o acréscimo de modificadores à expressão:

(20) *Habla desde el outro lado de una **pila de** radiografias amontonadas.*

(Fala do outro lado de uma pilha de radiografias amontoadas)

(20.a) *Um montón de radiografias*

(Um montão de radiografias)

(20.b) *La pila era bastante alta.*

(A pilha era bastante alta)

(20.c) *desde el outro lado de una pila de radiografias de um metro de alto*

(do outro lado de uma pilha de radiografia de um metro de altura)

(20.d) *de una pila de radiografias apiladas, amontonadas, etc.*

(de uma pilha de radiografias empilhadas, amontoadas, etc)

A importância dada ao que Verveckken chama de uso literal dos NQs parece se explicar pelo fato de que algumas propriedades deste uso são mantidas no uso como quantificador. A autora considera que, diferentemente dos quantificadores absolutos (muito), os quantificadores que ocorrem na construção binominal parecem adicionar algo além da pura expressão de quantidade ao N2. Desse modo, o NQ, além de funcionar como um quantificador expressivo, ativa também propriedades associadas ao seu uso literal, como se observa no exemplo do espanhol:

(21) *Su discurso desató un alud de críticas.*

(Seu discurso desatou uma avalanche de críticas)

Aqui, críticas são conceptualizadas em termos de uma avalanche, ou seja, algumas propriedades de uma avalanche literal (força antagonista dinâmica, surpreendente e originada por uma causa externa) são ativadas, daí a combinação com N2s como *críticas, telefonemas, problemas*, etc., os quais apresentam propriedades semânticas compatíveis com o N1 (VERVECKKEN, 2012, p. 433).

A autora também defende que, diferentemente dos quantificadores absolutos (*muito*), os NQs que ocorrem na construção binominal possuam algum potencial avaliativo:

(22) *También se ha hecho notar cómo, gracias a estas reproducciones de calidad, podemos hoy tener constancia de algunas grandes obras cuyos originales desaparecieron sobre todo durante la Segunda Guerra Mundial, pero entre el **alud de** proyectos culturales con el que nos amenazan los políticos culturizadores-, mediatecas, ludotecas, videotecas y otras vaquedades que nadie há pedido...*

(Também se fez notar como, graças a estas reproduções de qualidade, podemos hoje ter registro de algumas grandes obras cujos originais desapareceram, principalmente durante a Segunda Guerra Mundial, mas entre a avalanche de projetos culturais, com os quais nos ameaçaram os políticos culturizadores-, bibliotecas de mídia, brinquedotecas, videotecas e outras inutilidades que não foram solicitadas).

Neste exemplo, a quantificação expressa pelo N1 *avalanche*, aponta não só para uma quantidade grande de projetos, mas aciona também o julgamento do falante a respeito destes. Todo o contexto no qual a construção se insere, especialmente o trecho sublinhado, indica que o falante faz uma avaliação negativa sobre a quantidade de projetos criados pelo governo, considerando cada um destes inúteis. Embora, neste caso, tal interpretação dependa mais das pistas contextuais do que da própria construção, a pesquisadora defende que os NQs possuam algum potencial avaliativo.

Tal potencial é ainda mais explorado quando estes NQs desempenham a terceira função apontada por Verveckken (2012), a de pré-modificadores. Os exemplos abaixo ilustram o uso do NQ *bando* como pré-modificador no espanhol (23) e no português (24):

(23) *Dos cosas, por lo menos, debíais aprender de este hecho, **hatajo de cabritos**.*

(Duas coisas, pelos menos, deveria aprender deste feito, bando de cabritos)

(24) O **bando de** irresponsáveis do Centauro, da CBA, da Fasp, essa turma vai ser punida? Não.

O falante, no enunciado (23), refere-se a um grupo de pessoas, embora utilize a expressão *cabritos*. Ao utilizar o NQ *hatajo* (bando), o falante está caracterizando este grupo de pessoas como indivíduos incapazes de pensar individualmente (assim como um bando de cabritos), colocando a quantificação em segundo plano. Aqui, a função de pré-modificação também envolve uma avaliação negativa por parte do falante e, de maneira diferente do que ocorre com *avalanche de projetos*, a interpretação deste NQ como um julgamento negativo não depende de pistas contextuais, mas da própria carga semântica de *bando*.

Este caráter avaliativo de certos quantificadores em construções quantitativas binominais é justificado pela permanência das propriedades atribuídas ao uso literal das expressões, ou seja, pela Permanência da Imagem Conceptual das expressões. Esta e outras funções identificadas por Verveckken também nos parecem identificáveis nos dados do PB e, portanto, tal discussão será retomada no capítulo de análise, quando apresentaremos a proposta de classificação dos dados.

2.3.2 A Persistência da Imagem Conceptual dos Nomes Quantificadores

Um dos conceitos chave para o desenvolvimento do estudo sobre os NQs do espanhol, segundo Verveckken, é o da Persistência da Imagem Conceptual (PIC). Segundo a autora, Hopper (1991 apud VERVECKKEN, 2012, p. 452) já havia tratado desta noção sob o termo Persistência Lexical, definindo-o como a permanência de propriedades conceptuais do item lexical nos usos gramaticalizados. Verveckken, por sua vez, vai além desta definição, adotando o termo Persistência da Imagem Conceptual, o qual é capaz de capturar estruturas como os *frames* e as conceptualizações envolvidas pelos NQs.

No que tange aos nomes quantificadores, a persistência de certos traços de N1 é responsável não só pela restrição de combinação com N2, como também pela conceptualização deste N2 de acordo com cada N1. Ou seja, a entidade designada por N2 tem de se ajustar a imagem ativada por N1, o qual já apresenta uma configuração própria. Assim, *alud* (avalanche) além de quantificar algum referente, também sugere alguma propriedade típica de uma avalanche literal:

(25) *Me siento sepultado y cautivo en un **alud de hipocresías, estrategias, tácticas** (...)*

(Me sinto sepultado e cativo em uma avalanche de hipocrisias, estratégias, táticas...)

Aqui, *hipocrisias, estrategias e tácticas* são conceptualizadas em termos de uma avalanche, pois a persistência do domínio semântico original do NQ faz com que a imagem da avalanche continue a ser destacada. A troca por outro NQ, embora mantenha a leitura de grande quantidade do N2, acarretaria em mudança da conceptualização deste. Segundo a autora:

A PIC é o fator chave na produtividade da construção de quantificação binominal: ao oferecer uma conceptualização individual para o grupo de entidades expressas por N2, a construção binominal oferece ao usuário da língua uma ferramenta muito útil de quantificação expressiva. O fato de que a função comunicativa ou

pragmática dos quantificadores binominais depende da PIC, conduz à hipótese de que os NQs provavelmente não se tornarão quantificadores completamente transparentes como *montón de* (VERVECKKEN, 2012, p. 455, tradução nossa).⁴

Ainda mais importante é a constatação de que a composicionalidade da construção é apenas parcial. Ou seja, como observamos no exemplo (23), as palavras *hatajo* e *cabritos* não podem expressar, sozinhas, a ideia de que o falante se refere a um grupo de pessoas incapazes de pensar sozinhas, esta interpretação depende, além de fatores discursivos, da interpretação da construção como um todo.

Desse modo, a noção de quantificação é habilitada a partir da construção (desde o artigo, quando há, até a preposição). Nossa proposta de análise da CBQI também se baseia na premissa de que os NQs não ativam o *frame* de Quantidade sozinhos.

Quanto à produtividade da construção de quantificação, Verveckken explica que a possibilidade de preenchimento de N1 por qualquer nome com inferências escalares pode justificar a variedade de subtipos encontrados. Contudo, mesmo sendo uma construção muito produtiva, seus subtipos apresentam diferentes graus de frequência de ocorrência.

Em seu estudo diacrônico, Verveckken parece ter descoberto a importância da analogia semântica e estrutural entre NQs similares e do papel prototípico de *montón de* neste processo. Por isso, a autora apresenta uma proposta de análise do processo de gramaticalização das construções binominais, a partir de *montón de*. Em linhas gerais, a autora descobriu que, pelo fato de *montón* ter sido o primeiro a funcionar como quantificador e ter tido um crescimento radical na frequência de ocorrência, o quantificador parece ter facilitado a associação sistemática da construção binominal com a expressão de quantidade. Ou seja, o uso frequente de *montón de* como quantificador teria

⁴ “The CIP is the key factor in the productivity of the binominal quantifier construction: by yielding an individual conceptualization of the group of entities expressed by N2, the binominal quantifier construction provides the Spanish native speaker with a useful tool for expressive quantification. The fact that the pragmatic or communicative function of binominal quantifiers hinges on the CIP, leads to the hypothesis that QNs are not likely to become completely bleached quantifiers like *montón de*”.

sido o responsável pelo surgimento do padrão “N1 de N2” de quantificação. A partir daí, outros NQs menos frequentes são autorizados, via analogia, a participar da construção. Além disso, a falta de especificidade semântica de *montón de* é também um forte argumento para o papel prototípico que este assume, pois com um conteúdo semântico tão baixo ele pode substituir todos os NQs.

Embora seja muito interessante, este estudo diacrônico não será apresentado aqui em detalhes, pois tal discussão iria além do escopo desta pesquisa. Além disso, não realizamos para os dados do português uma pesquisa diacrônica nos mesmos moldes que Verveckken realizou para o espanhol. Contudo, vale retomar alguns pontos de consenso entre este estudo e o de Brodbeck, brevemente apresentado na seção 3.2 deste capítulo. Brodbeck, pesquisando a evolução de *monte* como quantificador, revelou ser este um quantificador altamente frequente na língua e em um estágio avançado de gramaticalização. E também de maneira semelhante ao que foi observado no espanhol, a convencionalização de *monte* como quantificador permite que ele se combine com todo tipo de nome, seja singular ou plural, massivo ou contável.

Muitas dessas questões levantadas por Verveckken, em relação aos dados do espanhol, se mostram também relevantes para a descrição e análise da construção binominal de quantificação do português e serão devidamente retomadas no próximo capítulo.

3 Aporte teórico

Nossa pesquisa assume uma perspectiva sociocognitiva da linguagem. As asserções fundamentais dessa abordagem (ver SALOMÃO, 2009b), assumem como princípios básicos: i) a negação da autonomia da linguagem; ii) a gramática como uma rede de construções calcada no uso linguístico e iii) a centralidade da experiência e da projeção entre domínios cognitivos na construção da significação.

Tais princípios, direta ou indiretamente, fundamentam e justificam constructos teóricos essenciais para a análise que desenvolvemos da CBQI. Assim, este capítulo apresenta e discute brevemente: o conceito de Esquemas Imagéticos (LAKOFF, 1987; JOHNSON, 1987), a Gramática das Construções (GOLDBERG, 1995, 2006; CROFT, 2007) e a Semântica de Frames (FILLMORE, 1982; PETRUCK, 1996).

3.1 Esquemas Imagéticos

A partir de uma visão corporificada da mente, entende-se que todo nosso sistema conceptual, pensamento e expressões simbólicas são baseados em padrões de percepção e movimentos corporais (JOHNSON, 2006). Esta é a ideia que fundamenta o surgimento do conceito de Esquema Imagético (JOHNSON, 1987; LAKOFF, 1987), que vem justamente evidenciar a natureza sensorial e corporificada de boa parte das estruturas de conceptualização humana.

Assim, Johnson define os esquemas imagéticos como:

padrões de recorrência de nossa experiência sensório-motora, através dos quais podemos compreender tal experiência e raciocinar a respeito dela, e que também podem ser recrutados para estruturar conceitos abstratos e realizar inferências sobre domínios abstratos de pensamento. (JOHNSON, 2006, p. 18, tradução nossa)⁵

⁵ *“the recurring patterns of our sensory-motor experience by means of which we can make sense of that experience and reason about it, and that can also be recruited to structure abstract concepts and to carry out inferences about abstract domains of thought”.*

Tais estruturas esquemáticas são, portanto, fundamentais para a emergência do significado e para a realização de tarefas abstratas, como o pensamento, usando para isso padrões de nossa experiência corporal.

Sendo tais esquemas diretamente influenciados pela nossa configuração corporal, aspectos como a simetria e a bilateralidade dão origem a esquematizações do tipo: FRENTE, TRÁS, DIREITA, ESQUERDA, PERTO, LONGE (JOHNSON, 2006, p. 20). Além disso, outros aspectos da condição humana, como a habilidade de ficar de pé, são significativos para a organização de esquemas como VERTICALIDADE (p. 21).

Outros aspectos cruciais dos EIs levantados por Johnson (2006, p. 22) são: i) embora tais esquematizações sejam provenientes de estruturas e padrões de nossa experiência corporal e atuem ativamente no processo de significação, elas não estão acessíveis em um nível consciente; ii) estas estruturas seguem uma lógica esquemática, ou seja, o esquema ORIGEM-CAMINHO-DESTINO precisa seguir à lógica determinada pela experiência corporal de se locomover por um caminho; iii) os EIs conectam as interações físicas com o mundo a tarefas abstratas da mente, por isso não podem ser considerados estruturas puramente mentais ou corporais.

Embora não haja um consenso a respeito da definição de Esquemas imagéticos, um ponto pacífico dessa teoria é a concepção de que tais estruturas são padrões mentais associadas a classes mais abrangentes de conceitos ou experiência (GRADY, 2006, p. 36). Assim, mesmo que alguns estudiosos incluam nesta categoria esquemas mais complexos e específicos, a concepção original de Lakoff e Johnson remete a representações mais gerais, tais como Contato (dois objetos se tocando) e Limite, por exemplo.

Johnson (1987, p. 267) apresenta algumas das estruturas esquemáticas mais básicas, provenientes de nossas experiências sensorio-motoras do cotidiano: CONTÊINER, CAMINHO, FORÇA, LIGAÇÃO, EQUILÍBRIO; além de outras representações que também têm sua origem em orientações e relações espaciais: CIMA-BAIXO, FRENTE-TRÁS, PARTE-TODO, CENTRO-PERIFERIA.

Grady (2006), por sua vez, apresenta esquemas derivados ou mais complexos, também fundamentais, como: CICLO, PROCESSO, ESCALA, QUANTIDADE. E foi pela identificação de esquemas como estes que o autor fez uma discussão a respeito da definição de esquemas como padrões mentais baseados na experiência corporal, sensório-motora, afirmando uma necessidade de expansão da definição diante de esquemas de conceitos abstratos não sensoriais.

Ainda segundo Grady, as projeções metafóricas, as quais expressam conceitos abstratos e mais complexos, utilizam como domínio-fonte padrões de experiência sensoriais, enquanto o domínio-alvo não pode ter uma natureza sensorial. Por exemplo, a metáfora conceptual MAIS É PRA CIMA dá origem a expressões como *A taxa de desemprego subiu este mês*, na qual o esquema não sensorial QUANTIDADE é estruturado a partir de um esquema sensorial de VERTICALIDADE. Tal consideração reitera o caráter estruturante da metáfora na linguagem e a intrínseca relação desta com as representações imagéticas, servindo, assim, de âncoras perceptuais para conceitos extremamente importantes e para tarefas cognitivas do dia-a-dia.

Diante destes níveis propostos, podemos observar que algumas das construções metafóricas investigadas neste estudo, tais como *montanha de N*, *pilha de N*, *montão de N*, envolvem a projeção conceptual entre um esquema mais básico e perceptual (VERTICALIDADE) e um esquema mais complexo, abstrato e não diretamente perceptual (QUANTIDADE). Além disso, tal projeção é motivada pela nossa experiência sensorial com o mundo, ou seja, a conceptualização de Quantidade em termos do esquema de VERTICALIDADE é proveniente da nossa capacidade de relacionar a altura de uma pilha de objetos à quantidade destes (LAKOFF, 1992, p. 34).

Metáforas primárias são exemplos de projeções nas quais estão diretamente envolvidos domínios elementares da experiência, os Esquemas Imagéticos (GRADY, 2005, p. 194). Tais domínios são inclusive capazes de limitar algumas projeções metafóricas, como é explicitado pelo Princípio da Invariância:

Um corolário do Princípio da Invariância é que a estrutura imagética inerente ao domínio-alvo não pode ser violada, e que a estrutura inerente ao domínio-fonte limita as possibilidades de mapeamento automaticamente. Este princípio geral explica um grande número de limitações misteriosas em mapeamentos metafóricos (LAKOFF, 1992, p. 10, tradução nossa⁶).

Segundo Lakoff (1992), este princípio é responsável pela preservação do esquema imagético do domínio-fonte no domínio-alvo, garantindo que para esquemas de contêineres, interiores serão mapeados em interiores, exteriores em exteriores e assim por diante.

Sweetser (1988), investigando a Gramaticalização do futuro com *Go*, também encontrou respostas a partir deste princípio e assumiu uma perspectiva na qual a metáfora tem papel central na compreensão da mudança de significado da expressão. Uma de suas descobertas foi a perda do sentido físico de movimento, sugerido por *Go*, e o ganho de um novo sentido relacionado ao futuro. Além disso, a autora afirma que não houve perda total do sentido da expressão, mas sim a troca de um domínio centrado em um esquema concreto, espacial, para um domínio mais subjetivo e abstrato. E, embora haja a troca de domínios, o esquema imagético de *Go* é preservado, ainda que perca o sentido de *movimento físico* e ganhe o sentido de *futuro*, *intensão* ou *predição*.

Lakoff (2007) retoma esta discussão a partir da perspectiva da Teoria Neural da Metáfora. Estudos desenvolvidos sobre esquemas primitivos (cf. REGIER, 1995,1996; DODGE & LAKOFF, 2006) tais como CONTÊINER, FONTE-CAMINHO-DESTINO, DIREÇÃO, FORÇA, dentre outros, mostraram que estes parecem ser inatos ou precocemente computados por estruturas cerebrais. O autor exemplifica uma projeção metafórica a partir de esquemas primários: a expressão “*put in*” em “*The Founding Fathers put freedom of*

⁶ “A corollary of the Invariance Principle is that image-schema structure inherent in the target domain cannot be violated, and that inherent target domain structure limits the possibilities for mappings automatically. This general principle explains a large number of previously mysterious limitations on metaphorical mappings.”

*speech into the Constitution*⁷ usa “colocar em” em seu sentido físico como domínio-fonte e, a partir daí, podem ser feitas inferências metafóricas, tais como: se colocarmos um objeto em algum contêiner físico isso significa que aquele não estava lá antes de você o colocar e que o mesmo permanecerá lá até que alguém o remova. Isso também é verdadeiro para a “liberdade de expressão”, colocada na Constituição pelos “Pais Fundadores” da mesma. Com isso, Lakoff afirma que, na realidade, não ocorre preservação, e sim a utilização direta do esquema do domínio-fonte no domínio-alvo, via mapeamento neural (LAKOFF, 2007, p. 20).

De acordo com as descobertas sobre a teoria neural da metáfora, metáforas primárias, tais como MAIS É PRA CIMA, são tão comuns em nossa linguagem do dia-a-dia que palavras como *subir* podem ativar não só o frame de **verticalidade**, como também o frame de **quantidade**. Numa sentença como “*Os preços subiram*”, a projeção é feita entre o frame de verticalidade (domínio-fonte) e o frame de quantidade (domínio-alvo), assim, devido à ligação direta entre o esquema do domínio-fonte e ao poder estruturante da metáfora, conceptualizamos, rotineiramente, QUANTIDADE em termos de VERTICALIDADE. Nas palavras de Lakoff (2009, p. 28), a metáfora é um circuito físico ativado pela linguagem.

É nesse sentido que assumimos a abordagem dos esquemas imagéticos para desvelar os processos cognitivos que configuram a CBQI, assunto que discutiremos no capítulo de análise desta dissertação.

3.2 A Gramática das Construções

O fenômeno linguístico que investigamos não se enquadra no grupo daqueles tidos como “regulares” ou centrais na língua, embora estejam presentes no nosso cotidiano, no modo como quantificamos as mais diversas entidades. Foram fenômenos desse tipo, aliás, que impulsionaram o surgimento da Gramática das Construções (por exemplo, LAKOFF, 1987; FILLMORE; KAY; O’CONNOR, 1988). A abordagem construcionista surge, então, com o

⁷ *Os Pais Fundadores colocaram liberdade de expressão na Constituição*

compromisso de oferecer um tratamento coerente e integral de todas as construções de uma língua, garantindo aos fenômenos considerados periféricos um tratamento tão rigoroso quanto àquele reservado até então à chamada *core grammar*.

As hipóteses levantadas a seguir resumem alguns dos princípios básicos da Gramática das Construções, nas suas diferentes versões:

(i) Construções são pareamentos forma-sentido

Assumir que uma construção é um pareamento forma/sentido significa reconhecer a relação indissociável entre os polos formal e semântico-pragmático das expressões linguísticas (GOLDBERG, 1995, p. 4). Tal concepção remete à noção de signo, a qual pode ser atribuída a todas as construções de uma língua.

No que diz respeito ao polo da forma, este pode contemplar aspectos da dimensão física da construção, como expressão fônica, os gestos e até mesmo a expressão escrita, bem como aspectos morfossintáticos relacionados à classe sintática dos constituintes e suas funções gramaticais. O polo do sentido também engloba duas dimensões, a saber: a dimensão conceptual, que envolve uma série de fatores responsáveis pela construção do significado, como os esquemas imagéticos, esquemas sensório-motores, *frames*, metáforas, metonímias e mesclagens; e a dimensão discursiva, a qual compreende a ativação dos espaços mentais, a moldura comunicativa, o registro e gênero textual no qual a construção tipicamente ocorre (SALOMÃO, 2009b, p. 43).

A partir deste princípio, temos que uma instanciação qualquer da construção que investigamos, como “**porrada de coisas**”, é licenciada pela vinculação sistemática da estrutura *N1 de N2* (polo da forma) à noção de **quantidade** (polo do significado).

Há, ainda, outro fator relevante para a delimitação do que seja uma construção. Segundo Goldberg:

C é uma CONSTRUÇÃO se C for um par de forma-sentido <F_i S_i> em que algum aspecto de F_i ou de S_i não for estritamente previsível das partes dos componentes de C ou de outra construção previamente estabelecida. (GOLDBERG, 1995, p. 4, tradução nossa)⁸

Nesse sentido, qualquer padrão linguístico é tomado como construção, desde que algum aspecto de sua forma ou significado não seja totalmente previsível a partir das partes que o compõe.

Este princípio reitera, portanto, o valor simbólico que a construção adquire no processo de compreensão dos enunciados. Ou seja, mais importante do que o significado dos itens linguísticos que a compõe é seu o valor simbólico como um todo. Assim nem sempre o todo corresponde à soma das partes (GOLDBERG, 1995).

Tal concepção, no entanto, foi expandida posteriormente pela autora (GOLDBERG, 2006), de modo que se possa também considerar como construções os padrões tratáveis composicionalmente.

Com relação à CBQI, temos que uma instanciação como ***caminhão de votos***, por exemplo, não pode ser compreendida pela simples concatenação dos significados de cada item linguístico. Esta expressão é interpretada como grande quantidade de votos e tal leitura não se dá de modo composicional, como em ***caminhão de mudança***, por exemplo. Nesses termos, entende-se que o sentido da construção prevaleça sobre o sentido dos itens que a compõe. No entanto, viremos a discutir mais adiante que a CBQI não é completamente idiossincrática, uma vez que é possível identificar a contribuição semântica de N1 para o sentido da construção.

(ii) As construções são as unidades básicas do conhecimento linguístico

Este segundo ponto de consenso entre as vertentes da Gramática das Construções revela a concepção construcionista a respeito do sistema

⁸ “C is a construction if C is a form-meaning pair <F_i, S_i> such that some aspect of F_i, or some aspect of S_i, is not strictly predictable from C’s component parts or from other previously established constructions.”

linguístico e aponta para uma mudança de perspectiva do que seria a gramática de uma língua.

Assim, segundo Goldberg (1995), as construções constituem as unidades básicas do conhecimento linguístico e todas essas unidades linguísticas, em quaisquer níveis, adquirem o status de construção, devendo receber o mesmo tratamento analítico.

Esse conceito abarca, portanto, desde as expressões mais simples (morfemas e palavras) até as mais complexas (expressões idiomáticas e padrões abstratos) e isso implica na não distinção daquilo que é central daquilo que é periférico na língua. A expressão de quantificação no Português, por exemplo, pode se dar no nível morfológico (pela marcação do plural em casa/casas), lexical (muito, pouco, bastante, etc.) e sintagmático (avalanche de dinheiro; montão de gente).

Postular que a descrição de todas as unidades linguísticas deva se dar no mesmo formato, é negar a dicotomia clássica entre formantes lexicais (palavras/morfemas) e regras, assumindo um contínuo entre o Léxico e a Gramática de uma língua (SALOMÃO, 2009b, p. 38).

(iii) A Gramática é uma rede de Construções, conceptualmente motivada

Outro ponto crucial desta teoria é o de que, se o conhecimento do falante constitui a gramática de uma língua e se a construção é a unidade básica do conhecimento linguístico, a gramática nada mais é do que um conjunto de todas as construções de uma língua, desde as mais específicas (construção lexical *muito*) até as mais genéricas (Construção Causativa Agentiva – Suj V Obj). Sobre essa questão, Salomão considera que:

Essas unidades linguísticas não se apresentam isoladas ou em forma de lista: pelo contrário, relacionam-se entre si através de redes, conectadas por relações de herança. Podemos dizer, pois, que o conhecimento Gramatical de uma língua corresponde à rede das Construções dessa língua, que representa, de forma contínua, tanto suas generalizações como suas idiosincrasias (SALOMÃO, 2009b, p. 51).

Assume-se, portanto, que este repertório de construções que constitui o conhecimento linguístico não seja desestruturado, mas organizado **radialmente** e por **relações de herança** (LAKOFF, 1987; GOLDBERG, 1995). Isso significa que tais unidades de conhecimento (as construções) se relacionam e se distribuem em forma de uma rede a partir de uma base comum, herdando desta base elementos semântico-formais (SAMPAIO, 2010, p. 30). Esta perspectiva de gramática revela uma forte ligação com as hipóteses da Linguística Cognitiva a respeito dos processos de categorização linguística e das noções de centro e periferia, ao postular a existência de uma Construção Base, central, e de construções relacionadas que se localizam na periferia desta rede (MIRANDA, 2008b).

A respeito da construção que investigamos, Brodbeck (2010) a define como um subtipo da Macro Construção genérica de quantificação do PB. E, uma vez que esta envolve tanto a Quantificação Universal quanto a Existencial, nosso objeto de análise seria compreendido como uma Construção de Quantificação Existencial do Português.

3.2.1 *A analogia e a geração de novas construções*

Segundo Bybee (2010, p. 60), há construções que se estabelecem por repetição no uso através de sequências de palavras, ou *chunkings*. Construções sintáticas, por exemplo, que resultam da associação de um padrão específico (como a estrutura N1 de N2) - preenchido por determinados itens lexicais - a um significado/função (quantificação indefinida), dão origem a expressões convencionalizadas da língua (*monte de problemas, pilha de documentos, avalanche de protestos*, etc.). No entanto, as posições esquemáticas de uma construção, mesmo que entendidas como *chunkings*, não são invariáveis, ou seja, é possível que estas sejam usadas produtivamente.

Nesse sentido, há um mecanismo pelo qual tais posições esquemáticas são preenchidas por novos itens lexicais, contribuindo para a expansão de

determinada construção. Trata-se do processo de analogia, sobre o qual Bybee (2010) faz a seguinte observação:

Uma importante fonte de criatividade e produtividade na linguagem que permite a expressão de novos conceitos e a descrição de novas situações é a habilidade de expandir os *slots* esquemáticos em construções e preenche-los com novos itens lexicais, sintagmas ou construções (p. 57, tradução nossa)⁹.

De modo geral, o termo analogia é utilizado por alguns linguistas para se referir ao uso de novos itens em um padrão construcional já existente, a partir de instâncias já convencionalizadas (Cf. Skousen, 1989; Eddington, 2000; Baayen, 2003; Boas, 2003; Krott, Bayen e Schreuder, 2001; Bybee e Eddington, 2006). Bybee (2010), que adota a terminologia em seu sentido geral, ou seja, como um mecanismo através do qual o falante usa um novo item em uma construção, considera a importância da relação de similaridade semântica entre os novos itens e os itens já existentes. Nesta concepção, a relação entre estes elementos não pode ser arbitrária, pois estes são necessariamente semelhantes. Segundo a autora, a construção do inglês com *drive* (*It drives me crazy*) dificilmente seria combinada com *happy* (* *It drives me happy*), uma vez que este adjetivo não é semanticamente semelhante aos adjetivos ou sintagmas convencionalmente associados com *drive*, os quais indicam, necessariamente, insanidade.

Os estudos cognitivos, de modo geral, abordam a capacidade criativa dos falantes em gerar novos usos a partir da esquematização dos *slots* de uma construção. Assim, duas ou mais instanciações do *slot* na construção já autoriza a elaboração de uma estrutura mais esquemática, a qual se sobrepõe a suas instanciações (BYBEE, 2010, p. 64). Entretanto, como aponta Bybee, não são apenas os padrões abstratos que participam deste processo, a analogia também pode se dar no nível das instanciações individuais.

⁹ "An important source of creativity and productivity in language that allows the expression. Of novel concepts and the description of novel situations is the ability to expand the schematic slots in constructions to fill them with novel lexical items, phrases or other constructions."

Desse modo, o processo analógico pode dar origem a novas instanciações de um padrão construcional, como é o caso de nosso objeto de estudo. Como apresentado no capítulo 2, o uso frequente da expressão *monte de* como indicador de quantificação indefinida se convencionalizou na língua e deu origem à esquematização N1 de N2. A partir deste padrão sintático a construção passou a admitir o preenchimento do *slot* N1 por outros nomes, gerando expressões de quantificação como *chuva de*. Além disso, houve a expansão da construção, por analogia, a partir de nomes semanticamente similares: *montanha de*, *montão de*, *enxurrada de*, *tempestade de*, dentre outros.

A observação de tal mecanismo será, portanto, de extrema relevância para a análise aqui desenvolvida, uma vez que nosso objeto parece ser um terreno fértil para a habilidade humana de criar novas expressões, neste caso, de quantificação.

3.2.2 *Frequência de tipo e produtividade das construções*

Outro ponto bastante recorrente neste trabalho se refere à expansão da CBQI a partir do preenchimento do slot N1 com novos itens lexicais. E, como sinalizamos na seção anterior, o mecanismo geral de analogia tem papel fundamental neste processo.

A possibilidade de se expandir uma construção nos remete às propriedades de frequência de tipo e de ocorrência apresentadas pelos Modelos Baseados no Uso, abordagem implementada pela Gramática das Construções. Nesse sentido, a instanciação de uma construção por diversos itens lexicais indica que esta seja uma estrutura com alta frequência de tipo. Já quando se tem como foco a quantidade de vezes que um determinado item lexical instancia a construção, estamos lidando com frequência de ocorrência. Neste último caso, a reiteração de alguma instanciação da construção é que possui alta frequência de ocorrência e não a construção em si (BARDDAL, 2001, p. 31).

Em consonância com os Modelos Baseados no Uso está o conceito de “entrincheiramento” (BYBEE, 1985 apud BARDDAL, 2001), o qual relaciona a frequência de tais estruturas com o armazenamento das mesmas na mente do falante. Nesta perspectiva, a alta frequência, tanto de tipo quanto de ocorrência, é responsável pelo entrincheiramento das estruturas. Assim, construções com alta frequência de tipo são tidas como construções esquemáticas entrincheiradas na mente do falante. Quando se trata de alta frequência de ocorrência, apenas a instância (ou instâncias) da construção que se reitera na língua será entrincheirada. Para ilustrar os tipos de entrincheiramento, por frequência de tipo e de ocorrência, observem o seguinte esquema:

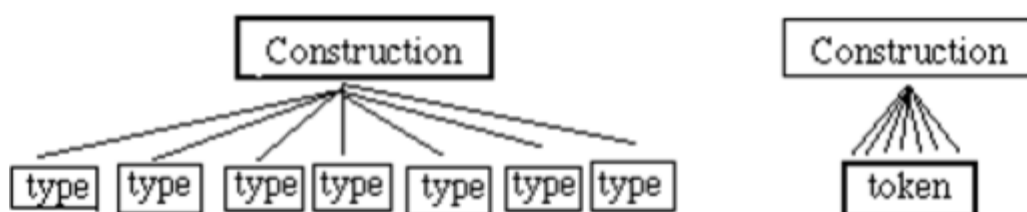


Figura 1: Construção esquemática entrincheirada *versus* ocorrência entrincheirada

Note que as caixas em negrito representam o padrão que se encontra profundamente entrincheirado. Ao lado esquerdo, temos o caso de uma construção esquemática a qual pode ser instanciada por diversos tipos e que possui alto grau de entrincheiramento. Já ao lado direito encontra-se a representação do entrincheiramento de uma instância muito frequente da construção, e não do padrão construcional em si.

Muitos autores tem relacionado a frequência de tipo com a produtividade de uma construção (Cf, Bybee, 1985; Clausner e Croft, 1997; Goldberg, 1995). Nesse sentido, quanto maior for o número de itens lexicais que instanciam determinada construção, mais produtiva esta será. Barddal (2001, p. 32) reitera tal perspectiva afirmando que construções esquemáticas profundamente entrincheiradas são produtivas desde que sua frequência de tipo seja alta. No entanto, a alta frequência de ocorrência de uma instanciação da construção

não contribui para a produtividade desta. Sendo assim, apenas determinada instanciação sofrerá o processo de entrincheiramento, independente do padrão abstrato no qual ocorre.

Como veremos mais adiante, a CBQI configura um padrão altamente produtivo na língua (mais de 30 tipos foram investigados neste trabalho) e, de acordo com esta hipótese, uma construção altamente entrincheirada na mente dos falantes do PB.

A próxima seção será dedicada à Semântica de Frames, constructo fundamental à análise que nos propomos desenvolver, uma vez que, nas abordagens construcionistas da linguagem, a estrutura semântica da construção é descrita em termos do *frame* que esta evoca. Como apresentaremos a seguir, a Semântica de *Frames* descreve as ULs a partir das cenas conceptuais que estas evocam, além de evidenciar os padrões sintáticos nos quais ocorrem. Nesse sentido, esta teoria se aproxima da Gramática das Construções, pois, conforme destacou Sampaio (2010), ambas buscam a integração de aspectos sintáticos, semânticos e pragmáticos do fenômeno linguístico. E, por isso, entende-se que estas sejam propostas compatíveis e, em muitos aspectos, complementares, como será evidenciado no decorrer de nossa análise.

3.3 A Semântica de *Frames*

A Semântica de *Frames* oferece ao estudo da significação lexical uma nova perspectiva de análise, pois ela toma como ponto de partida a cena conceptual que uma expressão evoca. Assim, a premissa fundamental desta teoria é a de que “os significados são relativizados à cena” (FILLMORE, 1982). Tal abordagem ganha relevo, especialmente, devido à importância que a noção de *frame* passou a merecer nos estudos cognitivos, bem como em disciplinas adjacentes, como a Linguística Textual e os estudos sociológicos da interação (SALOMÃO, 2009a, p.171).

Frames são estruturas de conceitos, baseados na experiência humana, os quais fornecem conhecimento necessário ao indivíduo para que ele faça inferências a respeito de uma situação, de outros participantes, objetos e

eventos. Nessa esquematização, os conceitos são fortemente conectados, de maneira que para entender qualquer um dos conceitos devemos compreender o sistema como um todo (PETRUCK, 1996, p. 1). Ou seja, ao ouvirmos, por exemplo, a palavra *goleiro*, ativamos um campo semântico mais amplo do qual este conceito faz parte e podemos, por isso, construir significados relacionados à cena de um jogo de futebol. Aproveitando este exemplo, podemos introduzir a noção de **Elemento de Frame** (EF), pois, a enunciação de uma palavra como *goleiro* nos leva a ativar, mesmo que inconscientemente, outros participantes da cena, como *bola*, *atacante*, *trave*, etc. Isso significa que os conceitos destas palavras estão interligados de tal forma que não é preciso que todas elas sejam ditas, pois já estão cognitivamente disponíveis. Os EFs que são, necessariamente, instanciados por um *frame* são chamados de Nucleares e, de modo geral, estes elementos têm sua manifestação explícita, sendo também representados pelas funções sintáticas mais salientes, como sujeito e objeto (RUPPENHOFER et.al, 2010, p. 63).

Tanto a compreensão quanto a construção dos significados numa língua se dá por meio dos *frames*. Estes, por sua vez, podem ser invocados pelos indivíduos, numa tarefa cognitiva de conceptualização da experiência, seja ela linguística ou não, e evocados por palavras, chamadas **Unidades Lexicais** – pareamento de uma forma e um *frame* específico –, as quais acionam tais estruturas de conhecimento. Assim, ao utilizar uma língua, o indivíduo estará evocando *frames*, por meio das Unidades Lexicais que compõem seus enunciados.

Na próxima subseção será apresentado o projeto FrameNet que, amparado pela Semântica de *Frames*, busca descrever dados linguísticos por uma perspectiva computacional.

3.3.1 O projeto FrameNet

O projeto FrameNet, um empreendimento de Charles J. Fillmore e Collin F. Baker, desenvolvido no International Computer Science Institute (ICSI), teve início a partir da junção da Semântica de *Frames* e da lexicografia, com o intuito, num primeiro momento, de aprimorar os estudos realizados por Fillmore

e Atkins a respeito do *frame* de Risco (FILLMORE & ATKINS, 1992, 1994). Desde então, a FrameNet se propôs a descrever os significados lexicais através dos *frames*, a partir de material extraído de corpus e da análise da valência das ULs que evocam esses *frames*, diferenciando-se consideravelmente da lexicografia tradicional. Este empreendimento serviu de base para o desenvolvimento de outros projetos nesse sentido, como a FrameNet Brasil¹⁰, desenvolvida na Universidade Federal de Juiz de Fora e que tem como principal investigadora a Professora Doutora Maria Margarida Martins Salomão e como líder o Professor Doutor Tiago Timponi Torrent.

A metodologia utilizada pela ferramenta pode ser de dois tipos: anotação de texto corrido ou anotação lexicográfica, de modo que ambos os tipos de anotação utilizam como unidade de análise a Unidade Lexical. Este último método, também empregado na FrameNet Brasil, resulta num dicionário que guia o usuário ao *frame* que a palavra consultada evoca, exibindo uma lista de outras palavras (ULs) evocadoras do mesmo *frame*, além de sentenças anotadas com relação às suas valências e às relações interframes (SALOMÃO, 2009a). Os dados extraídos de corpus permitem verificar o uso empírico das expressões analisadas e a anotação de sentenças busca rastrear, com exaustividade, as possíveis funções semânticas (Elementos de *Frame*) e gramaticais (função gramatical e tipo sintagmático) que os elementos que compõe a valência de uma UL podem assumir. Contudo, a anotação lexicográfica não se limita apenas a este tipo de informação, incluindo, quando necessário, outras camadas de anotação para os casos de sentenças metafóricas, expressões idiomáticas, elementos suporte e outros.

Cabe ressaltar que, no processo de anotação, a descrição da valência pode ser entendida como a identificação de quais argumentos sintáticos preenchem os espaços semânticos numa determinada sentença. Nisso, a FrameNet diferencia-se ainda mais de outras fontes lexicográficas, pois não ignora informação sintagmática, combinando-a com anotação semântica.

Ilustramos a seguir o método de anotação lexicográfica a partir da descrição do *frame* de Quantidade:

¹⁰ <http://www.framenetbr.ufjf.br/>

Quantity

Definition:

This frame contains nouns denoting **Quantities** of a specific **Entity** and their numerical **Values**. Note that the nouns in this frame DO NOT convey a gradable amount on their own.

His heart attack was caused by a **high cholesterol LEVEL**

His **cholesterol level** was **124 mg/dL**.

FEs:

Core:

Entity [Ent]

Entity identifies the concept or substance being quantified by a **Quantity**.

My blood-sugar LEVEL is high.

The patients were sorted by **LEVEL of radiation exposure**

Quantity [Quant]

Identifies the **Quantity**-denoting **TARGET** word

Semantic Type: Quantity

Their **LEVEL** of productivity decreased with each hour of overtime worked

Value [Val]

Value identifies the numerical amount of the **Entity**

He wrote me a check in the **AMOUNT** of \$500.

Non-Core:

A characterization of the **Quantity**

Descriptor []

He received an **appropriate AMOUNT** of replies to his online survey.

Lexical Units:

amount.n, level.n, quantity.n

Figura 2: Frame Semântico de Quantidade

Como podemos observar, além da descrição do frame *Quantity*, são identificadas as Unidades Lexicais que o evocam (*amount*, *level* e *quantity*) e as funções microtemáticas que o estruturam (os Elementos de Frame Centrais: Entidade, Quantidade e Valor). Outros aspectos também são relevantes neste processo de caracterização de um frame, como as relações interframes. Contudo, não abordaremos tais aspectos, como também não nos aprofundaremos nos procedimentos de anotação desenvolvidos por esta ferramenta, tendo em vista nossa escolha pela anotação Construcional da CBQI. Portanto, apresentaremos, a seguir, a ferramenta Constructicon, um recurso que visa à descrição de construções do PB.

3.3.2 O Constructicon

Os resultados obtidos através do trabalho com a FrameNet, e pelo envolvimento da equipe de Berkeley com a Gramática das Construções, desencadeou o desenvolvimento de uma ferramenta que, a partir das mesmas bases analíticas da FrameNet, pudesse dar conta de padrões construcionais da língua. Assim como uma Unidade Lexical é entendida como o pareamento de um lema a um frame, uma construção também pode ser compreendida nestes termos, ou seja, como o pareamento de um padrão Construcional (polo formal) a um frame (polo conceptual).

Diante disso, surgiu o projeto Constructicon (FILLMORE, 2008), que tem como objetivo oferecer a formalização de diversas construções que compõem nosso conhecimento linguístico e que, na maioria das vezes, não podem ser descritos a partir da anotação lexicográfica. A tabela a seguir, elaborada por Fillmore (2008, p. 9), compara os processos de anotação da FrameNet e do Constructicon:

FrameNet	Constructicon
Descrições de frames definem os frames e seus componentes, estabelecem nomes de EFs para a anotação, e especificam relações frame-a-frame; entradas lexicais são associadas a frames, descrições das valências mostram as possibilidades combinatórias, padrões de valência para conjuntos de sentenças anotadas.	Entradas construcionais descrevem as construções e seus componentes, estabelecem elementos da construção (ECs, os elementos sintáticos que formam o constructo), esclarece a contribuição semântica da construção, especifica as relações construção-a-construção e liga as descrições das construções a sentenças anotadas, exibindo seu tipo.
Os EFs são nomeados de acordo com seus papéis no frame e estes providenciam rótulos para os sintagmas que dão alguma informação sobre o EF.	Os ECs são nomeados de acordo com suas funções nos constructos, rotulando palavras e sintagmas nas sentenças anotadas.
As propriedades sintáticas – funções gramaticais e tipos sintagmáticos – são identificados por todos os constituintes realizados pelos elementos de frame.	Tipos sintagmáticos são identificados por constituintes que funcionam como ECs num constructo: para construções que tem como núcleo unidades lexicais, os rótulos de função gramatical também são relevantes.
Exemplos de sentenças são selecionados para que possam ilustrar o uso das unidades lexicais descritas.	Exemplos de sentenças são selecionados e anotados de modo que possam ilustrar o uso da construção.
As anotações identificam a UL, os EFs, as FG e os TS dos segmentos sob análise.	As anotações contém rótulos para os ECs e identificam, para as construções lexicalmente marcadas, o material lexical relevante.
Padrões de valência são identificados e relacionados às anotações.	As variedades dos padrões construcionais são identificadas e ligadas às anotações.
Relações frame-a-frame são documentadas e representadas em um recurso separado.	Relações construção-a-construção são identificadas e (eventualmente serão) representadas.

Tabela 1: Comparação entre as anotações da FrameNet e do Constructicon

Muitas são as construções do PB que não são tratáveis a partir de uma anotação lexicográfica. Os primeiros passos rumo à implementação de um Constructicon associado à FrameNet Brasil já foram dados a partir da anotação de algumas construções, tais como a Modal_espitêmica_dar, descrita por LAGE (2013), que será ilustrada a seguir:

Modal_epistêmica_dar

Definição [Definition]

Um Modalizador_epistêmico, necessariamente o verbo "dar", modifica um VP_para_inf que codifica uma ação ou evento possível.

Elementos da Construção [Construction Elements]

Modalizador_epistêmico	Expressão que adiciona ao Vinf a noção de modalização epistêmica de possibilidade. Nesta construção, o
Epistemic_modal	Modalizador_epistêmico é especificado lexicalmente como o verbo "dar".
VP_para_inf VP_para_inf	Sintagma verbal infinitivo regido por para que codifica a ação ou evento possível.

Exemplos de anotação [Annotation Examples]

-R E dá pra ver o peixe na água

dá pra

A quantidade de ossos encontrada deu para encher quatro sacolas de supermercado

deu para

alemão Karsten Braasch eliminou o russo Andrei Cherkasov , 6 , 3 e 6 , mas não deu para a torcida alemã festejar

deu para

É um mercado novo , mas já deu para perceber que é um dos que mais cresce no setor de eletroeletrônicos , enfatiza Antonio

deu para

muito grande , três quartos , uma copa grande , né , cozinha , tinha , havia cozi ... o fogão a gás e fogão de lenha , fogão a gás é esse tipo de boião , e um quintal com galinheiro , quarto de empregada , enfim , dava pra viver perfeitamente , não tão bem aqui , como aqui no Rio , mas dava pra viver

Não dá pra ver não

Não deu para cortar» , lamentou o goleiro gremista Danlei

deu para

O barulho não foi tão grande quanto na Inglaterra , é claro , mas deu para ouvir

Figura 3: Anotação da construção Modal_epistêmica_dar no Constructicon

Nesta descrição são identificados dois ECs: o próprio modalizador epistêmico (dar) e o sintagma que expressa o evento. O verbo “dar” constitui o material lexicalmente especificado da construção e, como é possível observar pelas sentenças anotadas, a construção evoca o frame de Possibilidade. Ou seja, uma sentença como “Não deu pra cortar” pode ser parafraseada por “Não foi possível cortar”. Desse modo o tratamento computacional mais adequado para tal construção será via anotação construcional, pois um tratamento lexicográfico assumiria “dar” como UL evocadora do frame de Doação.

Conforme sinalizamos anteriormente, também temos como objetivo propor a anotação da Construção Binominal de Quantificação Indefinida no âmbito do Constructicon. Isso, pois como será discutido no capítulo de análise, os lexemas que designamos como Nomes Quantificadores (*vendaval*, *enxurrada*, *oceano*) só evocam o frame de Quantificação Indefinida quando inseridos no padrão N1 de N2, licenciando, por exemplo, expressões como: *vendaval de vaias*; *enxurrada de críticas*, *oceano de razões*. Alguns critérios

elaborados por Lage (2013), os quais auxiliam ao pesquisador na decisão sobre o ambiente mais adequado para anotação de determinado dado linguístico, também serão considerados nesta análise de modo que possamos reafirmar nossa escolha pelo Constructicon.

4 Procedimentos Metodológicos

Este estudo, acompanhando uma tendência da Linguística Cognitiva contemporânea, confere ao uso papel fundamental para a análise do fenômeno linguístico investigado, pois entende que é no uso que emergem a Gramática e o Léxico de uma língua (MIRANDA, 2008, p. 4). Assim, nossa pesquisa é desenvolvida a partir da perspectiva do Modelo Baseado no Uso, assumindo que este “é um modelo de uso da linguagem e de como o conhecimento linguístico é representado e armazenado na mente do falante. O modelo baseado no uso também leva em consideração os efeitos da frequência no uso linguístico” (BARDDAL, 2001). Esse modelo reconhece, então, uma relação intrínseca entre o processamento mental de estruturas linguísticas e os contextos de seu uso real. É nesse sentido que tal modelo, associado a uma abordagem construcionista (GOLDBERG, 1995, 2006), oferece um instrumental teórico que orienta a análise do fenômeno aqui investigado.

Nessa perspectiva, métodos puramente introspectivos perdem força, primeiro, pelo fato de que, segundo Miranda (2008, p.41), análises que se baseiam apenas na intuição do falante podem apresentar resultados equivocados, e, segundo, pelo surgimento de recursos tecnológicos que inovaram a maneira de se realizar pesquisas linguísticas, viabilizando a verificação da intuição do falante no uso. Desse modo, o modelo adota métodos da Linguística de *Corpus*, os quais possibilitam a observação dos fenômenos linguísticos em ambientes discursivos reais (SAMPAIO, 2007, p. 109). No entanto, entendemos que a associação deste método com uma abordagem interpretativista se faz necessária, tendo em vista que os resultados obtidos através de uma pesquisa de *corpus* não podem ser tomados como generalizantes. Assim, a interpretação do pesquisador, com sua intuição de falante, é complementar à pesquisa de *corpus*.

É nesse sentido que esta pesquisa adota uma abordagem mista, na qual se faz uso tanto de métodos quantitativos, como qualitativos e entendemos que o estudo da língua em uso deve considerar a diversidade, bem como a possibilidade de transição entre os métodos, como um ganho metodológico. De acordo com Mason (2006, p.13), adotar um método misto de pesquisa significa

abordar os fenômenos estudados a partir de um ponto de vista criativo e multidimensional.

Assim, no que diz respeito à Linguística de *Corpus*, cabe ressaltar a contribuição significativa dos avanços tecnológicos para os estudos linguísticos que se baseiam em *corpora*, devido à facilidade de armazenamento de *corpora* específicos, bem como de sua exploração, por meio de ferramentas computacionais (SARDINHA, 2004, p.15). Além disso, como observa Sampaio (2010), o pesquisador consegue aproximar-se ainda mais do objeto investigado, diante de inúmeros conjuntos de dados acessíveis por meio da Internet, contendo produções autênticas da língua, seja através de blogs, jornais *on-line*, salas de bate-papo ou outros meios.

Quanto aos princípios norteadores desta abordagem estão: **a adoção de uma abordagem empirista para os estudos linguísticos e a visão probabilística da linguagem**. O primeiro princípio diz respeito à concepção de que o conhecimento tem sua origem na experiência, assim, no que se refere à linguagem, isso significa “dar primazia aos dados provenientes da observação da linguagem, em geral reunidos sob a forma de um *corpus*” (SARDINHA, 2000, p.350). O segundo pilar desta corrente metodológica diz respeito ao abandono do campo das possibilidades, proveniente do método introspectivo chomskyano, e da admissão de uma perspectiva probabilística, na qual se observa a realização efetiva das estruturas linguísticas no uso da linguagem (Sardinha 2004). Este último princípio contribuiu decisivamente para o vínculo entre a Linguística de *Corpus* e a Gramática das Construções. A concepção de *Corpus*, segundo Sardinha (2004), é a seguinte:

um conjunto de dados linguísticos (pertencentes ao uso oral ou escrito da língua, ou a ambos), sistematizado segundo determinados critérios, suficientemente extenso em amplitude e profundidade, de maneira que sejam representativos da totalidade do uso linguístico ou de algum de seus âmbitos, dispostos de tal modo que possam ser processados por computador, com a finalidade de propiciar resultados vários e úteis para a descrição e análise. (SARDINHA, 2004, p. 18)

Assim, assumindo uma abordagem construcionista (GOLDBERG, 1995,

2006), amparada pelos Modelos Baseados no Uso, torna-se fundamental a incorporação de instrumentos empíricos para a investigação linguística. Isso porque tais modelos operam com as propriedades de frequência de tipo e frequência de ocorrência, já explicitadas no capítulo teórico.

A análise de tais propriedades constitui um passo importante na descrição das construções de uma língua e um aspecto favorável para a aproximação entre a Gramática das Construções e a Linguística de *Corpus*, uma vez que, para os estudos construcionistas, é o uso e a reiteração que constituem os padrões construcionais de uma língua, de modo que propriedades como a frequência de tipo e de ocorrência permitem a observação destes padrões vinculados a contextos de uso, excluindo assim a visão aleatória da variação (GOLDBERG 1995, 2006; CROFT, 2007). Por isso, dedicamos uma seção à discussão destas propriedades, no capítulo de análise da CBQI.

Embora os estudos contemporâneos em Linguística Cognitiva tenham se beneficiado muito dos métodos dispostos pela Linguística de *Corpus*, algumas limitações ainda precisam ser superadas, tais como: o número restrito de *corpora* disponíveis, a inexistência de parâmetros metodológicos específicos para a pesquisa, a inexperiência do pesquisador diante de alguns métodos empregados pela Linguística de *Corpus*, dentre outras. Entretanto, a pesquisa realizada em *corpora* do PB ainda se mostra como a melhor opção para a verificação do nosso objeto de estudo, uma vez que este emerge no uso linguístico. Além disso, aspectos fundamentais, como a produtividade e o grau de convencionalização, enriquecem consideravelmente a análise e descrição da construção na língua.

Os desdobramentos computacionais da Semântica de *Frames*, a FrameNet e o Constructicon, são exemplos claros da associação entre teoria linguística e metodologia empírica de análise, uma vez que assumem que a anotação, tanto de ULs como de construções, deve se basear em *corpora*.

4.1 Constituição do banco de dados

Para que pudéssemos dar início aos procedimentos de análise da CBQI foi necessário constituir um *banco de dados* específico da construção, o qual apresentasse dados escritos provenientes do uso linguístico. Para tanto, empregou-se, inicialmente, a introspecção dos pesquisadores do grupo e realizou-se um levantamento dos lexemas que poderiam preencher a posição de N1, no padrão N1 de N2, obtendo a seguinte lista: *montão, pilha, mar, montanha, enxurrada, porrada, avalanche, oceano, floresta, caminhão, galáxia, enchente, vendaval*.

Tal lista, contudo, tornou-se insuficiente diante da observação da profusão de *types/tipos* da CBQI em situações de fala espontânea, na mídia, em redes sociais e em outros meios. E, como este estudo tem como objetivo oferecer uma descrição abrangente da construção, optou-se por dar continuidade à tarefa de elencar outros lexemas que pudessem ser instanciados pela CBQI, inclusive aqueles que indicam quantidades mínimas. Assim, a lista de quantificadores aumentou consideravelmente, como é apresentado na tabela a seguir, com os respectivos exemplos:

	Types/Tipos	Exemplos
01	Montão	“Percebi que eu mesma teria que criar o som que eu queria . Acabei fazendo um montão de músicas ”, conta.
02	Pilha	É uma insensatez por uma pilha de motivos que não cabem, todos, neste espaço.
03	Mar	Tristar já está voando desengonçado sobre um mar de nuvens .
04	Montanha	É a mesma contusão que fez a alemã tomar montanha de analgésicos no ano passado.
05	Enxurrada	A metafísica francesa das Luzes não passa de uma enxurrada de falatório tedioso .
06	Porrada	A juventude é uma garantia para uma porrada de coisas .
07	Avalanche	Fernando Henrique recebe diariamente avalanche de adesões , proporcional à sua posição nas pesquisas.
08	Oceano	No caso, Maradona ostentava um oceano de razões .
09	Floresta	Era aquele tipo de telejornal à base de «conteúdos», que ambicionava dimensionar a floresta de notícias .
10	Caminhão	É taxa suficiente para trazer um caminhão de dólares para o Brasil.

11	Galáxia	O cinema era uma galáxia de gênios e heróis e Veneza era um « luau » de lendas vivas.
12	Enchente	Um verdadeiro dilúvio, uma enchente de cartas inunda a redação
13	Vendaval	Entre a morte da mendiga e a tão aguardada pororoca fraterna... um vendaval de amofinações varre a vida do gêmeo bonzinho.
14	Bando	O Sport merece destaque: tem um bando de craques .
15	Penca	Tem penças de seguidores no Rio de Janeiro, mas diz que o verdadeiro guru é o movimento.
16	Rio	O risco para os usuários é gastar rios de dinheiro na conta telefônica.
17	Enxame	No dia 12 de agosto um enxame de Ovnis invadiu uma cidade e aterrorizou seus 30 mil habitantes.
18	Inundação	O caso Simpson provocou verdadeira inundação de debates sobre a questão da violência doméstica nos EUA.
19	Bocado	Pegamo a CG, que era a única coisa que nós tinha, um bocado de removedor e caímos na estrada.
20	Multidão	Estranho, um presidente da República pedindo apoio a uma multidão de miseráveis para salvá-los.
21	Pá	Sem os bordéis Freud teria uma pá de casos a menos e talvez tivesse se tornado arqueólogo.
22	Batalhão	... Sem falar no batalhão de fotógrafos e de cinegrafistas que disputavam a imagem do dia.
23	Pelotão	... pelotões de pesquisadores pensavam que se aproximavam mais e mais do correto ao elaborarem montanhas de papéis.
24	Corja	E onde é que foi parar aquela corja de cronistas e subcronistas de futebol que só fazia espinafrar o homem?
25	Mundo	A Copa está chegando e... a seleção dos EUA é um mundo de problemas .
26	Tempestade	A esta altura, uma tempestade de Pelés pode ter desabado sobre a cabeça do candidato.
27	Onda	São Paulo assiste uma onda de estréias teatrais nesta sexta.
28	Dilúvio	Virou mania nos EUA, com direito a gibi, duas capas da "Rolling Stone", um dilúvio de merchandising .
29	Punhado	... é ilusório supor que se vai, de fato, pôr ordem na casa por meio de um punhado de operações nas favelas.
30	Poço	"Nossa idéia é selecionar esse material e criar um grande centro de documentação", diz, um poço de histórias .
31	Pingo	"Somos a melhor marca, temos os melhores produtos..." diz, sem um pingo de modéstia .
32	Gota	Longe dos estúdios de TV, embolsa o dinheiro do contribuinte sem liberar uma gota de suor por ele.
33	Ponta	Apesar de se dizer satisfeito com o empate, o técnico da Suécia não escondeu uma ponta de decepção .
34	Pitada	O filme é uma espécie de documentário. Só que com imagens lindas e uma pitada de ficção .
35	Dedo	O TSE adiou para depois do primeiro turno uma decisão a respeito, mas ninguém com um dedo de juízo acredita que qualquer um dos

		dois possa ser condenado.
36	Fiapo	Apesar da idade, não perdeu um fiapo de sua voz aveludada , talvez a mais aconchegante que o jazz já conheceu.

Tabela 2: Exemplos de instanciações da CBQI

Diante desta lista, era preciso realizar a busca por cada um destes possíveis quantificadores em *corpora* do PB¹¹. Para tanto, utilizou-se como fonte de dados o *corpus* Cetenfolha e como ferramenta de busca o *software* Sketch Engine (www.sketchengine.co.uk). O referido *corpus*, criado pelo projeto Processamento computacional do Português, contém 25 milhões de palavras em português brasileiro e tem como base o Jornal *Folha de São Paulo*.

Quanto ao Sketch Engine, tal ferramenta funciona como um repositório de *corpora*, os quais podem ser consultados através de duas modalidades de busca: *Word Sketch* e *Concordance*. As buscas realizadas na primeira modalidade oferecem como resultado listas de palavras que representam os contextos sintáticos nos quais se instanciam os lexemas. Já a segunda modalidade consiste na especificação de um ambiente específico para a instanciação do dado linguístico. Optou-se, portanto, pela segunda modalidade, uma vez que a CBQI é formada, necessariamente, pelo **lexema** (*mar*, *enxurrada*, *bando*, etc.) e pela preposição **de**, como será ilustrado adiante.

Os *corpora* presentes no Sketch Engine são analisados pelo *parser* PALAVRAS, que os etiqueta de acordo com sua classe morfológica e função sintática. É a partir desta etiquetagem que a ferramenta de busca oferece informações acerca dos contextos sintáticos nos quais se observam os dados linguísticos.

Efetou-se, então, a busca pela estrutura **N1 de**, ou seja, pela substituição sistemática de N1 por cada nome elencado como possível quantificador na construção (*mar de*, *bando de*, *punhado de*, *avalanche de*,

¹¹ Cabe notar que alguns dos nomes elencados como possíveis quantificadores (*cacetada*, *bordoada*, *temporal*, *dedinho*, *bocadinho*, *caco*, *cisco*) foram excluídos da lista, uma vez que não apresentaram nenhuma instanciação no *corpus* analisado.

etc). Na verdade, entende-se que o frame de Quantificação Indefinida seja evocado pela estrutura sintática **N1 de N2** (*mar de carros, bando de famintos, punhado de votos, avalanche de protestos, etc.*), contudo, não foi possível realizar a busca de modo a incluir o N2, uma vez que a CBQI é apenas parcialmente preenchida, ou seja, são inúmeras as possibilidades de preenchimento do *slot* N2. A pesquisa se realiza, então, no nível da instanciação concreta da construção ou da microconstrução (TRAUGOTT, 2008), o que limita, de certa forma, a observação de outros potenciais quantificadores da CBQI, além daqueles listados.

A figura a seguir ilustra a busca realizada pela modalidade *Concordance*:



Figura 4: Busca pela modalidade Concordance

É possível visualizar pela figura que a consulta foi realizada pelo lexema *floresta* combinado à preposição *de*. Vejamos, agora, a figura 4 que apresenta o resultado desta busca:

o a que se referia do que com o western ou a floresta de Sherwood . Errol Flynn pôs de lado o arco e as flechas e seu nome está no centro de uma das maiores florestas de equívocos do jazz contemporâneo . A sua meteórica carreira fugiu , refugiando-se num lugar perto da floresta de Tijuca . Recentemente compôs o álbum António Bico e a produção , Ecofilmes , 1992 , 87 min A Lenda da Floresta De Ridley Scott Com Tom Cruise , Mia Sara , Tim Curry e a produção de lâmpadas eléctricas , uma clareira na floresta de prédios novos do Casal de S. Brás -- e aos que ouviram o cenário de desolação que paira sobre a floresta de produção nacional . </p><p> Aquilo vai ficar transformado numa floresta de cimento , quando o que se queria era um jardim -- e o cenário de desolação que paira sobre a floresta de produção nacional . </p><p> Cobiçado até à semana de ver na televisão . E este , perante uma floresta de gravadores , disse ao que vinha . </p><p> Para Kai e as pernas em que a bola conseguiu circular entre a floresta de pernas que povoava o miolo do terreno , os verdadeiros > Ecovídeo , 1992 , 93 min. </p> Os Olhos da Floresta De John Hough Com Bette Davis , Carroll Baker , David Niven legal em Portugal . Falando no meio de uma floresta de simulacros das partes mais pudibundas da anatomia humana e regime de regeneração natural . </p><p> Nas florestas de pinheiro bravo exploradas neste regime , é a própria história do pinhal ; é fácil , pois , entender que as florestas de pinheiro bravo são , de todos os ecossistemas florestais , o mais frágil . Até que o matagal se transforme na floresta de Alvalade ? G.P. </p><p> Loopings , voos rasantes e >><p> O Vale das Flores transformou-se numa floresta de betão armado onde se meteu tudo , da escola ao hospital e tendo passar a bola pelo sítio impossível : uma floresta de 16 pernas e um poste . Dois minutos antes do intercepto , tantas grades históricas , uma imensa floresta de proibições e de discriminações , códigos , enredos e labirintos , na cidade ou no campus . Talvez , nas florestas de Nova Inglaterra e em certas áreas dos Apalaches e não poderia sair das mãos de um escultor : uma floresta de árvores metálicas , um movimento de asas de pássaros e isto com outros olhos , bem poderia ser uma floresta de árvores altas e esguias , povoada de centenas de f

Figura 5: Resultado da busca realizada pela modalidade Concordance

O resultado da busca apresenta todas as instanciações do padrão **N de**, mas nem todos correspondem, necessariamente, a instanciações da CBQI. Por isso, foi necessário efetuar a limpeza dos dados de modo a excluir casos em que o padrão **N1 de N2** não instanciasse a construção que tomamos aqui como objeto. Um exemplo disso é a construção de especificação (26-28), a qual será abordada brevemente no próximo capítulo:

- (26) *Os peritos policiais encontraram marcas de cal no quarto de Dayse e alguns **pingos de sangue** no banheiro do apartamento do sobrinho da aposentada...*
- (27) *Sem-terra saqueiam **caminhão de alimentos**.*
- (28) *Frequentemente, uma **onda de energia extremamente alta**, um raio gama ou cósmico das profundezas do espaço, penetra a atmosfera.*

Foram também excluídos os casos ambíguos, a partir dos quais não era possível estabelecer com precisão se se tratava da CBQI ou de uma

construção de especificação (como a expressão *pilha de livros*, por exemplo), bem como alguns casos de repetição identificados.

Após esta limpeza criteriosa, as sentenças que constituem nossa base de dados são importadas para a FrameNet Desktop através do site FN-Br Admin, alimentando o banco de dados da FN-Br e possibilitando que se proceda, posteriormente, à anotação de sentenças que exemplifiquem os contextos de uso da construção. Além disso, as sentenças importadas podem servir de exemplo para os *frames*, Unidades Lexicais e outras construções descritas no Desktop (LAGE, 2013, p. 21).

A tabela a seguir apresenta os resultados que obtivemos com a busca, no período de janeiro de 2013:

	Grande Quantidade	N° de <i>tokens</i>
01	Onda	199
02	Punhado	61
03	Avalanche	54
04	Multidão	49
05	Montanha	48
06	Mar	41
07	Pitada	32
08	Bando	31
09	Batalhão	29
10	Enxurrada	24
11	Ponta	23
12	Bocado	21
13	Pilha	13
14	Poço	13
15	Mundo	12
16	Montão	12
17	Rio	11
18	Penca	10
19	Pá	9
20	Gota	8
21	Pingo	7
22	Fiapo	6
23	Caminhão	6
24	Inundação	6

25	Oceano	5
26	Vendaval	4
27	Tempestade	4
28	Dilúvio	4
29	Galáxia	4
30	Floresta	4
31	Porrada	4
32	Enxame	3
33	Pelotão	1
34	Enchente	1
35	Corja	1
36	Dedo	1

Tabela 3: Frequência de ocorrência dos tipos licenciados pela CBQI

É possível observar pela tabela que foram identificadas 756 ocorrências da CBQI, distribuídas entre os 36 tipos que instanciam a construção. As considerações acerca das frequências de tipo e de ocorrência serão devidamente tratadas no capítulo 5, quando trataremos da produtividade e convencionalização da construção.

Cabe agora uma breve consideração a respeito dos limites de abrangência do *Centenfolha*, *corpus* utilizado como fonte de busca. A escolha por esta fonte se deu, como já exposto acima, pelo fato de este ser um *corpus* tratado, disponível no Sketch Engine e passível de importação para o Desktop. Contudo, por apresentar apenas textos jornalísticos, uma análise mais abrangente em relação ao ambiente discursivo da construção se torna comprometida. Do mesmo modo, compromete-se a análise a respeito da frequência de ocorrência dos tipos que instanciam a construção, uma vez que acreditamos que o gênero jornalístico possa favorecer alguns Nomes Quantificadores mais que outros. Isso, porque alguns NQs muito recorrentes no uso linguístico são pouco frequentes em nossa base de dados por serem de natureza informal.

Embora os dados disponibilizados por este *corpus* já tenham nos proporcionado base para uma descrição geral da CBQI, entendemos que o trabalho com *corpora* diversificados seja importante para que se possa explorar ainda mais o polo discursivo da construção.

Tendo delimitado nossos procedimentos metodológicos e reconhecido as limitações de nosso conjunto de dados, passemos à análise da Construção Binominal de Quantificação Indefinida.

5 A Construção Binominal de Quantificação Indefinida

Este capítulo apresenta nossa proposta de análise da Construção Binominal de Quantificação Indefinida (CBQI). Tal análise, orientada pelo instrumental teórico já explicitado no capítulo 3, considerou 756 ocorrências da referida construção, contemplando 36 nomes quantificadores.

Partindo de uma caracterização geral da CBQI, entende-se que esta seja uma Construção que associa o padrão sintático **N1 de N2** ao *frame* de **Quantificação Indefinida**. Diferentemente de Alonso (2010), que inclui o artigo indefinido na sua proposta de descrição, entendemos que, sendo o artigo opcional (embora muito frequente), o padrão sintático da construção seria melhor descrito pelo esquema N1 de N2. Observem-se pelas sentenças a variedade de determinantes que ocorrem com a construção:

- (29) *No Brasil, **qualquer** punhado de enquetes feitas na TV, com resposta instantânea via telefone, virou TV interativa.*
- (30) *Ele afirmou que vai mandar milícias para « derrotar **este bando de foras-da-lei.***
- (31) *Entre ele e seu destino, curvas fatais vêm precedidas **pelo mar de buracos** e pela falta de sinalização.*
- (32) *Falta-lhe o ar, interrompendo **a enxurrada de palavras.***

Somado a isso, temos que, embora a instanciação de N1 no singular seja mais comum, a presença de algumas ocorrências deste no plural impossibilitaria a inclusão do artigo indefinido na expressão. Considerem-se algumas destas ocorrências:

- (33) *Tem **pencas de** seguidores no Rio de Janeiro, mas diz que o verdadeiro guru é o movimento.*
- (34) *O BC está realizando leilões de **rios de compra** no mercado de dólar comercial ...*

(35) *Reabriu ontem com todo o entusiasmo, na certeza de que uma África do Sul reconhecida como democrática atrairá **pilhas de investimentos estrangeiros.***

Tendo em vista esta caracterização inicial da construção, passemos à evidenciação de outros usos do padrão sintático N1 de N2, os quais não correspondem à CBQI (seção 5.1). Em seguida procederemos à análise e descrição desta construção, a partir dos subtipos que a instanciam, bem como dos esquemas imagéticos que dela participam (seção 5.2). A próxima seção (5.3) contemplará noções como a produtividade e convencionalização da CBQI. E, finalmente, será apresentada nossa proposta de descrição e anotação da construção no Constructicon do PB (seção 5.4).

5.1 Diferenciando a CBQI de ocorrências com o mesmo padrão sintático

A postulação da CBQI como uma associação entre o padrão N1 de N2 e o frame de Quantificação Indefinida serviu-nos de critério para delimitar nosso objeto de análise. Ao realizarmos a limpeza dos dados coletados, identificamos (e excluímos de nossa base de dados) alguns padrões construcionais que, embora se assemelhem à CBQI em termos formais, não podem ser descritos nos mesmo termos.

Alguns destes casos referem-se a uma construção binominal instanciada por nomes como *quantia*, *quantidade*, *número*, *porção*, etc., os quais evocam diretamente o frame de Quantidade, independente do padrão N1 de N2 no qual estão inseridos (“número de convidados”, “quantia de dinheiro”, etc.). Inclusive, como vimos na Figura 2 (capítulo 3), alguns destes nomes são anotados pela FrameNet no *frame* Quantity, como Unidades Lexicais. Enquanto isso, os Nomes que preenchem a CBQI (*enxurrada*, *temporal*, *mar*, etc.) só evocam este frame quando se encontram no padrão N1 de N2, pois fora deste evocam outros *frames* (Movimento massivo, Precipitação, Propriedades Naturais).

Ainda que se possa argumentar que tais nomes instanciem o mesmo tipo de estrutura sintagmática (N1 de N2) da CBQI e evoquem, da mesma

forma, o frame de Quantidade, no que se refere à dimensão conceptual de tais construções é possível estabelecer distinções claras. Como será melhor discutido no decorrer deste capítulo, percebe-se que a CBQI é cognitivamente motivada por domínios elementares da experiência humana, tais como os esquema de MOVIMENTO, VERTICALIDADE, EXTENSÃO, etc. E isso se deve justamente ao fato de que, como mencionamos acima, os nomes que investigamos evocam frames distintos, quando fora da CBQI, os quais são preservados, juntos com seus respectivos esquemas, para a expressão de quantificação. Do mesmo modo, construções binominais que veiculam a noção de coleção/conjunto não fazem parte de nosso objeto (grupo de estudantes; conjunto de protestantes, etc.). Isso porque nomes como *grupo*, *conjunto*, *coleção*, dentre outros, evocam o frame de Agregado (*Aggregate*), e envolvem o perfilamento do todo, enquanto as instâncias da CBQI denotam a grande ou pequena quantidade indefinida de algum referente, mas não perfilam necessariamente a ideia de conjunto.

Também foram excluídas de nossa base de dados as ocorrências referentes ao padrão N1 de N2 associado ao frame de Parte-todo (*Part_whole*). Expressões como “*parte da turma*”, “*pedaço desse bolo*”, “*metade da laranja*”, denotam, de fato, a noção de quantidade, porém envolvem necessariamente a extração de uma porção/parte de algum referente tomado como todo. Comparem-se tais expressões a um dado relativo à CBQI:

(36) *A conversa com Mario Covas terminou. O dia estava chuvoso, já escurecia e saí de lá com dúvidas e **fiapos de esperanças**.*

É possível constatar que *fiapo*, assim como os demais nomes da CBQI que expressam pequena quantidade (gota, dedo, pingo, pitada, etc.), possui uma potencial leitura partitiva, tal como *parte*, *pedaço*, *metade*, etc. Isto, pois tais nomes funcionam, de fato, como partitivos na língua. Ocorre, no entanto, que a inclusão destes na CBQI faz com que o frame evocado seja outro, o de Quantificação indefinida. Ou seja, entende-se que a expressão *fiapos de esperança* corresponda a *pouca esperança* e não a *uma parte da esperança*, de fato.

Outra construção binominal bastante recorrente entre nossos dados é aquela que, segundo Brodbeck (2010) e Verveckken (2012), motivou o surgimento da CBQI: aquela com estrutura N1 de N2, na qual N1 constitui o Núcleo sintático e semântico da construção. Em relação ao N2, este não é interpretado como massa ou entidade quantificada por N1 (como na CBQI), mas como a massa ou entidade que constitui ou especifica N1. Em expressões como “*chuva de granizo*” e “*monte de pedra*”, por exemplo, *chuva* e *monte* são os núcleos semânticos e sintáticos da construção e especificados por seus complementos *de granizo* e *de pedras*, respectivamente.

Durante a realização da coleta dos dados, foram identificados alguns destes casos:

- (37) *Os estampidos assustaram a **multidão de fãs**, que se dispersou entre gritos e empurrões.*
- (38) *Munido de uma **pilha de meio metro** de papéis documentos do processo PC leu e releu nos últimos dias as acusações da Procuradoria-geral da República.*
- (39) *“Taipei” é um jogo oriental que traz uma **pilha de cubos**. O jogador tem que encontrar os pares dos cubos para tirá-los da pilha.*

As pistas contextuais de (37) sugerem que os *fãs* apresentavam a configuração espacial de uma *multidão* e que, portanto, constituíam uma *multidão* literal de *fãs*. Da mesma forma, a propriedade *meio metro* atribuída à *pilha* em (38) e a referência anafórica em (39) oferecem pistas de que o nome corresponda à *pilha* literal de papéis e de cubos, ou seja, que assumam a função de Núcleo e não a de Quantificador.

Diferentemente desta construção, na CBQI observa-se que N1, embora ainda seja o núcleo sintático, deixa de ser o Núcleo semântico da construção, o que pode ser ilustrado pela sentença:

- (40) Reabriu ontem com todo o entusiasmo, na certeza de que uma África do Sul reconhecida como democrática atrairá **pilhas de investimentos estrangeiros**.

Percebe-se que o N2 *investimentos estrangeiros* é que constitui o Núcleo semântico da expressão, enquanto N1 o quantifica. De acordo com Brodbeck (2010), esta reorganização é promovida pelo processo de coerção que envolve a construção. O aparente conflito entre “pilha” e “investimentos” (já que “investimento” não é uma entidade que possa ser empilhada) seria resolvido, então, por coerção, de modo que N2 coagiria N1 para que este atue como um Quantificador nesta estrutura sintagmática específica (BRODBECK, 2010, p.6).

A abordagem de tais construções binominais nesta seção se fez necessária no sentido de que se pôde reafirmar o caráter simbólico da CBQI, ou seja, de seu entendimento como um pareamento forma-sentido.

5.2 Os Nomes quantificadores licenciados pela CBQI

Este estudo recobre um grupo de 36 nomes comuns do PB (dentre os quais se encontram alguns coletivos), que, ao preencherem a posição de N1 no padrão **N1 de N2** da CBQI, passam a funcionar como Nomes Quantificadores. Como evidencia a tabela a seguir, a lista inclui Nomes que se dividem, naturalmente, entre Quantificadores de grande quantidade, Quantificadores de pequena quantidade e, ainda, Quantificadores com um potencial ambíguo (*bocado* e *punhado*) que ora expressam grande quantidade, ora expressam pequena quantidade.

Grande quantidade	Pequena quantidade
enxurrada, avalanche, enchente, tempestade, dilúvio, vendaval, inundação, onda, mar, montanha, oceano, rio, floresta, mundo, galáxia, caminhão, poço, pá, bando, batalhão, penca, multidão, pelotão, corja, enxame, montão, pilha, porrada, (bocado e punhado).	pingo, gota, ponta, dedo, pitada, fiapo, (bocado e punhado).

Tabela 4: Listagem dos Nomes Quantificadores investigados

É preciso fazer a ressalva de que, embora estejamos trabalhando com uma lista fechada de Nomes Quantificadores, reconhecemos que outros nomes podem figurar na CBQI de modo regular. Dentre estes nomes, alguns não retornaram resultados no *corpus* utilizado como busca, tais como: *cacetada*, *bordoada*, *pancada*, *temporal*, *dedinho*, *bocadinho*, *caco* e *cisco*; enquanto outros só foram reconhecidos, por parte do grupo de pesquisa, como possíveis NQs na CBQI depois de já finalizada a coleta de dados, como, por exemplo, os nomes: *fio*, *amontoado*, *tsunami* e *exército*. Além disso, como veremos mais adiante, a Construção Binominal de Quantificação Indefinida permite, no jogo interacional, a inclusão de novos subtipos que atendam à intenção comunicativa do falante em determinado contexto de uso. Por isso, reconhecemos o caráter parcial desta lista.

Ainda em relação aos NQs investigados, vale ressaltar que, por termos partido do estudo de Brodbeck (2010), apresentado no capítulo 2, não incluímos em nossa pesquisa os NQs *monte* e *chuva* (talvez os mais frequentes NQs da CBQI no PB). Apesar disso, recorreremos eventualmente a algumas das descobertas da pesquisadora envolvendo estes nomes, principalmente o quantificador *monte*, que parece ter um papel fundamental na convencionalização da construção.

Considerando, agora, a escala quantitativa na qual se distribuem os Nomes Quantificadores, observa-se pela distância no posicionamento dos NQs de grande e de pequena quantidade, que tais Quantificadores expressam quantidades muito grandes ou muito pequenas. E é a partir da avaliação subjetiva do falante do que seria uma quantidade normal de um referente que se utiliza a CBQI de modo a expressar uma quantidade maior ou menor do mesmo. Adota-se, portanto, a noção de grau intensivo postulada por SILVA (2008) para esta construção, de modo que a quantidade considerada “normal” se situaria numa posição mediana da escala de intensificação, enquanto a quantidade representada pelos subtipos da CBQI seria posicionada em níveis inferiores ou superiores da escala.

Sobre a noção de grau intensivo, Silva (2008) postula que haja um tipo de intensificação do grau quantitativo, a partir do qual se atribui a noção intensiva a uma noção quantitativa indefinida. Há, segundo o autor, uma relação muito próxima e cognitivamente motivada entre intensidade e quantidade. Uma evidência disso seria a utilização recorrente dos mesmos termos para expressar ambos os conceitos: *muito*, *bastante*, *mais* ou *demais*. Para ilustrar a atuação da intensificação nos processos quantitativos, o autor recorre aos seguintes exemplos:

- (41) ...estou ganhando **fortunas de dinheiro** assim... **vou ficar milionário** em um ano... (Corpus D&G/RJ, p. 76);
- (42) O engarrafamento na ponte tava de lascar. Tudo parado... Nada andava... **ÔÔÔÔnibus que não acabava mais**. (In: GONÇALVES, 2003, p. 51);
- (43) ...na biblioteca **tem tanto do li::vro**...meu Deus do céu... **tem nem onde a gente pisar**... (Corpus D&G/Natal, p. 80).

Em tais fragmentos observa-se a quantificação exagerada das entidades *dinheiro*, *ônibus* e *livro*, a qual pode ser evidenciada pelo contexto sentencial "*vou ficar milionário*", "*que não acabava mais*" e "*tem nem onde a gente pisar*". O grau intensivo, então, elevaria o nível da expressão de quantificação, de

modo que elevaria também seu aspecto indefinido (SILVA, 2008, p. 157). Há nesse estudo, inclusive, um dado referente à CBQI:

(44) (...) ah, isso não: o vagabundo ficará mofando lá fora e leva no boletim **uma galáxia** de zeros."

Sobre este exemplo, o autor considera que, embora *galáxia* não seja comumente utilizada como um intensificador (e quantificador), a concepção de algo grandioso que está por trás de seu significado lexical é aproveitada para expressar a intensificação da quantidade de zeros no boletim. Nesse sentido, o que temos é uma noção intensiva da quantidade. De fato, pode-se assumir tal noção intensificadora na construção que investigamos, sobretudo quando a comparamos com o quantificador *muito*:

(45) Ela trouxe **muitos** livros para a escola

(46) Ela trouxe uma **porrada/penca/pilha** de livros para a escola.

O uso dos quantificadores em (46) eleva significativamente a expressão da quantidade de *livros*, quando comparado ao uso de *muitos*. Na escala de intensidade, embora *muito* já se posicione em direção ascendente na escala, *porrada*, *penca* e *pilha* estariam numa posição superior. Percebe-se, ainda, uma distinção no grau de intensificação entre os subtipos da CBQI. A intensidade de *chuva* na quantificação, por exemplo, é menor do que *tempestade* e maior do que *garoa* (ver exemplo na p. 76). Observem-se alguns pares de quantificadores que se relacionam na escala:

(a) chuva - tempestade

(b) mar – oceano

(c) mundo – galáxia

(d) monte – montão

Os nomes *tempestade*, *oceano*, *galáxia* e *montão* parecem ocupar o topo da escala, por causa da relação que estabelecem com seus pares correspondentes. Os demais NQs, entretanto, ocupariam uma posição intermediária entre quantificadores monolexêmicos (*muito*, *bastante*, etc.) e NQs que ocupam o extremo da escala (*galáxia*, *montão*, etc.). O esquema a seguir ilustra bem esta proposta:

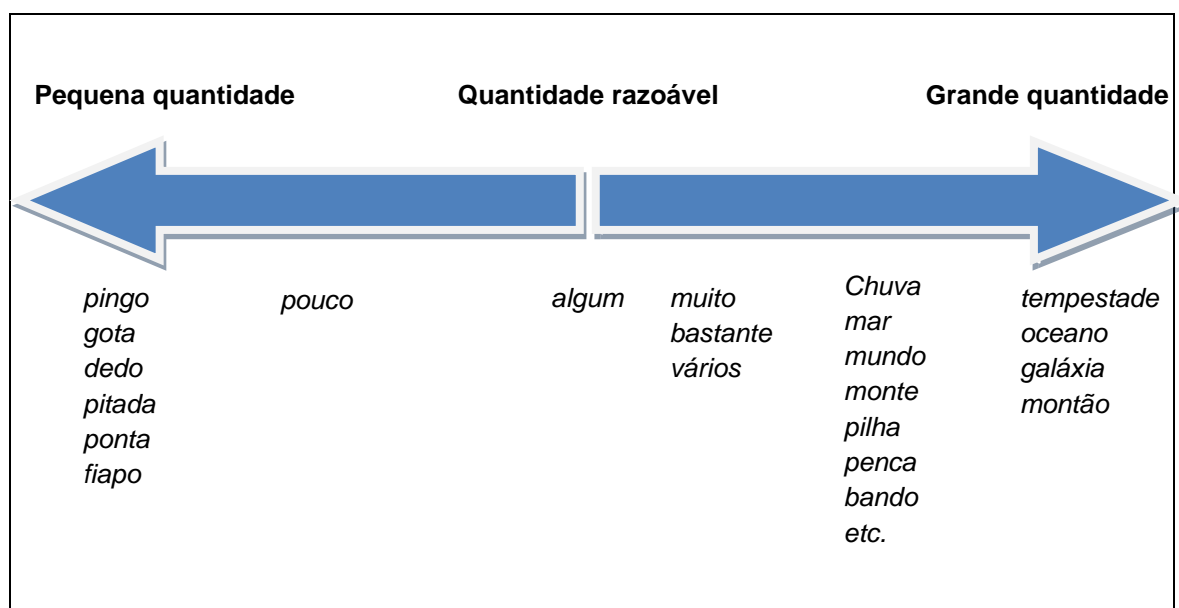


Figura 6: Distribuição dos Nomes Quantificadores na escala quantitativa

A postulação de tal escala contribui, especialmente, para a compreensão de um aspecto pragmático da CBQI, qual seja, de que a construção funciona na língua como uma alternativa altamente expressiva de quantificação indefinida.

Com relação à divisão dos NQs entre quantificadores de pequena e grande quantidade, observamos que tais grupos apresentam comportamentos distintos, no que se refere ao Perfilamento (Massivo/Contável) e ao Número (Singular/Plural) do N2 selecionado. Antes que possamos discutir tal questão, consideremos algumas reflexões de Brodbeck (2010) sobre o assunto. A autora assinala que em algumas línguas, como o inglês, os Quantificadores são marcados morfologicamente de acordo com o tipo de Perfilamento da entidade

quantificada, assim *many* quantificaria nomes contáveis e *much*, nomes massivos. Já o uso de *a lot of* neutralizaria tal restrição, sendo combinado com todo tipo de entidade. Como se pode verificar nos exemplos a seguir (a-d), no português, Quantificadores monolexêmicos (*uns, muitos, muita, alguma*) também precisam harmonizar-se com o Perfil Contável (a-b) ou Massivo (c-d) do N2. Estes se harmonizam, ainda, com o Número (Singular ou Plural) e realizam a concordância em Gênero com os Sintagmas Nominais quantificados:

- (a) **Uns** alunos
- (b) **Muitos** alunos
- (c) **Muita** confusão
- (d) **Alguma** confusão

À semelhança de *a lot of*, Quantificadores polilexêmicos (e-f), por já conterem um Núcleo Nominal, ficariam isentos de qualquer variação de Gênero, nem mesmo necessitariam se harmonizar ao Perfilamento do elemento quantificado:

- (e) **Um monte de** alunos
- (f) **Uma parte da** confusão

Aqui, também ocorreria a neutralização sugerida por Brodbeck (2010), de modo que o Quantificador possa se combinar com todo tipo de Nome, seja ele Massivo ou Contável, Singular ou Plural, Feminino ou Masculino, etc. (BRODBECK, 2010, p.106). Embora nossos NQs também selecionem todo tipo de nome, a hipótese da neutralização do Quantificador não explica porque NQs que denotam grande quantidade privilegiam contextos nos quais o N2 seja Contável (78% dos dados), enquanto NQs de pequena quantidade selecionam, na imensa maioria das vezes, N2 Massivo (93% dos dados).

Tal questionamento nos remete ao estudo de Alonso (2010), o qual apresenta observações interessantes sobre esta questão. Retomando as hipóteses da pesquisadora, o padrão genérico de quantificação *N1 de N2* parece englobar outros quatro padrões mais específicos, dentre os quais

destacamos apenas aqueles com artigo indefinido: *Art N1 de Nsg2* e *Art N1 de Npl2*. O primeiro estaria relacionado ao processo de extração de porção, mecanismo básico da língua que permite que se quantifiquem elementos conceptualizados como massivos. Nesta relação parte-todo, N1 corresponderia a uma pequena parte de um referente entendido como um todo. Já o segundo padrão, envolveria o processo de multiplexização, a partir do qual um referente discreto¹² é copiado para vários outros pontos do espaço ou tempo (TALMY, 2006 apud ALONSO, 2010, p. 201). O resultado deste processo é a leitura de uma quantidade grande de entidades.

A partir destas considerações, é possível associar as estruturas *Art N1 de Nsg2* e *Art N1 de Npl2* aos NQs de grande e pequena quantidade, respectivamente, bem como aos processos inerentes a estes padrões. Isso, pois podemos verificar que os quantificadores de pequena quantidade, ao selecionarem N2 massivo, expressam apenas uma pequena quantidade desta entidade (extração de porção); quanto aos nomes que denotam grande quantidade e que selecionam N2 contável, é possível inferir que haja um tipo de multiplicação do referente (multiplexização), uma vez que se trata de uma grande quantidade do mesmo. Como explicar, entretanto, os casos em que eventualmente o falante deseje expressar grande quantidade de entidades massivas ou pequena quantidade de entidades contáveis utilizando a CBQI? A coerção parece ser o fator chave para a compreensão deste processo. Brodbeck (2010, p. 99) aponta para os desencontros ou *mismatches* que se verificam em outras construções de quantificação, como ilustrado a seguir:

(47) Deu **muita laranja** este ano

(48) Me dá **dois cafés**.

Aqui o Perfilamento dos nomes é estabelecido pela construção, ou seja, o quantificador *muito*, diferentemente de *muitos*, seleciona N2 Massivo e, por isso, coage a entidade Contável *laranja*, de modo que esta seja interpretada como Massiva; a combinação entre o Numeral *dois* e o nome massivo *café*

¹² Os termos *discreto* e *contínuo* referem-se à distinção tradicional entre contável e massivo.

também se dá por coerção, a partir da qual se admite a mudança do Perfilamento intrínseco à entidade de Massiva para Contável, resolvendo, assim, o conflito semântico. Observem-se agora os casos de desencontro na CBQI:

- (49) Tem um **pingo de aluno** na sala de aula
- (50) Mas há uma originalidade naquele **rio de belezas** da exposição.

O desencontro semântico se deve ao fato de que a estrutura partitiva (49) está contabilizando uma entidade Contável e a estrutura de grande quantidade (50), uma entidade Massiva. Contudo, é possível perceber que no primeiro exemplo *aluno* admite o traço [+ contínuo], sendo interpretado como uma entidade Massiva para que, assim, possa se ajustar ao sentido da construção. Já *belezas* adquire o traço [+ discreto] e, uma vez conceptualizado como uma entidade individuada, admite-se a combinação desta entidade com a construção de grande quantidade. Como a construção de grande quantidade envolve a multiplicação de referentes discretos, o nome adquire a marca morfológica do plural.

Percebe-se que o alto grau de produtividade da CBQI e o crescimento na sua frequência de uso reiteram o estabelecimento de tal construção como uma alternativa para a quantificação no PB. Isso, pois sua função na língua é a de expressar quantidades excessivas ou mínimas, independente do Perfilamento da entidade quantificada. E, mesmo que tenham sido observadas fortes tendências na seleção do N2, a coerção atua de modo a resolver qualquer conflito, fazendo predominar o sentido da construção.

A característica morfológica do N2 (Singular ou Plural) selecionado pela construção também pode ser compreendido a partir dos processos de multiplexização e extração de porção. Como vimos, a presença deste primeiro processo na CBQI justifica a preferência de seleção dos NQs de grande quantidade por elementos discretos. Cabe lembrar, também, que este processo compreende a multiplicação do referente e, por isso, este se instancia na forma plural, o que ocorre em 76% dos dados analisados. Os NQs que pertencem ao grupo dos coletivos ilustram bem esta questão, pois a noção

original de coleção deste grupo indica a necessidade de que as entidades quantificadas sejam discretas e, por isso, passíveis de multiplicação. Observem-se os exemplos:

- (51) O Sport merece destaque: tem um **bando de craques**.
- (52) Os responsáveis pelo programa vasculharam uma **multidão de arquivos de filmes**.
- (53) Sabia que o choque de interesses entre seus aliados eliminaria, uma **penca de nomes**.
- (54) No dia 12 de agosto um **exame de Ovnis** invadiu uma cidade e aterrorizou seus 30 mil habitantes.

Quanto à expressão de pequena quantidade, o que se observa é uma forte preferência por contextos em que o N2 se instancia na forma Singular, uma vez que a extração de porção consiste em quantificar uma pequena parte/porção de uma única entidade. Os casos que apresentam N2 singular representam 96% dos dados, ilustrados a seguir.

- (55) Seria didático um **pingo de reflexão** sobre nossa história recente.
- (56) ...Ou seja, melhor organização de jogo, uma **pitada de imprevisibilidade** nos passes e nos lançamentos...
- (57) Não é com uma **ponta de dor** no coração que o poder econômico do Estado vai abandoná-lo à própria sorte.

Nesse sentido, percebe-se que a expressão de pequena quantidade é muito mais restritiva na seleção do Número do N2.

As subseções que expomos a seguir apresentam a proposta de análise da CBQI a partir dos esquemas imagéticos dos N1s. A partir de tal análise também será possível discutir o papel da analogia na criação de novos subtipos da construção. Isso, pois, segundo Verveckken, as novas instâncias da construção são geradas, por analogia, a partir de NQs semanticamente

similares. Além disso, a autora considera a implicatura escalar como outro pré-requisito para que um nome se torne um Quantificador da construção (VERVECKKEN, 2012, p. 438).

Para verificar tais hipóteses, Verveckken postulou 6 grupos semânticos aos quais pertencem N1 (ver capítulo 2). Embora a própria postulação dessas categorias já ofereça pistas interessantes sobre o funcionamento da CBQI no PB, entendemos que certos aspectos da construção só podem ser capturados quando levamos em conta a abordagem dos esquemas imagéticos (LAKOFF, 1987, 2005; JOHNSON, 1987). Como veremos, um esquema imagético é geralmente compartilhado pelos membros de um grupo e, via de regra, desempenha papel relevante na produtividade da construção e nas restrições de combinação N1/N2. Portanto, foi pensando nestes esquemas que elaboramos os seguintes grupos: VERTICALIDADE, MOVIMENTO, CONTÊINER, EXTENSÃO, IMPACTO, COLEÇÃO, PARTE-TODO.

Consideremos, agora, as características mais relevantes das ocorrências desses grupos, bem como o papel dos esquemas imagéticos em cada um deles.

5.2.1 A CBQI e o esquema de VERTICALIDADE

Como sugerem os trabalhos de Brodbeck (2010) e Verveckken (2012), os nomes *monte* e *montón* (do espanhol) parecem estar na origem do padrão **N1 de N2** associado à grande/pequena quantidade indefinida. Como visto no capítulo 2, Brodbeck (2010) verifica que os primeiros usos de *monte*, já no século XIV, associados a um complemento (*monte de terra*, *monte de pedras*, etc.) dão origem a expressões de quantificação com este nome. Da mesma forma, segundo o estudo de Verveckken, *montón* foi o primeiro a funcionar como quantificador no espanhol e sua alta frequência de ocorrência parece ter sido responsável pelo surgimento do padrão N1 de N2 associado à noção de Quantidade. Tendo em vista o nosso conjunto de dados, incluímos neste grupo quantificadores que assim como *monte*, possuem em sua configuração básica o esquema de VERTICALIDADE, quais sejam: *montão* (12 tokens), *pilha* (13 tokens) e *montanha* (48 tokens).

É a partir deste esquema concreto, proveniente da experiência corpórea/perceptual, que se conceptualiza a noção de QUANTIDADE, a qual corresponde, por sua vez, a uma experiência mental. Trata-se, portanto, de uma metáfora primária, a consagrada metáfora MAIS É PRA CIMA, pois é a partir da experiência sensorial com o mundo que conceptualizamos, por exemplo, vários objetos dispostos na configuração espacial de um monte como uma grande quantidade de objetos. As sentenças abaixo ilustram a realização linguística deste processo metafórico:

- (58) É claro que a perspectiva de se arrecadar toda essa **pilha de dinheiro** é irrealista.
- (59) É uma insensatez por uma **pilha de motivos** que não cabem, todos, neste espaço.
- (60) “Percebi que eu mesma teria que criar o som que eu queria, acabei fazendo um **montão de músicas**”, conta.
- (61) ... o acúmulo de culpas já era extraordinário. Eu sou uma **montanha de culpas!**

A interpretação de que uma pilha de dinheiro (58) corresponde a muito dinheiro tem origem na nossa experiência sensorial com o mundo, na qual construímos uma relação intrínseca entre verticalidade e quantidade. Por isso, é possível interpretarmos em (59), que *pilha de motivos* corresponda a uma grande quantidade de *motivos* (ainda que este N2 não seja uma entidade do tipo “empilhável”).

De maneira convergente com a abordagem dos esquemas imagéticos, a Persistência da Imagem Conceptual (PIC) (Verveckken, 2012) também se torna relevante para a análise destes Nomes Quantificadores. A hipótese é de que algumas propriedades do N1, enquanto núcleo, sejam preservadas na CBQI, de modo a interferir na combinação entre N1 e N2. Pilha, por exemplo, quantifica, preferencialmente, entidades que possam ser empilhadas (nos casos de N2 concreto). Entre estas entidades estão nomes como: livros,

dinheiro, lixo, etc., representando 68% dos dados. São exemplos desta combinação:

- (62) Este excerto de 16 segundos diz mais sobre a política dos anos 60 do que uma **pilha de livros**.
- (63) O vento traz uma **pilha de papel rasgado** para teu próprio gramado.

Como já foi discutido, pilha preserva o esquema de VERTICALIDADE para ser interpretado como um quantificador, porém a quantificação preferencial de entidades como *livros*, *papel*, dentre outros objetos que podem ser empilhados, é justificada pela Persistência da Imagem Conceptual própria deste nome. Embora tais exemplos representem a maioria dos dados (68% das ocorrências), também nos deparamos com casos em que não se observa a PIC:

- (64) Ontem, voltou atrás, diante de uma **pilha de jornalistas** que foi ouvir sua decisão.
- (65) No meio haverá congestionamentos e semáforos em número suficiente para garantir **pilhas de trombadas**, carros destruídos e emoção.

De modo semelhante à *pilha*, *montanha* privilegia a quantificação de entidades que, se acumuladas umas sobre as outras, podem assumir a configuração de uma montanha: *documentos*, *dinheiro*, *brinquedos*, *livros*, *cartas*, etc. Já a observação dos dados referentes a *montão* não nos permitiu fazer conclusões a respeito, uma vez que não se verificou a preferência de combinação deste NQ com determinada entidade. Sobre isso, seria possível formular a hipótese de que tal NQ não apresente tantas restrições como os demais, por ser derivado diretamente de *monte*, Nome Quantificador muito convencionalizado na língua e que, segundo Brodbeck, combina-se com todo tipo de entidade.

Quanto ao processo de analogia que atua na CBQI, autorizando a instanciação de novos subtipos a partir dos Nomes Quantificadores já estabelecidos, verifica-se que nominalizações como *amontado* e *amontoamento* são recrutadas a participar da construção, como ilustram as sentenças retiradas do buscador *Google*:

(66) Um povo desmemoriado é um **amontado de gente**

Fonte: http://www.observatoriodaimprensa.com.br/news/view/ed760_um_povo_desmemoriado_e_um_amontado_de_gente

(67) A arte é a antítese absoluta do caos, e o caos é criado por um **amontoamento de vários acidentes.**

Fonte: www.revistas.usp.br/salapreta/rt/printerFriendly/57551/60595

Tais expressões são derivações do verbo *amontoar*, o qual expressa uma ação que tem por resultado uma configuração massiva vertical. Por isso, à semelhança de *montão* e *pilha*, as expressões acima exemplificadas também evocam a noção de Quantidade, a partir da estrutura perceptual da VERTICALIDADE.

5.2.2 A CBQI e o esquema de MOVIMENTO

Este grupo, um dos mais produtivos da construção, reúne os seguintes NQs: *avalanche* (54 tokens), *enchente* (1 token), *onda* (199 tokens), *dilúvio* (4 tokens), *enxurrada* (24 tokens), *inundação* (6 tokens), *tempestade* (4 tokens), *vendaval* (4 tokens) e *rio* (11 tokens). Tal grupo também se apresenta como o mais frequente, totalizando 305 ocorrências, o que corresponde a 40% dos dados analisados. Vale ressaltar que não incluímos aqui o Quantificador *chuva*, uma vez que este já foi devidamente tratado por Brodbeck (2010). Percebe-se que todos estes NQs, assim como *chuva*, possuem o esquema de MOVIMENTO (BRODBECK, 2010, p.112) em seu frame básico, embora cada NQ tenha uma orientação espacial própria. Os nomes *avalanche*, *dilúvio* e

tempestade possuem direção vertical DE CIMA PARA BAIXO (68-70); *enchente* e *inundação* também possuem direção vertical, porém com sentido DE BAIXO PARA CIMA (71); *vendaval*, *enxurrada* e *rio* se movem na direção horizontal PARA FRENTE (72-74); enquanto *onda* se move na horizontal com o sentido PARA FRENTE e PARA TRÁS (75):

- (68) A esta altura, uma **tempestade de Pelés** pode ter desabado sobre a cabeça do candidato.
- (69) Essa verdadeira **avalanche de capitais** em direção aos países em desenvolvimento tem sido explicada pelos seguintes fatores conjunturais
- (70) Enquanto Gorazde era enterrada por um **dilúvio de fogo** nós éramos informados de que um acordo de cessar-fogo havia sido assinado.
- (71) Um verdadeiro dilúvio, uma **enchente de cartas** inunda a redação.
- (72) Entre a morte da mendiga e a tão aguardada pororoca fraterna, um **vendaval de amofinações** varre a vida do gêmeo bonzinho (...).
- (73) Houve uma **enxurrada de gols**: Hungria 8 x 3 Alemanha Ocidental, Inglaterra 4 x 4 Bélgica, Áustria 7 x 5 Suíça.
- (74) O risco para os usuários é gastar **rios de dinheiro** na conta telefônica.
- (75) **Onda de assaltos** a carro-forte chega a PE.

O perfil sensorio-motor de cada NQ é destacado pelas expressões sublinhadas. Em (69), por exemplo, tal representação espacial é bastante sutil, mas é possível depreender que a avalanche de dinheiro vem dos países desenvolvidos (Norte) em direção aos países em desenvolvimento (Sul), confirmando a orientação espacial de uma avalanche: DE CIMA PARA BAIXO.

Os exemplos a seguir, com o NQ *onda*, demonstram que, além de ser refletida a propriedade físico-visual de movimento para frente e para trás, outras propriedades de sua imagem conceptual são ativadas:

- (76) São Paulo assiste uma **onda de estréias** teatrais nesta sexta.
- (77) Marcus Pereira foi um precursor da atual **onda de world music**.
- (78) A geração saúde, que se preocupa com **ondas de acne** que vêm e vão tem lotado a pista do local de quinta a sábado.

De modo geral, *onda* parece adicionar à construção de quantificação a informação de que o fenômeno quantificado é atual e, provavelmente, temporário. Assim como uma onda, as estreias em (76) têm uma duração limitada; a *world music* (77) provavelmente cederá espaço a outro estilo musical em breve, assim como uma onda logo substitui outra; e a acne (78) se comporta como uma onda, pois vem e vai indefinidamente.

Consideremos ainda o NQ *avalanche*, cujo uso também revela, de modo bastante consistente, algumas marcas de persistência conceptual:

- (79) Nada disso, porém, deteve a **avalanche de votos** alimentada pelo sucesso do plano Real junto à população e pela rejeição à candidatura Lula, o líder absoluto do segundo lugar.
- (80) Eles temem que uma **avalanche de ações** derrube o mercado.
- (81) A ameaça desta **avalanche de abstenções, votos em branco e nulos** impede uma avaliação antecipada do quadro partidário.

Em (79), ativa-se o aspecto incontrolável de um fenômeno natural como uma avalanche; em (80), a propriedade destacada é a força destrutiva do fenômeno; e em (81), o caráter repentino e ameaçador de uma avalanche.

É importante salientar, que todos estes Fenômenos da Natureza, independentemente de sua configuração específica, envolvem um MOVIMENTO MASSIVO DE FLUIDOS (BRODBECK, 2010). E, do mesmo modo que a altura de uma pilha de objetos nos remete à grande quantidade, entende-se que uma avalanche corresponda a um grande volume de neve que se desloca; um dilúvio também constitui uma grande quantidade de água; e

assim por diante. Daí que tais fenômenos, quando inseridos na CBQI, possam ser interpretados como quantificadores de grande quantidade.

A análise a partir dos esquemas imagéticos também pode ajudar a explicar algumas restrições seletivas destes NQs. Observem-se as sentenças:

- (82) *Empresas que não dão conta da **enxurrada de currículos** que recebem estão preferindo examiná-los por computador.*
- (83) *Ele imaginava que um **dilúvio de bombas V-1** sobre Londres levaria os aliados a pedirem a paz.*
- (84) *Um verdadeiro dilúvio, uma **enchente de cartas** inunda a redação...*

Percebe-se pelas sentenças a combinação harmônica entre as entidades *currículos*, *bombas* e *cartas*, as quais podem ser deslocadas, e o esquema de MOVIMENTO de *enxurrada*, *dilúvio* e *enchente*. Além destas entidades projetáveis¹³, outras que são frequentemente combinadas a estes N1s são as entidades abstratas ligadas à informação, entidades jurídicas, econômicas e, sobretudo, os eventos, como ilustram os exemplos:

- (85) *Eles se sentem valorizados e recebemos **avalanche de idéias** que estão aumentando nossa produtividade.*
- (86) *Paralisação das obras públicas federais, desemprego de mais de 600 mil trabalhadores e uma **enxurrada de ações na Justiça**.*
- (87) *Disputa por liderança de mercado entre Antartica e Brahma provoca **onda de descontos** em pleno verão.*
- (88) *Não podemos nos esquecer que o grande escrete de 1970 despediu-se do Brasil derrotado pelo Atlético Mineiro e sob um **vendaval de vaias**.*

¹³ Tal classificação foi proposta por Brodbeck (2010) para designar entidades como *bombas*, *meteoros*, *bengaladas*, etc, quantificadas pelo NQ *chuva*, em oposição a objetos imóveis.

Tratando agora do processo de analogia, o NQ *chuva*, investigado por Brodbeck (2010, p. 109) parece ter sido um dos primeiros deste grupo a ocorrer como quantificador na língua. Já no século XVI foi possível encontrar ocorrências da expressão Chuva de N, denotando grande quantidade indefinida (*chuva de sangue, chuva de línguas ardentes, chuva de ouro*).

Assim, ao que parece, o uso frequente de *chuva* como quantificador autorizou, por analogia, o surgimento de novos NQs. Neste processo, além do esquema de MOVIMENTO, a dimensão escalar da construção também é fundamental. Ou seja, se a quantificação é iniciada com *chuva*, parece que a tendência é optar por outros NQs com proporções semelhantes ou ainda maiores, como *tempestade, enxurrada, dilúvio*, etc. Seria possível, entretanto, o uso de *garoa* como quantificador, por exemplo, em um contexto específico de uso, no qual o falante, por uma necessidade comunicativa, quisesse um quantificador com intensidade menor do que *chuva*. Tal escolha geraria, contudo, um uso mais marcado da construção. O texto que se segue ilustra a relação escalar que existe entre alguns NQs desse grupo (*garoa/chuva/temporal*), bem como a ocorrência de *garoa* como N1 da CBQI:

- (89) *Então, **choveu imposto!** Nunca se viu, na face da terra, em tempo algum, temporal mais violento. Os expoentes da inteligência brasileira foram convocados, de norte a sul, para se reunirem no Rio. Reunidos, cada qual escabichou a preclara mioleira, na ansia de se descobrirem todos os meios possíveis e impossíveis para que os últimos tostões do povo espirassem dentro das goéllas insaciáveis do Moloch-Fisco. A **princípio, foi uma garôa de taxazinhas camaradas. Depois, choviscou:** vieram timidamente, os primeiros impostos novos, fininhos, friozinhos, já se nos insinuando pela pelle a dentro. **A seguir, choveu. E, depois,** com a entrada do anno novo, **desabou o temporal de impostos** que ahi está, ensopando-nos a carne, os ossos e a alma, endefluxandonos, e fazendo-nos espirrar nickeis, os últimos e sempre chorados nickeis das nossas mais shylockeanas economias.*

Fonte: <http://almanaque.folha.uol.com.br/belmonte9.htm>

Seguindo esta hipótese, caso o falante deseje expressar uma quantidade ainda maior do que aquela representada por *onda*, ele pode optar

pela utilização de *tsunami* como uma alternativa para a quantificação, como observamos pelo trecho da música:

- (90) *Olha / Pensa em mim / Direciona seu Amor Como uma Onda / Eu vou desafiar... / Nem a natureza vai poder nos separar / (...) É uma **Tsunami de Amor** / Com Espuma de emoção / (...) Vem me Amar / Joga um **Tsunami de amor** em mim / Me Afoga de Paixão com esse olhar azul / (...) Vou morrer / Mas vai ser de paixão / Afogado nesse **Tsunami de Alegria...***

Fonte: <http://www.vagalume.com.br/valdo-e-olavo/tsunami-deamor.html#ixzz2t3ZFSqMa>

Assim, o processo analógico que atua na expansão da CBQI parece depender também de uma espécie de demanda comunicativa. Como a CBQI é utilizada para expressar um julgamento do falante acerca da quantidade indicada, este pode optar por quantificadores mais ou menos expressivos. Por isso, não se exclui a possibilidade de instanciação de nomes que ocupem uma posição intermediária na escala. De todo modo, a CBQI privilegia a expressão de quantificação máxima ou mínima e, com isso, a utilização de quantificadores intermediários parece ser, muitas vezes, limitada a certos contextos, como os apresentados acima.

5.2.3 A CBQI e o esquema de CONTÊINER

Neste grupo, figuram os Nomes Quantificadores: pá (9 *tokens*) caminhão (6 *tokens*) e poço (4 *tokens*). Observa-se que tais nomes compartilham o esquema imagético de CONTÊINER e que expressam grande quantidade, como pode ser ilustrado a seguir:

- (91) *O pior é que existe uma **pá de gente** na mesma situação que você.*
- (92) *É taxa suficiente para trazer um **caminhão de dólares** para o Brasil.*

- (93) *Nossa idéia é selecionar esse material e criar um grande centro de documentação », diz. Um **poço de histórias**.*

Embora tenhamos assumido no início deste capítulo que a construção de quantificação que estudamos também expresse, em alguma medida, intensificação, alguns dados relativos a *poço* (e também *mar*, pertencente ao grupo dos Elementos da Natureza) apresentam usos que não correspondem à CBQI, pois não quantificam o referente, apenas o intensificam. Considerem-se tais casos:

- (94) *No cenário fortemente colorido (...), vive a maquiadora Kika, um **poço de ingenuidade** e boa disposição com o mundo.*
- (95) *Mel Brooks está bem, fazendo o ator shakespeariano que é um **poço de vaidade**.*
- (96) *Aqui, os hóspedes que aparecem transformarão sua vida em um **mar de infelicidade**.*

Por estas sentenças pode-se interpretar que em: (94) Kika seja muito ingênua; (95) Mel Brooks seja muito vaidoso; (96) e sua vida, muito infeliz. Nestes casos, *poço* e *mar* parecem utilizar o esquema de PROFUNDIDADE para evocarem a noção de intensidade. Retomando os postulados de Silva (2008) a respeito do fenômeno da intensificação, o autor defende que a noção de intensidade, dentre outros mecanismos, pode ser compreendida através do domínio da localização. Silva sugere que “o conceito intensivo é metaforicamente derivado da noção de localização vertical num ponto extremamente baixo/fundo e distante da superfície num contêiner”. Nesse sentido, teríamos a inversão da esquematização MAIS É PRA CIMA, dando origem à esquematização MAIS É PRA BAIXO, uma vez que quanto mais se move em direção descendente mais ao fundo se chega. Por isso, a noção de profundidade está relacionada ao domínio da intensidade, autorizando aos nomes *poço* e *mar* expressarem intensificação, quando perfilados seus esquemas verticais.

A pequena quantidade de dados deste grupo não nos permite fazer generalizações a respeito do tipo de categoria prototipicamente quantificada pelos NQs *caminhão*, *poço* e *pá*, embora possamos apontar que, nos nossos dados, o primeiro quantifica entidades econômicas (38% dos dados), políticas (22% dos dados) e humanos (40% dos dados); já o segundo é combinado apenas com N2 abstrato; e o último, interessante, quantifica N2 humano em 66% das ocorrências.

Em relação à geração de novos subtipos para esta categoria de contêineres, assume-se que tal processo depende da necessidade de o falante expressar quantidades menores, semelhantes ou ainda maiores do que a já expressa pelos quantificadores deste grupo, preenchendo, assim, a posição de N1 no padrão N1 de N2 com outros contêineres. Cabe lembrar, contudo, que, de modo geral, a construção privilegia contextos nos quais a quantificação seja extrema, de modo que, por analogia com os NQs já existentes, outros nomes com propriedades/dimensões maiores sejam fortes candidatos a N1 da CBQI. Tomemos como exemplo algumas sentenças retiradas do site de busca *Google*:

(97) *Carla, votos de Bom Natal e um 2012 com um **navio de coisas boas!***

Fonte: <https://pt-br.facebook.com/permalink.php?story>

(98) *Sempre em frente que um caminhão, não um **avião de coisas boas** está chegando pra você!!!!!!!!!!!!!!!*

Fonte: <https://fabi-tudonovodenovo.blogspot.com/>

Assim, por analogia, a construção permite que o falante crie instanciações como essas, utilizando contêineres ainda maiores que *caminhão*. Pela sentença (98) é possível perceber a gradação da quantificação em termos do contêiner utilizado, pois o falante considera que *caminhão* – um Nome Quantificador relativamente frequente e estabelecido na língua – já não satisfaz sua necessidade de expressar quantidade excessiva, necessitando, por isso, utilizar outro nome, no caso, *avião*.

5.2.4 A CBQI e o esquema de EXTENSÃO

Neste grupo figuram apenas os NQs *mar* (41 *tokens*) e *oceano* (5 *tokens*). Tais nomes evocam a noção de quantificação através do esquema de EXTENSÃO. Vejam-se os exemplos:

- (99) *E tinha mais fotógrafo que eleitor. Um **mar de câmeras**. O chão parecia um prato de espaguete: só tinha fio!*
- (100) *Entre ele e seu destino, curvas fatais vêm precedidas pelo **mar de buracos** e pela falta de sinalização.*
- (101) *Hoje, contemplar a cidade dali é perder o olhar num **oceano de prédios**.*

No exemplo (99), as câmeras distribuem-se num espaço amplo, por isso a quantificação é realizada através de um elemento da natureza tão extenso quanto o mar. Já a quantificação dos prédios em (101) se dá através de *oceano*, um elemento da natureza cuja extensão é ainda maior.

Esta noção da extensão, bem como a imagem conceptual própria de *mar* e *oceano*, parece ser refletida na CBQI. Para ilustrar tal questão, considerem-se os quantificadores *mar* e *bocado*, ambos expressando grande quantidade de *gente*:

- (102) *Às 10h, uma bateria de fogos de artifício deu início à festa. O **mar de gente** entrou em ebulição.*
- (103) *Quando a prisão ficou cheia, apareceu lá um positivista meio maluco e mandou soltar um **bocado de gente**.*

Em (102) é possível visualizar o N2 *gente* numa disposição espacial similar ao mar, como se preenchessem toda a extensão de determinado espaço. Em (103), entretanto, os prisioneiros libertos não parecem obedecer a qualquer configuração pré-determinada por *bocado*. A Persistência da imagem

Conceptual de *mar*, portanto, envolve um tipo de conceptualização de N2, de modo que o visualizemos numa configuração específica, como sugerido em (103). Já o uso de *bocado* não parece impor uma conceptualização específica sobre N2.

Com relação ao tipo de N2 que se combina com estes quantificadores, identificamos que não parece haver algum tipo de combinação preferencial, tendo em vista a diversidade de entidades que figuram nos dados, tais como: objetos, substâncias, eventos, humanos e entidades abstratas.

Os nomes que pertencem a esta categoria são, de modo geral, bastante expressivos no que tange às suas proporções originais. Como já foi dito anteriormente, parece-nos que a construção privilegia os contextos de quantificação extrema. Observe, contudo, o texto que se segue:

(104) *Desta vez pode ter sido apenas um susto, mas a tradição de omitir laudos e se esquivar de responsabilidades **esvazia um lago de dúvidas**, e transborda um rio com incertezas.*

Fonte: http://essenciaflorestal.blogspot.com.br/2006/07/enercan-umlago-de-dvidas-enche-um-rio_03.html

Percebe-se por este exemplo que, caso o falante julgue a quantificação expressa por *mar* excessiva para seu propósito comunicativo, este terá a liberdade para preencher a CBQI com Nomes Quantificadores que expressem quantidades menores, mesmo que esta escolha gere um uso mais marcado da construção.

5.2.5 ACBQI e o esquema de COLEÇÃO

Nomes como *penca* (10 tokens), *enxame* (3 tokens), *bando* (31 tokens), *corja* (1 token), *multidão* (49 tokens), *pelotão* (1 token), *batalhão* (29 tokens), *mundo* (12 tokens), *galáxia* (4 tokens) e *floresta* (4 tokens) integram este grupo bastante produtivo da CBQI. E como o próprio nome do grupo sugere, a configuração espacial destes NQs remete ao esquema de COLEÇÃO. Com

exceção de *mundo*, *galáxia* e *floresta*, os demais nomes que figuram neste grupo representam a categoria linguística dos coletivos. Há, portanto, nomes que denotam coleção de frutas (*penca*), de animais (*enxame* e *bando*), de pessoas (*corja*, *multidão* e *bando*¹⁴), e também de militares (*pelotão* e *batalhão*). Quando preenchem o primeiro *slot* no padrão N1 de N2 da construção, tais nomes passam de coletivos a Quantificadores de grande quantidade e admitem uma grande variedade de N2, como se pode observar pelos exemplos:

- (105) *Um protesto solitário já me teria satisfeito. Vi apenas uma **penca de sorrisos***
- (106) *É muito sintomático que a CPI tenha feito desaparecer dos corredores do Congresso o **enxame de lobistas** que percorriam os gabinetes dos parlamentares (...).*
- (107) *Os responsáveis pelo programa vasculharam uma **multidão de arquivos de filmes**.*
- (108) ***Pelotões de pesquisadores** pensavam que se aproximavam mais e mais do correto ao elaborarem montanhas de papéis*
- (109) *Daniele Betti, 18 de idade, até que ostentava, digamos, um **batalhão de atenuantes**.*

Embora não se possa afirmar que *floresta*, *mundo* e *galáxia* também sejam coletivos, é possível identificar nos dados que estes NQs expressam, em alguma medida, a noção de coleção. Dessa forma, temos que *floresta*, *mundo* e *galáxia* expressam a noção de um conjunto muito grande de entidades: é preciso que se tenham muitas árvores para se formar uma floresta; uma galáxia é constituída por planetas, estrelas, nebulosas e muitos outros elementos cósmicos; e, evidentemente, todas as coisas que se encontram no mundo também representam uma grande quantidade de coisas. Estes grandes conjuntos, quando inseridos na construção binominal de quantificação

¹⁴ Na verdade, *bando* se refere, mais especificamente, ao coletivo de bandidos.

indefinida, passam a expressar grande quantidade, como é possível observar pelos exemplos:

- (110) *Agora, além de aceitar cheques e pagamento após o uso da vaga, o estacionamento contratou um **mundo de manobristas**.*
- (111) *O cinema era uma **galáxia de gênios e heróis** e Veneza era um « luau » de lendas vivas.*
- (112) *Era aquele tipo de telejornal à base de “conteúdos”, que ambicionava dimensionar a **floresta de notícias**.*

Quanto aos nomes que denotam originalmente coleção de pessoas (inclusive *pelotão* e *batalhão*) estes privilegiam a combinação com N2 humano na CBQI, sugerindo que a Persistência da Imagem Conceptual destes nomes interfere diretamente no tipo de N2 que será quantificado. Já com relação aos NQs *multidão* e *bando*, mais especificamente, observa-se que estes são os únicos deste grupo a apresentarem casos ambíguos, ou seja, dados que não nos permitem identificar se o NQ está sendo usado como Núcleo ou Quantificador. Juntos, *multidão* e *bando* representam 64% de todos os dados ambíguos encontrados e isso se deve à predominância da combinação destes com N2 humano - *bando* quantifica exclusivamente N2 humano e, dentre as ocorrências de *multidão*, em 90% dos casos N2 é humano. Em muitos casos não é possível verificar se as “pessoas” selecionadas encontram-se num mesmo espaço, distribuídas como uma *multidão* ou um *bando* literal, ou se se trata apenas de quantificação de um número grande de pessoas, independente de estarem reunidas ou não fisicamente. Considerem-se os casos a seguir:

- (113) *Difícil é ir a boates ou bailes de debutantes e ser cercado por uma **multidão de garotas** me mordendo e tentando arrancar minha roupa.*
- (114) *Wonder a levou uma **multidão de mulheres** à loja de departamentos Macy ' s (Nova York).*

(115) *Eu ia jogar uma pelada num campinho que ficava onde é hoje a Estação Júlio Prestes, quando vi um **bando de moleques** correndo em sentido contrário.*

(116) *Meses antes de começar a tomar Prozac ele comprara a AK-47 e dissera a sua ex-esposa que gostaria de ir a fábrica e «atirar n um **bando de pessoas**».*

As expressões *multidão de garotas* em (113) e *multidão de mulheres* em (114) podem, de fato, corresponder a multidões literais, como também podem estar se referindo apenas a uma grande quantidade de *garotas* e *mulheres*. No segundo caso, talvez o julgamento do falante em (113) acerca da quantidade de garotas que o assediam seja tão expressivo que a melhor maneira de exprimi-la seria através de um quantificador como *multidão*; a *multidão de mulheres* também não precisa, necessariamente, ter sido levada à loja de departamentos ao mesmo tempo. Bando, por sua vez, é ambíguo porque não se pode determinar se o falante em (115) viu de fato um bando de moleques (reunidos ou próximos no espaço) ou uma grande quantidade de *moleques* correndo na mesma direção, independentemente de sua localização. Pelo mesmo motivo se torna difícil decidir se em (116) *bando* se refere ao grupo ou simplesmente a uma grande quantidade de pessoas. Comparem-se estes casos ambíguos com as seguintes sentenças:

(117) *A **multidão de telespectadores mexicanos**, porém, dispõe de não apenas seis canais de TV com sinal aberto quatro estão nas mãos da Televisa.*

(118) *E torno a insistir, o narcotráfico se instalou tão bem nos morros porque encontrou a cama feita: um **bando de famintos sem esperança**.*

O tipo de N2 selecionado por *multidão* no exemplo (117) não aciona a configuração espacial de uma *multidão* literal, por isso não resta dúvidas de que se trata de uma instanciação da CBQI. De modo semelhante, em (118) não

há ambiguidade, pois é possível compreender que nos morros há uma quantidade considerável de *famintos*. Centramos nossa análise, então, somente nos dados que instanciam a CBQI, excluindo, portanto, os casos ambíguos.

Agora, com relação a *bando* e *corja*, é possível verificarmos que tais nomes, além de denotarem quantidade, podem denotar, ainda, algum tipo de julgamento do falante a respeito do referente. Verveckken também observou que no espanhol alguns quantificadores possuíam um potencial avaliativo, aliando a expressão de quantificação e de avaliação. Trata-se, portanto, da função de pré-modificação destes NQs.

Recorrendo à etimologia das palavras *bando* e *corja*, temos:

bando - do Latim *bandus*, “grupo de pessoas que foram banidas de um lugar”, isto é, que sofreram um ato legal de expulsão por seus crimes

corja - do Malaio *horchchu*, “vintena”. De um designativo numeral passou a ser usado para uma quantidade de gente de baixo nível, mal-intencionada.¹⁵

A coleção que tais nomes denotam é negativa por natureza e tal característica pode justificar o uso destes nomes como pré-modificadores na CBQI. Verificamos que, dentre as 134 ocorrências de *bando* como Quantificador Binominal, em 52 ocorrências o NQ combina-se com N2 negativo. Apesar de não corresponder à maioria dos dados, este é um número relativamente grande se comparado aos outros NQs. Exemplos desta combinação são:

(119) *Foi a época em que conviveu com a escritora libertária Nin (...) e com **um bando de** autores frustrados, maridos traídos, prostitutas, bêbados, burguesas libertinas...*

(120) ***Bandos de Mauricinhos*** invadem a Internet Ainda vai dar em “*Interneticídio*”, ou *homicídio virtual*.

¹⁵ <http://origemdapalavra.com.br>

- (121) *Ontem fez um ano que o navio USS Harlan County (...) retornou aos EUA depois de ameaçado por **um bando de arruaceiros** no porto.*
- (122) *Para ele, o comitê a liga “um **bando de irresponsáveis** e de *moleques*”.*
- (123) *As pessoas estão percebendo que os candidatos são um **bando de vagabundos**.*

Nestes casos, ocorre um tipo de combinação, cujo resultado é ainda mais pejorativo, tendo em vista a conotação negativa tanto de bando quanto de seus N2s. Em (120), a substituição por outro NQ, como *penca – Uma penca de Mauricinhos invade a internet (...)* – denotaria quantidade, mas não necessariamente uma avaliação do falante como é verificado com o uso de *bando*. Há casos, no entanto, em que esses NQs selecionam N2 com uma carga semântica neutra:

- (124) *O Saint Antony ' s College, na Universidade de Oxford (Inglaterra) , realiza de hoje a domingo o encontro anual de um **bando de cozinheiros acadêmicos , historiadores , nutricionistas , sociólogos , botânicos , escritores , livreiros e muitos outros interessados em comida**.*
- (125) *Com certeza não é um paraíso distante, encravado no meio das estrelas , onde **um bando de anjos** nos espera com néctar .*
- (126) *E onde é que foi parar aquela **corja de cronistas e subcronistas de futebol que só fazia espinafrar o homem?** Tomaram chá de *sumiço?**

Nestes exemplos, ainda é possível verificar algum tipo de avaliação negativa do falante ao utilizar ao utilizar estas expressões. Entende-se que a escolha pelos NQs *bando* e *corja* decorre da necessidade de se expressar algum julgamento a respeito de N2, caso contrário, poder-se-ia optar por NQs mais neutros semanticamente, como *monte*, *punhado* e tantos outros disponíveis. Tratando,

agora, da criação de novos subtipos para este grupo, considerem-se os seguintes exemplos que tiveram como fonte o *Google*:

(127) *Garotinho possui um grande centro de inteligência que gere sua “vida” online, e um pilar deste setor, quase secreto, é o seu **exército de fakes**, já explanados superficialmente por este que vos fala em outras ocasiões.*

Fonte: fmanha.com.br/blogs/.../exclusivo-garotinho-e-seu-exercito-defakes

(128) *Pesquisando nas cidades deste Nordeste Baiano, tão massacrado e humilhado por uma **manada de políticos** corruptos e sem escrúpulo.*

Fonte: gilsantosnoticias.com/index.php/page/130?m=akyhscles

(129) *A polêmica do momento: O Rolézinho. Quando um **cardume de desocupados** vira manifestação.*

Fonte: <http://shoqunidades.blogspot.com.br/2014/01/a-polemica-domomento-o-rolezinho.html>

Por analogia com *pelotão* e *batalhão*, a construção é instanciada pelo nome *exército* (127), o qual corresponde ao mesmo domínio daqueles e denota, inclusive, uma quantidade maior de entidades; do mesmo modo, *enxame* parece incitar a instanciação de outros coletivos de animais na CBQI, como *manada* e *cardume* (128-129).

5.2.6 A CBQI e o esquema de IMPACTO

Neste grupo encontra-se o Nome Quantificador *porrada* (4 *tokens*), o qual parece veicular a noção de grande quantidade na CBQI por meio do esquema de IMPACTO. Vejam-se os exemplos deste quantificador:

- (130) *Outra pessoa me conseguiu uma **porrada de material de Gram Parsons**, porque eu fiquei curioso.*
- (131) *É uma **porrada de mulheres lindas e inteligentes**, está uma perfeição que eu não gosto nem de falar muito.*
- (132) *É brincadeira isso, essa **porrada de perguntas** sobre ele.*
- (133) *A juventude é uma garantia para uma **porrada de coisas**.*

O número de ocorrências deste quantificador em nosso conjunto de dados não parece representar adequadamente seu uso frequente na língua e, como será discutido na seção sobre produtividade e convencionalização da CBQI, o tipo de *corpus* utilizado como fonte de busca parece fomentar a instanciação de alguns subtipos e limitar outros, como é o caso de *porrada*. De certa forma, a escassez de dados deste grupo dificulta o processo analítico e descritivo que vimos desenvolvendo, uma vez que nossa análise se baseia no uso linguístico.

Quanto à produtividade deste grupo de Impacto, a busca por nomes semelhantes, como *cacetada*, *bordoada* e *pancada*, não retornou qualquer resultado, embora saibamos pelo nosso conhecimento de falantes que tais expressões são regularmente utilizadas para expressar grande quantidade. Estes nomes têm, inclusive, esse uso registrado no dicionário (cf. dicionário eletrônico Houaiss, 2002):

Bordoada: Derivação: sentido figurado. Uso: informal.
grande quantidade
Ex.: tinha uma b. de relatórios para ler

Cacetada: Uso: tabuísmo.
grande quantidade; batelada, porrada
Ex.: tomou uma c. de remédios mas não se curou

Pancada: Uso: informal.
grande quantidade, um monte
Ex.: uma p. de cartas para responder

Considerem-se, portanto, os resultados de uma busca realizada no buscador *Google*, com instanciações destes nomes:

- (134) ... o diretor francês *Christophe Gans* assumiu o desafio e escalou *Vincent Cassel*, de *Cisne Negro* e mais uma ***bordoada de filmes legais***, para estrelarem *A Bela e a Fera*.

Fonte: <http://www.puopop.com.br/cinema/novo-trailer-da-versao-liveaction-e-francesa-de-bela-e-fera/>

- (135) *Ontem rolou mais um Nintendo Direct*, e a empresa japa mostrou trailers de ***cacetada de coisas legais*** que veremos em 2014.

Fonte: <http://bailadosenxutos.com/uma-cacetada-de-trailers-da-nintendo/>

- (136) *Nesta página você pode fazer download de uma ***pancada de jogos e aplicativos***...*

Fonte: <http://tecnoblog.net/820/uma-pancada-de-jogos-e-aplicativosgratis-para-celulares-sony-ericsson/>

A expressão de grande quantidade destes nomes parece se dar pela intensidade/força do impacto. Nessa relação, muita intensidade representa grande quantidade. Por isso é possível interpretarmos *porrada*, *bordoada*, *cacetada* e *pancada* como expressões de grande quantidade. Infelizmente, o número tão pequeno de dados desse grupo não nos permite realizar uma análise mais completa em termos, por exemplo, da influência do esquema imagético em questão na seleção de determinado tipo de N2.

5.2.7 A CBQI e o esquema de PARTE-TODO

O esquema PARTE-TODO foi verificado nos Nomes Quantificadores que denotam pequena quantidade, quais sejam: *pingo* (7 tokens), *pitada* (32 tokens), *gota* (8 tokens), *fiapo* (6 tokens), *ponta* (23 tokens), *dedo* (1 token), *bocado* (21 tokens) e *punhado* (61 tokens). Embora a CBQI não seja uma construção partitiva, como mencionamos no início do capítulo, os dados

analisados indicam que estes Nomes atuam na construção de maneira semelhante aos partitivos, ou seja, a quantificação expressa por eles é também resultado do estabelecimento de uma relação parte-todo. Cabe salientar que esta parte corresponde a uma quantidade muito pequena do N2, como observamos pelos exemplos:

- (137) *O time não apresentou **pingo de** objetividade*
 (138) *A atriz apareceu sem nenhuma **gota de maquiagem**.*
 (139) *Com uma **ponta de inveja** do guarda-roupa feminino, o homem se camufla em transparências e sintéticos.*

Percebe-se, inclusive, pelos exemplos (137) e (138) que a quantidade expressa é tão pequena que a construção é utilizada para indicar a ausência do referente.

Já os nomes bocado e punhado apresentam um comportamento bastante peculiar no que se refere à quantidade que denotam. Os exemplos a seguir ilustram esta questão:

- (140) *Sorte que só foi captado por um **punhado de telespectadores** e, espero, nenhum deles menor de idade.*
 (141) *Entre lágrimas por um homem de quem apenas um **punhado de norte-americanos** se recorda, está se falando muito dos triunfos de Nixon no campo da política externa.*
 (142) *Ali vou fazer um **bocado de externas**, aproveitando o céu, luxuriantemente azul que nem o dos westerns de Anthony Mann »*
 (143) *Pegamo a CG, que era a única coisa que nós tinha, um **bocado de removedor** e caímos na estrada.*

Parafraseando a primeira sentença, teríamos: “Sorte que só foi captado por poucos telespectadores”. O mesmo procedimento poderia ser efetuado com a sentença (141) e teríamos a mesma noção de que *punhado* expressa uma

quantidade pequena. A construção com *bocado* (142-143) também parece evidenciar uma pequena quantidade de *externas* e de *removedor*. No entanto, em muitos outros dados, não se pode afirmar de maneira categórica que tais quantificadores estão denotando pequena quantidade, uma vez que a leitura de grande quantidade também é possível:

(144) *É tempo suficiente para alguma denúncia capaz de mover um **punhado de pontos percentuais**.*

(145) *Leva um **bocado de tempo** para uma cidade se recuperar de algo assim, disse a moradora Elise Wright.*

O próprio dicionário Houaiss (2002) confirma este caráter ambíguo de tais nomes, registrando-os como expressões de grande ou pequena quantidade. Esta dupla possibilidade de uso pode ser compreendida a partir da concepção original de *bocado* e *punhado* e da relação destes com os demais NQs deste grupo. Ou seja, embora todos os NQs deste grupo envolvam um tipo de relação parte-todo na quantificação, percebe-se que a quantidade expressa por *bocado* e *punhado* (porção que cabe na mão/boca) é consideravelmente maior do que a expressa por *pitada* (porção que cabe entre os dedos). Ao que parece, tal concepção autoriza a estes quantificadores expressarem, eventualmente, grande quantidade.

Em relação à análise do tipo de entidade selecionada pelos quantificadores deste grupo de Parte-Todo, verificou-se a predominância de entidades abstratas nos dados (92% das ocorrências). Vejam-se algumas dessas ocorrências:

(146) *Ela combina com um hábito abandonado no comove com o timbre suave... Será que conseguiu arrancar um **pingo de emoção** do público?*

(147) *O TSE adiou para depois do primeiro turno uma decisão a respeito, mas ninguém com um **dedo de juízo** acredita que qualquer um dos dois possa ser condenado.*

(148) *Estou pasmo com as críticas que vários ex-ministros têm feito ao Plano FHC. Atribuo isso a uma **pitada de inveja**...*

(149) *O que o Sr. acha? FHC -- Há uma **ponta de verdade** nisto.*

Nesse sentido, por analogia aos NQs deste grupo, a CBQI pode ser preenchida por nomes que, ao preencherem o *slot* N1, estabeleçam uma relação parte-todo com o N2, de modo que quantifiquem, de preferência, uma porção muito pequena deste referente. Comparem-se os exemplos:

(150) Um **fiapo** de esperança

(151) * Um **alfinete** de esperança

Verificamos, pelos exemplos, que a relação parte-todo é, de fato, imprescindível na emergência de NQs de pequena quantidade, assim também como a expressão de uma quantidade muito pequena. *Alfinete*, embora seja um objeto muito pequeno, não é capaz de quantificar *esperança* como o faz *fiapo* em (150). Outros possíveis subtipos da CBQI, nesse sentido, seriam: *caco*, *cisco*, *dedinho*, *bocadinho*, contudo, estes não foram verificados no *corpus*.

Embora tenhamos dito que os Nomes Quantificadores deste grupo representam a menor parte de algo maior, é possível nos depararmos com textos nos quais se observa usos de quantificadores que não representam, necessariamente, quantidades mínimas:

(152) *aflora em forma de palavras quando vejo que meu coração está vacilando eu corrijo ele colocando **uma pitada de carinho**, outra de compaixão, uma **colherzinha de amor** e **pote de bom senso** aí as palavras vão saindo de forma que os ouvidos que estão por perto ficam atentos e gratos.*

Fonte: gloog.com.br/answer/.../answer_20100221022008AAciFck.html

O uso das expressões *pitada*, *colherzinha* e *pote* recuperam, neste contexto, o cenário de uma receita e todos podem ser compreendidos como quantificadores indefinidos. No entanto, *colherzinha* e *pote* são requisitados quando se tem uma intenção comunicativa específica, como a de expressar quantidades relativamente maiores que *pitada*, através do gênero receita, por exemplo. *Pitada*, por sua vez, além de ser mais frequente na língua e aceito em outros contextos de uso, funciona como um quantificador muito mais expressivo no que se refere à denotação de pequena quantidade.

5.3 Produtividade e Convencionalização da CBQI

Como discutido no capítulo metodológico, consideramos fundamental realizar uma pesquisa baseada em *corpus*, uma vez que privilegiamos a análise da língua em uso. Nesse sentido, o diálogo entre a perspectiva construcionista e a Linguística de Corpus se torna imprescindível, pois esta última abordagem oferece noções caras ao nosso estudo, como a frequência de tipo/*type* e a frequência de ocorrência/*token*. Tais propriedades podem enriquecer a análise e descrição da CBQI, uma vez que são capazes de oferecer fortes indícios sobre a produtividade e o grau de convencionalização desta na língua.

Os resultados que obtivemos nesta investigação atestaram que a CBQI está estabelecida na língua como uma maneira produtiva de quantificar, tendo em vista sua alta frequência de tipo: foram identificados 36 subtipos da construção¹⁶. Segundo Brodbeck (2010, p.133) tal produtividade justifica-se pelo fato de que estas expressões são mais fáceis e econômicas ao expressarem quantificação, sobretudo quando comparadas a quantificadores monolexêmicos como *muito*, que precisa ajustar-se ao Gênero, Número e Perfilamento da entidade quantificada. Tal consideração, embora seja válida para a expressão *monte de*, não pode ser aplicada à CBQI, pois, como explicitamos no início deste capítulo, algumas propriedades de N2 (Massivo/Contável, Singular/Plural, Concreto/Abstrato) ainda são relevantes no processo de combinação entre N1 e N2.

¹⁶ Não consideramos, contudo, que se tenha esgotado todos os tipos existentes na língua.

Já a Persistência da Imagem Conceptual de N1 parece ser um fator relevante para a produtividade da CBQI. Como já observamos, os nomes que participam da construção, de modo geral, preservam certas propriedades de seu uso literal ao quantificarem N2. Considerem-se as seguintes sentenças extraídas do *corpus*:

(153) *É claro que a perspectiva de se arrecadar toda essa **pilha de dinheiro** é irrealista.*

(154) *Confirmada a vitória do PRI, a bolsa mexicana subiu, os empresários começaram a anunciar novos investimentos e já há notícias de nova **avalanche de dinheiro externo**.*

Como ilustram as sentenças, os Quantificadores *pilha* e *avalanche* apresentam funções específicas na construção, pois é a partir de uma demanda comunicativa que se escolhe quantificar (e conceptualizar) um N2 como *dinheiro* a partir do NQ *pilha* – caracterizando-o como uma entidade localizada no espaço - ou a partir de *avalanche* – tendo em vista a concepção de *dinheiro* como uma entidade que pode ser deslocada, a partir de uma origem para um destino. Nesse sentido, a produtividade parece estar relacionada com a função pragmática que os novos subtipos desempenharão na construção, pois, como vimos, a escolha do nome que preencherá o slot N1 depende do tipo de conceptualização que o falante deseja imprimir na quantificação do N2.

Mesmo que a construção tenha se mostrado bastante produtiva, isso não significa que haverá, necessariamente, um progressivo aumento da frequência de ocorrência dos novos usos. Foi o que observamos no fragmento de texto apresentado na página 76, no qual *garoa* participa da construção com um propósito comunicativo específico, o de expressar uma quantidade um pouco maior do que *chuvisco* e menor do que *chuva* e *tempestade*. Possivelmente, o uso deste quantificador não virá a se tornar frequente na língua, tendo em vista o contexto marcado no qual se insere.

Quanto à frequência de ocorrência, percebe-se uma distinção considerável na frequência dos subtipos da construção. As 756 ocorrências que constituem nosso *corpus* são assim distribuídas:

	Subtipos	N° de tokens	Frequência (%)
01	Onda	199	26,32%
02	Punhado	61	8,06%
03	Avalanche	54	7,14%
04	Multidão	49	6,48%
05	Montanha	48	6,34%
06	Mar	41	5,42%
07	Pitada	32	4,23%
08	Bando	31	4,10%
09	Batalhão	29	3,83%
10	Enxurrada	24	3,17%
11	Ponta	23	3,04%
12	Bocado	21	2,77%
13	Pilha	13	1,71%
14	Poço	13	1,71 %
15	Mundo	12	1,58%
16	Montão	12	1,58%
17	Rio	11	1,45%
18	Penca	10	1,32%
19	Pá	9	1,19%
20	Gota	8	1,05%
21	Pingo	7	0,92%
22	Caminhão	6	0,79%
23	Inundação	6	0,79%
24	Fiapo	6	0,79%
25	Oceano	5	0,66%
26	Vendaval	4	0,52%
27	Tempestade	4	0,52%
28	Dilúvio	4	0,52%
29	Galáxia	4	0,52%
30	Floresta	4	0,52%
31	Porrada	4	0,52%
32	Enxame	3	0,39%
33	Pelotão	1	0,13%

34	Enchente	1	0,13%
35	Corja	1	0,13%
36	Dedo	1	0,13%

Tabela 5: Frequência de ocorrência dos Nomes Quantificadores

Considerando os limites de nossos *dados*, os números na tabela apontam *onda* como o quantificador mais frequente da construção, seguido por *punhado* e *avalanche*. Dentre os menos frequentes temos Quantificadores como *exame*, *pelotão*, *corja*, *enchente*, *porrada*, etc.

Verveckken (2012) também observou que na construção binominal de quantificação do espanhol alguns subtipos se destacavam em termos de sua recorrência na língua, enquanto outros eram muito pouco frequentes. A pesquisadora sugere, então, que a resposta para a existência de quantificadores de alta e baixa frequência esteja no grau de Persistência da Imagem Conceptual (PIC) de cada subtipo (VERVECKKEN, 2012, p. 425). Retomando brevemente este conceito, a autora explica que os quantificadores, além de denotarem uma quantidade indeterminada, ainda conceptualizam N2 de acordo com sua configuração imagética. Assim, certos traços do N1 como núcleo serão mantidos em seu uso como quantificador e isso fará com que este imponha alguma restrição ao selecionar o N2 que, por sua vez, precisará se ajustar à imagem conceptual de N1.

Nesse sentido, nomes com grau de persistência conceptual maior impõem restrições mais fortes sobre N2 e, conseqüentemente, apresentam um número menor de ocorrências na língua.

Passemos a uma breve reflexão sobre esta hipótese, relacionando-a aos resultados apresentados na tabela acima. Dentre os três quantificadores mais frequentes da tabela, *onda* e *avalanche* apresentam um grau significativo de PIC, como vimos na seção 5.2.2 sobre o esquema de MOVIMENTO e, por isso, como sugere Verveckken, não poderiam figurar entre os NQs mais frequentes da CBQI. Esta constatação já comprometeria a hipótese da autora, contudo, há outro fator que nos impede de testá-la devidamente em nossos dados.

O *corpus* que serviu de fonte para a coleta de nossos dados se limita a textos jornalísticos, os quais parecem privilegiar certos Quantificadores em

detrimento de outros. *Porrada*, por exemplo, parece-nos um Quantificador bastante frequente na língua, embora ocorra apenas 4 vezes em nossos dados. Isso se deve ao fato de que tal nome é próprio da linguagem informal, enquanto o *corpus Cetenfolha* tem como base o Jornal *Folha de São Paulo*, que veicula textos de natureza mais formal.

Já *onda*, o quantificador mais frequente dentre nossos dados, quantifica preferencialmente entidades/eventos do tipo: *assaltos, greves, protestos, crimes, consumo, votos, denúncias, sequestros, violência*, etc. Tais entidades representam alguns dos temas predominantes no gênero jornalístico, tais como política, economia e segurança, privilegiando, assim, o uso do quantificador *onda*. Observem-se alguns exemplos:

(155) *Moro no bairro há vinte anos e nunca vi uma **onda de assaltos tão assustadora**, diz Citelli.a (Luis Henrique Amaral).*

(156) *Lula afirmou que não cabe ao PT definir se os trabalhadores devem fazer uma **onda de greves** ou não.*

(157) *O ministro da Fazenda, Ciro Gomes, ameaça zerar as alíquotas de importação para frear uma possível **onda de aumentos especulativos de preços**.*

Embora em alguns momentos nosso *corpus* tenha nos impedido de realizar uma análise mais abrangente da construção, entendemos que os dados com os quais trabalhamos nos permitiram explorar alguns aspectos relevantes a respeito da dimensão do uso da construção.

Consideremos, agora, nossa proposta de formalização da CBQI no âmbito do Constructicon e algumas considerações sobre a tarefa de anotação de ocorrências dessa Construção utilizando o FrameNet Desktop.

5.4 Anotação da CQBI no Constructicon

Como explicitamos nas seções anteriores, a construção é entendida como um pareamento entre a estrutura N1de N2 e o frame de Quantidade Indefinida, de modo que os nomes que aqui assumimos como Quantificadores só assumem tal função quando preenchem o slot N1 da CBQI. Diante disso, entendemos que esta construção deva ser incluída no Constructicon, que constitui um repertório de construções do PB, as quais são anotadas em termos de suas especificidades sintáticas, semânticas e pragmáticas.

Porém, antes de propor um tratamento computacional para a construção, devemos apresentar os motivos que nos levaram a considerar o Constructicon o ambiente mais adequado para a anotação que se pretende realizar. Isso, pois, como aponta Lage (2013, p. 82), nem todas as construções devem ser descritas no âmbito do Constructicon, já que algumas delas são tratáveis via padrão de valência e, por isso, precisam ser descritas no modo lexicográfico de anotação, ou seja, na *FrameNet*.

Encontramos na FN americana alguns dos NQs de que tratamos neste estudo (ou o que seria o equivalente em inglês desses NQs) anotados por um viés lexicográfico. Esse é o caso de dilúvio (*deluge*), avalanche (*avalanche*), enchente (*flood*), punhado (*handful*), montão (*heap*), montanha (*mountain*), pilha (*pile*), porrada (*shitload*), enxurrada (*torrente*), gota (*trickle*) e onda (*wave*). Contudo, algumas considerações serão feitas com o intuito de justificar nossa escolha pela anotação construcional.

Lage (2013), ao discutir qual seria o melhor tratamento computacional para as construções da família Para Infinitivo, elaborou três critérios que podem auxiliar o pesquisador ao se decidir por uma abordagem lexicográfica ou Construcional. São eles:

- (1) Sendo X um material lexicalmente especificado, existe X na construção em potencial?

De acordo com este primeiro critério, se o dado analisado não apresentar material lexicalmente especificado, o mesmo deverá ser tratado no Constructicon. No caso oposto, o analista deve partir para o segundo critério:

- (2) Sendo F um *frame* e X um material lexicalmente especificado, X evoca F?

Sendo negativa a resposta, ou seja, caso este material lexicalmente especificado não evoque o *frame* esperado, a construção deverá ser anotada no Constructicon. Isto se justifica pelo fato de que X pode estar evocando um *frame* distinto daquele evocado pela construção e, por isso, a construção não poderia ser anotada no modo lexicográfico. Caso a resposta seja positiva, deve-se partir para o terceiro critério:

- (3) Sendo F um *frame* e X um material lexicalmente especificado, X evoca F em outro padrão de valência?

Se mesmo com a mudança do padrão de valência X evocar F então a construção pode ser anotada em uma ferramenta lexicográfica; caso contrário, o tratamento deverá ser Construcional.

Já na aplicação do primeiro critério à CQBI, verificamos que a resposta é negativa. Isso devido à alta esquematicidade do padrão sintático em questão (N1 de N2), pois, como verificamos anteriormente, a CQBI não apresenta qualquer item lexical específico que possa ser considerado responsável pela evocação do *frame* de quantificação indefinida, que é, na verdade, evocado pela construção como um todo. Para ilustrar esta questão, tomem-se os exemplos de preenchimento do padrão N1 de N2:

- (158) pitada de humor
- (159) ponta de ciúme
- (160) bando de europeus
- (161) bocado de tempo

(162) pá de cara pilantra

Todas estas instanciações da CBQI expressam quantificação indefinida e, mais especificamente, pequena quantidade indefinida (158-159) e grande quantidade indefinida (160-162). Além destes nomes que ocupam a posição de N1, há muitos outros que poderiam preencher tal posição, o que pode ser confirmado pela quantidade de NQs aqui estudados e pelos vários exemplos que ilustram a ocorrência, ainda que pontual, de outros Nomes (*exército, lago, garoa*, etc.) nessa construção.

Assim, a ideia de assumir que a lista de NQs que apresentamos constitua o material lexicalmente especificado da CBQI, o que significaria uma resposta positiva em relação ao primeiro critério, nos parece inadequada. Sabemos que essa lista não contempla todos os nomes que podem preencher o padrão N1 de N2. A seleção do Nome que desempenhará essa função sofre influências da experiência de mundo dos falantes (basta observar que antes da grande repercussão do tsunami ocorrido em 2004, dificilmente encontraríamos no PB ocorrências como “*pelo Supremo Tribunal Federal foi um **tsunami de manipulação***”). Além disso, como verificamos nas seções anteriores, a CBQI pode ser instanciada por expressões rotineiras, já consolidadas no sistema de quantificação indefinida, ou ainda ser ampliada, por analogia com estas expressões, de modo que o falante gere novos usos que atendam a um propósito comunicativo específico.

Outra questão relevante nesse sentido, apontada por Lage (2013), é a de que a escolha pela anotação lexicográfica geraria perda de economia e generalização para a descrição. Assim, a anotação lexicográfica nos levaria a anotar cada uma das 36 ULs que investigamos (aqui a descrição perderia em economia) e mesmo assim não estaríamos cobrindo o real uso da construção, tendo em vista a existência de outros NQs que podem participar da construção, mas que ainda não foram identificados (aqui, em generalização). Já a anotação construcional permitiria uma descrição muito mais abrangente e econômica da construção.

Desse modo, a falta de um item lexical específico para evocar a construção já seria suficiente para darmos uma resposta negativa ao primeiro

critério e justificaria, portanto, a escolha pela anotação construcional. Contudo, propomos desenvolver a discussão, considerando brevemente os outros dois critérios elaborados por Lage (2013), os quais, como veremos, corroboram a decisão de um tratamento construcional para o fenômeno aqui abordado.

A fim de discutir a aplicação dos demais critérios, consideremos então o oposto do que foi dito até agora, ou seja, que a nossa lista de NQs constitua um material lexicalmente especificado e que atenda ao primeiro critério postulado. Quanto ao segundo critério (*Sendo F um frame e X um material lexicalmente especificado, X evoca F?*), verificamos que o material lexicalmente especificado, ou seja, cada um dos NQs em questão (*pilha, avalanche, pingo, dedo, etc.*), não evoca diretamente o frame de Quantificação. Eles só o fazem quando se encontram numa configuração sintática específica e, por isso, a resposta a este critério seria negativa. Esta mesma questão nos leva a refletir sobre o terceiro critério (*Sendo F um frame e X um material lexicalmente especificado, X evoca F em outro padrão de valência?*), reafirmando nossa escolha pelo Constructicon. Comparem-se os seguintes exemplos:

(163) *O grande escrete de 1970 despediu-se do Brasil derrotado pelo Atlético sob um **vendaval de vaías**.*

(164) *O **vendaval** de ontem começou logo cedo.*

No exemplo (163), *vendaval* ocupa o primeiro *slot* do padrão N1 de N2 e funciona como quantificador da construção, evocando o frame de Quantificação Indefinida. Já no exemplo (164), este mesmo nome evoca o frame de Fenômenos da Natureza e a expressão *vendaval de ontem* não corresponde ao padrão N1 de N2.

Por estes exemplos, confirmamos que os Nomes que investigamos são Nomes Quantificadores apenas quando inseridos no padrão N1 de N2 e, além disso, que este padrão só corresponde à CBQI quando pareado à noção de Quantificação Indefinida. Verificamos então que, assim como *enxurrada*, os demais NQs não evocam Quantificação Indefinida em outro padrão de valência. Aliás, embora na FN americana seja possível verificar a descrição de NQs

correspondentes aos do PB anotados em termos lexicográficos, ao observarmos as informações disponibilizadas pelo *Lexical Report* (recurso que oferece informações a respeito da realização sintática da UL alvo), veremos que tais nomes só evocarão aquele frame em um padrão sintático específico (o mesmo do PB). Observe a figura referente ao padrão de valência de *flood* (enchente):

Number Annotated	Patterns		
<u>1</u> TOTAL	Individuals	Q_Prop	Quantity
(<u>1</u>)	PP[of] Dep	AJP Dep	DEN --
<u>16</u> TOTAL	Individuals	Quantity	
(<u>16</u>)	PP[of] Dep	DEN --	
<u>1</u> TOTAL	Mass	Q_Prop	Quantity
(<u>1</u>)	PP[of] Dep	AJP Dep	DEN --
<u>5</u> TOTAL	Mass	Quantity	
(<u>5</u>)	PP[of] Dep	DEN --	

Figura 7: Lexical Entry Report da UL *flood*

Embora *flood* tenha sido anotada como UL evocadora do frame de *Quantified_mass* (Massa quantificada), verificamos que este nome evoca tal *frame* apenas quando instancia o padrão PP of Dep (SP de Dep), por isso assumimos que o frame de Quantificação está sendo evocado, na verdade, pela construção. Diante disso, formulamos uma proposta de descrição da CQBI no Constructicon do PB. E embora estejamos assumindo o postulado básico de

que a CQBI é resultante do pareamento forma-sentido, ao anotarmos a construção no Constructicon o faremos apenas em termos de suas propriedades formais. Isso se deve ao fato de que o frame referente à Quantidade (Massa_quantificada) já se encontra descrito na FrameNet e adicionar informações semânticas à descrição causaria redundância no banco de dados (LAGE, 2013, p. 89). Desse modo, num empreendimento futuro da FrameNet, as informações de cunho semântico da construção serão capturadas através da vinculação da definição formal ao frame de Quantificação e do pareamento dos Elementos da Construção aos Elementos de Frame correspondentes.

Segue a proposta de descrição da CQBI no Constructicon:

Quantificação_binominal_indefinida

Definição [Definition]

Um Núcleo expressa quantidade indefinida de uma entidade (N), colocando-a numa escala de quantificação. Esta escala pode variar da quantidade máxima à quantidade mínima, a depender do nome que irá preencher a posição de Núcleo.

Elementos da Construção [Construction Elements]

Núcleo[Head]	Nome transparente que expressa quantidade indefinida de um elemento instanciado pelo SP_de_N.
SP_de_N PP_de_N	Sintagma que codifica a entidade a ser quantificada pelo Núcleo

Exemplos de anotação [Annotation Examples]

Ao abrir as torneiras, nem uma **gota de água.**

No carnaval, um **punhado de mentes perturbadas** tomam conta das telas.

Falta-lhe o ar, interrompendo a **enxurrada de palavras.**

Figura 8: Proposta de definição da Construção de Quantificação Binominal Indefinida no Constructicon

Embora tenhamos mencionado que o frame de Massa_quantificada já esteja descrito na Framenet americana, optamos por não apenas traduzi-lo, mas adaptá-lo a nossa construção, sugerindo algumas modificações. Para que possamos justificar esta proposta, segue abaixo o frame Quantified_mass, como disposto na FN americana:

Quantified_mass

[Lexical Unit Index](#)

Definition:

This frame contains transparent nouns (and some adjectives) denoting quantities of a **Mass** or of **Individuals**. As opposed to aggregate words such as group, set, these **Quantity** do not have a status as Wholes on their own. Initially, at least, we annotate both **Quantity** of **Masses** and of **Individuals** in this frame, though we may split the frame along these lines later on.

He found them in the **DELUGE** of **papers** on his desk.

FEs:

Core:

Individuals [Ind]

A collection of entities.

Excludes: Mass

A **NUMBER** of **concerned citizens** have raised objections.

Mass [M]

A substance that is being quantified.

A **MODICUM** of **seepage on the floor** is to be expected.

Quantity [Qua]

Semantic Type: Quantity

The **Quantity**-denoting **TARGET** word.

I had a **HEAP** of troubles.

Non-Core:

Degree [Deg]

This frame element selects some gradable attribute and modifies the expected value for it.

Q_Prop []

A property of the **Quantity**.

John bought a **large** **HEAP** of **old National Geographics** at the flea market.

Lexical Units:

a bit.n, a few.art, a little.n, a lot.n, abundance.n, all.a, amount.n, any.a, avalanche.n, billions.n, both.a, deal.n, degree.n, deluge.n, dose.n, dozens.n, fair.a, few.a, few.n, flood.n, handful.n, heap.n, hundreds.n, load.n, many.a, many.n, mass.n, measure.n, millions.n, mite.n, modicum.n, mountain.n, multiple.a, myriad.n, no.a, number.n, numerous.a, oodles.n, ounce.n, pile.n, pinch.n, plethora.n, quantity.n, raft.n, scads.n, scores.n, several.a, several.n, shitload.n, smattering.n, stream.n, thousands.n, ton.n, torrent.n, touch.n, trace.n, trickle.n, wave.n

Figura 9: Descrição do frame Quantified_mass na FrameNet americana

Inicialmente, havíamos assumido ser este o frame evocado pela construção, por conta da noção de quantificação indefinida expressa pela maioria de suas ULs, embora a definição não tenha deixado claro o aspecto indefinido deste frame de quantificação. Pode-se observar que muitas ULs contidas neste frame equivalem aos NQs que estudamos neste trabalho, como: *avalanche* (avalanche), *deluge* (dilúvio), *flood* (enchente), *mountain* (montanha), *pile* (pilha), *wave* (onda). No entanto a presença da UL *both* (ambos) sugere que este frame possa não veicular a noção indicada pela CBQI, uma vez que a expressão *ambos* denota, necessariamente, quantificação definida.

A definição deste frame apresenta os Quantificadores como nomes transparentes, pois, do ponto de vista da anotação lexicográfica, os aspectos descritivos perfilados por estes nomes têm pouca influência sobre a determinação do preenchimento dos papéis semânticos (RUPPENHOFER et.al 2010, p.81). Nesse sentido, considera-se mais importante a semântica da entidade sendo quantificada.

Quanto aos Elementos de Frame, observa-se que o elemento *Quantity* corresponde ao que chamamos de Nomes Quantificadores (mar, enxurrada, montanha, etc) enquanto os EFs *Mass* e *Individuals* correspondem ao elemento quantificado (mar de **críticas**; enxurrada de **propostas**; montanha de **lixo**; etc). Passemos aos exemplos do PB:

(165) De onde ele tirou esse **mundo de negócios** que tem ali?

(166) Hoje, contemplar a cidade dali é perder o olhar num **oceano de prédios**.

A divisão destes dois últimos EFs a partir do seu perfilamento como Massivo ou Contável poderá levar a FN a dividir este frame, como pode ser observado na definição do mesmo, porém tal divisão não parece relevante para o propósito do nosso trabalho e, portanto, manteremos estes EFs no mesmo frame, numa relação de Exclusão¹⁷.

O Elemento de Frame *Degree*, como consta na definição, atua como um modificador de grau que altera o valor da quantificação, enquanto o Elemento de Frame *Q_prop* expressa alguma propriedade que modifique diretamente o quantificador. Por serem periféricos, tais EFs não possuem um argumento correspondente na estrutura N1 de N2, entretanto, é possível observarmos alguns casos em que estes se realizam:

(167) É uma **gigantesca floresta de detalhes e de interesses**.

(168) Já há notícias de **nova avalanche de dinheiro externo**

¹⁷ Quando EFs estão numa relação de Exclusão, a escolha por um destes EFs exclui, necessariamente, os demais.

Segue-se, portanto, a proposta de criação do frame de Quantificação_indefinida com alguns ajustes:

Quantificação_indefinida	
Definição:	
Este frame contém nomes transparentes que denotam Quantidade indefinida de elementos Massivos ou Individuais .	
EFs:	
Centrais:	
Individuais [Ind]	Uma coleção de entidades
Exclui: Massivos	Mandou junto um PUNHADO de fotos
Massa [M]	
	Uma substância ou entidade massiva
	Apesar da idade, não perdeu um FIAPO DE sua voz aveludada
Quantidade [Qua]	
Tipo semântico: Quantidade	Nome transparente que denota quantidade
	Hoje é que você vê como o mundo está muito melhor, porque tem um BOCADO de informações
Periféricos:	
Grau [Gr]	Este elemento de frame seleciona algum atributo graduável e modifica o valor esperado
Prop_Q []	Uma propriedade da Quantidade
Lexical Units:	
<i>alguns.a, , muitos.a, poucos.a, vários.a, todos.a.</i>	

Figura 10: Proposta de criação do frame de Quantidade Indefinida

Como se pode notar, não incluímos neste frame os Nomes Quantificadores com os quais trabalhamos por entendermos que a anotação lexicográfica não seja o modo mais adequado de formalização da CBQI. De toda forma, este *frame* seria aquele evocado pela estrutura N1 de N2. A exclusão de *both* nos permitiu descrever um frame de quantificação indefinida e, com isso, incluímos as expressões que tipicamente evocam esta noção a partir de um padrão lexical.

Tendo definido o frame de quantificação indefinida e apresentado a proposta de anotação da construção, cabe ressaltar a necessidade de se realizar a integração entre o banco de dados da FrameNet e do Constructicon, de modo que se tenha uma descrição completa da construção. Esta tarefa de integração, que se encontra na agenda da FN-Br, permitirá o pareamento entre o frame e a construção e, mais especificamente, o pareamento entre os Elementos da Construção Núcleo e EC SP_de_N aos Elementos de Frame Quantificador e Massa ou Individuais, respectivamente.

A respeito das relações que este frame estabelece com outros frames, reconhecemos que algumas destas relações não estão tão claras. O frame de Quantidade interage com o frame Massa_quantificada através da relação Veja também, embora a relação entre estes frames nos pareça mais próxima, como se percebe na relação de herança, por exemplo. No entanto, repensar tais relações demandaria um espaço maior do que dispomos neste trabalho e, por isso, pretende-se retomar tal discussão numa investigação posterior.

No próximo capítulo passamos às sínteses dos ganhos teóricos e analíticos que obtivemos nesta dissertação.

6 Conclusão

Fundamentados nos pressupostos da Linguística Cognitiva e adotando uma abordagem construcionista da linguagem, esta dissertação propôs investigar expressões de quantificação indefinida recorrentes no Português, do tipo: *avalanche de N*, *montão de N*, *mar de N*, *bando de N*, etc, reunindo-as sob o rótulo de **Construção Binominal de Quantificação Indefinida (CBQI)**.

Para tanto, procedeu-se à análise de uma base de dados específica, que teve como fonte o *corpus* Cetenfolha, constituído por 756 ocorrências e 36 subtipos da CBQI. A partir deste conjunto de dados, foi possível lançar nosso olhar para o uso linguístico, uma vez que é nele que o fenômeno aqui estudado emerge. A observação do uso nos possibilitou, dentre outras coisas, verificar a frequência de tipo e a frequência de ocorrência da CBQI, de modo a confirmar nossa intuição inicial de que esta seria uma construção altamente produtiva e convencionalizada no PB.

Ampliando o estudo de Brodbeck (2010), que analisou as expressões *Monte de* e *Chuva de*, recobrimos diversos subtipos da CBQI, sem esgotar, naturalmente, todos os subtipos existentes na língua. Este estudo oferece, assim, uma importante contribuição para a descrição do sistema de quantificação do PB, pois, ao atestar, em dados reais de uso, a ocorrência de 36 Nomes Quantificadores, começa a preencher uma lacuna no que diz respeito aos quantificadores polilexêmicos da língua. Além disso, a proposta de análise desses NQs a partir dos esquemas imagéticos acionados e dos campos semânticos a que pertencem, é um avanço no sentido de reconhecer um sistema coerente, fortemente motivado, que nos permite, inclusive, prever o recrutamento de novos Nomes. Aliás, a escolha do objeto levou em conta, justamente, a profusão de formas que instanciam a construção e sua constante expansão, movida por um processo analógico e fortemente influenciada pelas demandas comunicativas e pela experiência de mundo dos falantes.

Este trabalho também se faz relevante no sentido de que situa a CBQI como uma dentre outras construções binominais existentes no Português, abrindo caminho para o estudo de outras construções da língua. Isso porque, ao caracterizar a CBQI pela associação do padrão sintático N1 de N2 ao frame

de Quantificação Indefinida, foi possível diferenciá-la de outras construções com o mesmo padrão sintático e, ao mesmo tempo, reforçar a necessidade de ampliar o estudo das construções binominais do PB.

Amparados por uma visão corporificada da mente, reconhecemos nos esquemas imagéticos, estruturas conceptuais provenientes da experiência humana com o mundo, a motivação conceptual da CBQI. Ou seja, foi demonstrado que domínios elementares como Verticalidade, Movimento Massivo, relação Parte-todo, dentre outros, são recrutados para estruturar um domínio abstrato, como a Quantidade. Nesse sentido, constatou-se que os Nomes Quantificadores (N1) preservam seus esquemas imagéticos quando inseridos na construção e que tal preservação pode influenciar diretamente no tipo de entidade com a qual serão combinados. Alguns NQs preservam não só o esquema, como também outras propriedades de seu frame básico, as quais são, eventualmente, refletidas na CBQI, de modo a imprimir alguma conceptualização específica sobre N2.

Em consonância com o estudo de Alonso (2010), verificou-se que a estrutura N1 de N2 pode estar vinculada a dois mecanismos básicos: i) ao processo de extração de porção, denotando pequena quantidade indefinida e dando origem a expressões como: *pingo de atitude, pitada de humor, ponta de ironia*; ou ii) ao mecanismo de multiplexização, expressando grande quantidade indefinida e sendo instanciada por expressões como: *porrada de filhos, enxurrada de dólares, pilha de desempregados*. A incorporação de tais hipóteses analíticas em nosso estudo foi relevante no sentido de que permitiu estabelecer algumas distinções entre os Nomes Quantificadores que denotam pequena e grande quantidade, em termos do Número (singular/plural) e do Perfilamento (massiva/contável) do N2 que quantificam.

Para além da relação dentro do sintagma, a análise da CBQI evidenciou que no sistema linguístico esta funciona como uma construção expressiva de quantificação no PB. Assumiu-se, portanto, o postulado de Silva (2008) de que o grau intensivo pode elevar o nível da expressão de quantificação, tornando-a ainda mais indefinida. A variação sistemática de determinados nomes que preenchem N1 indicam a dimensão escalar da construção (*pingo de objetividade; chuva de telefonemas; tempestade de intrigas*).

Já a proposta de anotação da CBQI no Construticon brasileiro revelou o caráter esquemático da CBQI, ou seja, de um padrão formal extremamente produtivo, o qual não é representado por um material lexicalmente especificado. Além disso, a partir desta discussão foi possível evidenciar que os Nomes que participam da CBQI como quantificadores evocam frames distintos do de Quantificação Indefinida quando se encontram em outro padrão de valência. São esses os motivos principais que nos levaram a considerar o Constructicon como o ambiente mais adequado para anotação de nosso objeto.

Em relação às contribuições teórico-metodológicas trazidas por esta dissertação, destacamos a reafirmação da concepção da linguagem como um instrumento de organização, processamento e construção de sentido. A análise que aqui propomos constitui, portanto, um argumento favorável às premissas da centralidade da experiência na arquitetura de nosso sistema conceptual, bem como da existência de estruturas emergentes da experiência (esquemas imagéticos).

Este estudo também reafirma a relevância de se abordar as frequências de tipo e de ocorrência para o reconhecimento da produtividade e da convencionalização da CBQI, corroborando com a hipótese construcionista de que é o uso e a reiteração que constituem os padrões construcionais de uma língua.

Embora, nesse percurso analítico, acreditemos ter contribuído para responder a um “mar de questões” relativas à CBQI, estamos cientes das possíveis lacunas aqui deixadas, tendo em vista que o fenômeno da quantificação abrange, na verdade, um “oceano de questões” ainda a serem discutidas.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALONSO, K. S. B. **Construções Binominais Quantitativas e Construção de Modificação de Grau: Uma abordagem baseada no uso**. 2010. Tese (Doutorado em Linguística). PPG em Linguística, Universidade Federal do Rio de Janeiro, 2010.

BARDDAL, J. **Case in Icelandic – A Synchronic, Diachronic and Comparative Approach Published**. In.: *Lundastudier i Nordisk Språkvetenskap*. Department of Scandinavian Languages, Lund University, 2001.

BRODBECK, R. C. M. S. **Um monte de problemas gera uma chuva de respostas: um estudo de caso de desencontro na quantificação nominal em português**. 2010. Tese (Doutorado em Linguística) – Faculdade de Letras, Universidade Federal de Juiz de Fora, 2010.

CASTILHO, A. T. **Nova Gramática do Português Brasileiro**. São Paulo. Ed. Contexto, 2010.

CROFT, W. **Construction Grammar**. In. GEERAERTS, D. & CUYEKENS, H. *The Oxford Handbook of Cognitive Linguistics*. Oxford – New York: Oxford University Press, 2007, p. 463 – 508.

FILLMORE, C. J. **Frame Semantics**. In. Linguistic Society of Korea (Ed.). *Linguistics in the Morning Call*. Seoul: Hánshin, 1982.

_____. **Border Conflicts: FrameNet Meets Construction Grammar**. In: EURALEX,13, 2008, Barcelona. *Anais... Barcelona: Universitat Barcelona Fabra*, 2008a.

FRANCIS, Elaine J; MICHAELIS, Laura A. (Eds.) **Mismatch: form-function incongruity and the architecture of grammar**. Standford: CSLI Publications, 2003.

GOLDBERG, A. **Constructions at work**. Oxford: Oxford University Press, 2006.

GOLDBERG, A. **Constructions: a construction grammar approach to argument structure**. Chicago: The University of Chicago Press, 1995.

GRADY, J. E. **Image schemas and perception: Refining a definition**. In: HAMPE, Beate & GRADY, Joseph E. *From Perception to Meaning*. Image Schemas in Cognitive Linguistics. Berlin, New York: Mouton de Gruyter, 2005, p.35-55.

HOUAISS, Antonio. **Dicionário Eletrônico Houaiss da Língua Portuguesa**. Versão 1.0.5. São Paulo: Editora: Objetiva, Agosto de 2002.

JOHNSON, M. **The body in the mind**. Chicago: The University of Chicago Press, 1987.

_____. **The philosophical significance of image schemas**. In: HAMPE, Beate & GRADY, Joseph E. *From Perception to Meaning*. Image Schemas in Cognitive Linguistics. Berlin, New York: Mouton de Gruyter, 2005, p. 15-33.

LAGE, **Frames e Construções: A implementação do Constructicon na FrameNet Brasil**. 2013. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Faculdade de Letras, Universidade Federal de Juiz de Fora.

LAKOFF, George. **Women, fire and dangerous things: what categories reveal about the mind**. Chicago: The University Chicago Press, 1987.

_____. **The neural theory of metaphor**. In: GIBBS JR, The metaphor handbook. Oxford: Oxford University Press, 2007.

MASON, J. **Mixing methods in a qualitatively driven way**. Disponível em: <http://qrj.sagepub.com/cgi/content/abstract/6/1/9>

MIRANDA, N. S. **Construções Superlativas do Português do Brasil: um estudo sobre a semântica de escala**. Projeto de pesquisa do Programa de Pós-Graduação em Letras – Mestrado em Lingüística; GP “Gramática e Cognição”, CNPq, Universidade Federal de Juiz de Fora, 2008a.

PETRUCK M. R. L. **Frame Semantics**. In. Jef Verschuerem et. al (Eds.). *Handbook of Pragmatics*. Philadelphia: John Benjamins, 1996.

RUPPENHOFER, J.; ELLSWORTH, M.; PETRUCK, M.; JOHNSON, C.; SCHEFFCZYK, J.; **FrameNet II: Extended Theory and Practice**. Versão 14 set. 2010. Disponível em <http://framenet.icsi.berkeley.edu/> Acesso em 22 de Agosto de 2013.

SALOMÃO, M. M. M. **Tudo certo como dois e dois são cinco**. In.: MIRANDA, N. S. & SALOMÃO, M. M. M. *Construções do Português do Brasil: da Gramática ao Discurso*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2009b, p. 33 – 74.

_____. **FrameNet Brasil: um trabalho em progresso**. In. *Revista Calidoscópico*, Vol. 7, n. 3 – set/dez. São Paulo: Unisinos, 2009c, p. 171-182.

SAMPAIO, T. F. **O Uso Metafórico do Léxico da Morte**, 2007. Dissertação (Mestrado em Linguística). PPG em Linguística - Faculdade de Letras, Universidade Federal de Juiz de Fora, Juiz de Fora, 2007.

_____. **A família de Construções de Argumento Cindido no Português do Brasil**, 2010. Tese (Doutorado em Linguística) – PPG em Linguística – Faculdade de Letras, Universidade Federal de Juiz de Fora, Juiz de Fora, 2010.

SARDINHA T, Berber. **Lingüística de Corpus**. Barueri, SP: Manole, 2004.

SILVA, J. R. **Motivações semântico-cognitivas e discursivo-pragmáticas nos processos de intensificação**. Tese (Doutorado em Letras) – Programa de Pós Graduação em Estudos da Linguagem (PPGEL), Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN), 2008.

SKETCH ENGINE. Disponível em < <https://www.sketchengine.co.uk/> > Acesso de Janeiro a Março de 2013.

TRAUGOTT, E. C. **Constructions and the incremental development of language: Suggestions from the development of degree modifiers in English.** In: ECKARDT, R; JAGER, G; VEENSTRAT, T. (Eds.) *Variation, Selection, Development Probing the Evolutionary Model of Language Change.* Berlim/New York:Mouton de Gruyter, 2008, p. 219-250.

VERVECKKEN, K. **Towards a constructional account of high and low frequency binominal quantifiers in Spanish,** 2012. *Cognitive Linguistics*, p. 421 – 478.